

O FUTURISMO¹

No século XX a pintura, pela primeira vez, rompe radicalmente com as tendências do realismo *naïf*. No século XIX a pintura deve transmitir a percepção; o pintor é escravo da rotina; a experiência cotidiana e científica é conscientemente desprezada por ele. Como se aquilo que conhecemos sobre o objeto fosse uma coisa, e o conteúdo imediato da imagem dos objetos fosse outra, por si mesmo, independentemente. Como se conhecêssemos o objeto apenas por um lado, apenas de um ponto de vista; como se, vendo a testa, esquecêssemos que há a nuca; como se a nuca fosse o outro hemisfério da lua, desconhecido e nunca visto. Do mesmo modo, nos romances antigos, os acontecimentos nos são dados na medida em que eles são conhecidos pelo herói. Há tentativas de aprofundamentos dos pontos de vista do objeto também na pintura antiga, justificados pelo reflexo da paisagem ou do corpo na água ou no espelho. Cf. também a técnica da pintura russa antiga de representar o mártir num mesmo quadro duas ou três vezes nas diferentes situações da ação em andamento, mas somente o cubismo canonizou a pluralidade de pontos de vista. A deformação realizava-se na pintura do passado em proporções insignificantes; assim, por exemplo, admitia-se a hipérbole, ou então a deformação justificava-se pelo uso dos meios humorísticos (caricatura), ornamentais (por exemplo, a teratologia), ou, finalmente, pelas características da própria natureza, por exemplo o claro-escuro. Libertada das necessidades de se justificar pelos atos de Cezanne, a deformação é canonizada pelo cubismo.

Os impressionistas, apoiando-se na experiência científica, já tinham decomposto a cor em seus componentes. A cor deixou de se submeter à percepção da natureza representada. Surgem as manchas coloridas, até mesmo as combinações cromáticas que não copiam nada, que não são impostas de fora ao quadro. O domínio criativo da cor conduz naturalmente à compreensão da seguinte lei: toda inflexão da forma é acompanhada de uma

¹ "Футуризм", artigo publicado originalmente no jornal *Arte* no. 7 (*Искусство*), Moscou, 2/VIII/1919; assinado com as iniciais R. J. (P.Я.). A tradução baseou-se no texto corrigido pelo autor para a edição de suas *Obras reunidas* (*Собраніе сочиненіе* – SW, 1981, III, p. 717-722).

alteração da cor; toda alteração da cor gera novas formas (na formulação de Gleizes e Metzinger).²

Na ciência, ao que parece, essa lei foi pela primeira vez formulada por Stumpf³, um dos pioneiros da nova psicologia, falando sobre a correlação entre cor e forma espacial colorida: a qualidade está relacionada à transformação da extensão. Transformando-se a extensão, transforma-se também a qualidade. A qualidade e a extensão, por sua natureza, são inseparáveis uma da outra, e não podem existir na imaginação independentemente uma da outra. Essa ligação necessária é contraposta à relação empírica de duas partes que não possuem caráter obrigatório, como, por exemplo, a cabeça e o tronco. Essas partes podem ser imaginadas separadamente.

A orientação para a natureza obrigava o pintor a ligar precisamente tais partes, as quais, na sua essência, podem ser separadas; entretanto, a relação mútua entre forma e cor não era percebida. Inversamente: a orientação para a expressão pictórica despertava a compreensão criadora da necessidade dessa última ligação, quando o objeto é dividido livremente (o assim chamado divisionismo)⁴. A linha, o plano, concentram em si a atenção do pintor; ele não pode exclusivamente imitar os limites da natureza; o cubista recorta conscientemente a natureza com os planos, introduz as linhas livres.

A emancipação da pintura do ilusionismo elementar tem como conseqüência a exploração intensiva de diferentes campos da expressão pictórica. As proporções tridimensionais, a assimetria construtiva, a dissonância de cores, a textura, emergem no claro campo da consciência do pintor.

Os resultados dessa percepção são:

1. A canonização de uma série de procedimentos que são a razão essencial que permite falar sobre o cubismo como uma escola.

² A. Gleizes e J. Metzinger. *Du cubisme* (Paris, Figuière, 1912, p.58). A obra foi traduzida para o russo por E. Nizen (S. Petersburgo, Matiuchina, 1913; p. 24) e exerceu grande influência sobre a teoria e a prática dos cubo-futuristas russos.

Albert Gleizes (1881-1953), pintor, escritor e teórico do Cubismo. Participou de exposição de obras cubistas em Moscou em 1912/1913.

Jean Metzinger (1883-1957), pintor e teórico do Cubismo.

³ Karl Stumpf (1848-1936), psicólogo, filósofo, musicólogo, teórico da fenomenologia e precursor da Gestalt. Os conceitos básicos da teoria de Stumpf utilizados por Jakobson neste texto foram publicados pelo psicólogo alemão em *Über psychologischen Ursprung der Raumvorstellung* (Leipzig, 1873).

⁴ Ou pontilhismo, uma das tendências do neo-impressionismo, desenvolvida pelos pintores franceses Georges Seurat (1859-1891) e Paul Signac (1863-1935).

2. O desnudamento do procedimento . Assim, a percepção da textura já não busca para si nenhuma justificativa; torna-se autônoma, exige para si novos métodos de formação, novos materiais. Colam-se no quadro pedaços de papéis, derrama-se areia. Enfim, usa-se cartão, madeira, latão, etc.

O futurismo não introduz quase nenhum procedimento pictórico novo; ele utiliza amplamente os métodos cubistas. Não é uma nova escola de pintura; é, antes, uma nova estética. É o próprio conceito de quadro, de pintura, de arte, que muda. O futurismo produz quadros-slogans, manifestações pictóricas . Nele não há cânones definidos, cristalizados. O futurismo é o antípoda do classicismo.

Fora da intenção (termo da psicologia), fora do estilo (termo da teoria da arte), não há representações do objeto. É característica do século XIX a tendência de ver como se via anteriormente, como de costume – ver à maneira de Rafael, de Boticelli. O presente é projetado no passado; impõe-se o passado ao futuro. Conforme o célebre preceito: “Assim passou o dia, com a graça de Deus. Se Deus quiser, amanhã será igual”⁵.

Nenhuma outra arte, a não ser a figurativa, poderia com tal êxito servir a essa tendência fundamental – fixar o momento do movimento, decompor o movimento numa série de elementos estáticos isolados. Mas a percepção estática é ficção. “Tudo se move, tudo corre, tudo se desenrola rápido. Uma figura não é mais estável diante de nós mas aparece e some incessantemente. Pela persistência da imagem na retina, as coisas em movimento se multiplicam, se deformam, subseguindo-se como vibrações, no espaço que percorrem. Assim um cavalo em corrida não tem quatro patas: tem vinte e os seus movimentos são triangulares.” (Manifesto dos pintores futuristas)⁶.

A percepção estática, unilateral, isolada é um vestígio pictórico, algo parecido com as musas, os deuses e a lira clássicos. Mas nós não atiramos com bacamartes, não andamos de carroça. A nova arte acabou com as formas estáticas, acabou com o último fetiche da

⁵ Citação retirada do romance *Oblómov*, de I. A. Gontcharov.

⁶ A citação foi retirada de “A pintura futurista – Manifesto técnico” (Milão, 11/IV/1910) e não do “Manifesto dos pintores futuristas” (Milão, 11/II/1910), também assinado pelos pintores U. Boccioni, C. Carrà, L. Russolo, G. Balla e G. Severini. Jakobson utilizou a tradução russa do manifesto, realizada por V. Chercheniévitich e publicada no volume *Manifestos do futurismo italiano (Манифесты итальянского футуризма)*, Moscou, 1914; p.11. Na presente tradução, o trecho citado por Jakobson foi reproduzido de acordo com a tradução para o português de N. Rozenchan, constante do volume *O futurismo italiano* (S. Paulo, Perspectiva, 1980; p. 42), organizado por Aurora Fornoni Bernardini.

estática – a beleza. “Na pintura nada é absoluto. O que para os pintores de ontem era verdade, hoje é mentira” – diz o manifesto futurista⁷.

A superação da estática, a expulsão do absoluto são o *pathos* principal dos novos tempos, a questão mais candente da atualidade. A filosofia negativa e os tanques, os experimentos científicos e o *sovdiépii*⁸, o princípio da relatividade e o “Abaixo!” futurista destróem as hortas da velha cultura. A unidade dos “fronts” causa espanto.

“Na época atual, dizem-nos os físicos, vivemos novamente uma destruição do velho edifício científico, mas uma destruição tal que a história da ciência não conhece.” Mas isso ainda não é tudo. Destroem-se verdades que nunca foram enunciadas por ninguém, que não foram afirmadas porque elas pareciam evidentes e porque foram usadas inconscientemente e colocadas na base de toda sorte de discussões. Um traço particularmente característico da nova teoria é o caráter paradoxal inédito de muitas de suas conclusões, até das mais simples: elas contradizem visivelmente aquilo que se costuma chamar “bom senso”⁹. Convém lembrá-los dessas conclusões!

“Do mundo físico desaparece o último vestígio de substância. Como nós imaginamos o tempo? Como algo contínuo e que corre regularmente, a uma velocidade sempre e por toda a parte idêntica. Um mesmo tempo passa no mundo inteiro; não há, e ao que parece, não pode haver dois tempos, que fluiriam em diferentes lugares do universo com velocidades diferentes. Nossas representações da simultaneidade de dois acontecimentos estão ligadas diretamente com isso, com o “antes” e o “depois”: essas três imagens elementares, acessíveis à uma criança, possuem o mesmo sentido, quaisquer que sejam os agentes e o lugar. A noção de tempo comporta para nós algo absoluto, algo plenamente independente. A nova teoria nega o caráter absoluto do tempo e, portanto, também a existência do tempo universal. Cada um dos sistemas em movimento possui seu próprio tempo; a velocidade com que o tempo corre para eles não é igual”¹⁰.

⁷ *Id. ib.* nota anterior.

⁸ Sigla de “Soviet deputatov” (Conselho dos deputados).

⁹ As citações assinaladas nas notas 9, 10, 11, 12 e 13 e 14, como informa Jakobson, foram retiradas das obras *Princípio da relatividade* (*Принцип относительности*, S. Petersburgo, 1914; pp. 6-8, 31, 35 e 45) de D. Khvoison, e *Traços e objetivos específicos do pensamento contemporâneo em ciências naturais* (*Характерные черты и задачи современной естественно-научной мысли*, S. Petersburgo, 1914; pp. 41-43) de N. Úmov. A montagem das citações apresenta alguns erros e omissões não assinaladas pelo autor, que, no entanto, não chegam a comprometer a compreensão dos conceitos enunciados no presente texto.

¹⁰ V. nota 9.

“Existiria um repouso absoluto, ainda que sob a forma de uma noção abstrata, sem existência real na natureza? Do princípio da relatividade decorre que o repouso absoluto não existe.”¹¹

“O tempo mistura-se a todas as dimensões espaciais. Não podemos definir a forma geométrica de um corpo em movimento em relação a nós mesmos. Nós sempre determinamos sua forma cinética. Desse modo, nossas dimensões espaciais situam-se na realidade não num espaço em três, mas num espaço em quatro dimensões.”¹²

“Essas imagens, no campo do pensamento filosófico, devem produzir uma reviravolta maior que o deslocamento da terra do centro do universo por Copérnico. Mas, não é o poder das ciências naturais que ressentimos quando elas nos obrigam a passar do fato empírico incontestável – a impossibilidade de determinar o movimento absoluto da terra – às questões de psicologia? O filósofo contemporâneo exclamou, confuso: “Para além da verdade e da mentira.”¹³

“As novas descobertas fornecem uma quantidade suficiente de modelos para a construção do mundo, mas eles rompem sua antiga arquitetura conhecida por nós e podem se encaixar somente num novo estilo que, por suas linhas livres, deixa bem para trás não só a imagem do velho mundo exterior, mas também as formas fundamentais do nosso pensamento.” (prof. Khvólson. *Princípio da relatividade*; prof. Úmov. *Traços e objetivos específicos do pensamento contemporâneo em ciências naturais*.)¹⁴

Tendências fundamentais do pensamento coletivista: destruição do fetichismo abstrato, destruição dos restos da estática (Bogdánov. *A ciência da consciência social*.)¹⁵

Pois bem, as tendências principais do momento são evidentes em todas as áreas da cultura.

Se os cubistas, imitando o ensinamento de Cézanne, construíam o quadro a partir dos volumes mais simples – o cubo, o cone, a esfera, formando a seu modo as bases primitivas da pintura, então os futuristas, na busca das formas cinéticas, introduzem no

¹¹ V. nota 9.

¹² V. nota 9.

¹³ V. nota 9.

¹⁴ V. nota 9.

¹⁵ *Наука об общественном сознании (Краткий курс идеологической науки в вопросах и ответах)* (Moscou, 1918, pp. 204-205), de A. Bogdanov (A. A. Malinóvski, 1873-1928), escritor, filósofo, economista, sociólogo, ideólogo e teórico da Proletkult.

quadro o cone curvo, o cilindro curvo, o contato das pontas dos cones, os elipsóides curvos, etc; em suma, destroem os limites dos volumes (cf. o manifesto de Carrà).¹⁶

Repetidas, as percepções tornam-se cada vez mais mecânicas; os objetos não são mais percebidos, mas aceitos por confiança. A pintura opõe-se à automatização da percepção, sinaliza o objeto. Mas, ao envelhecerem, também as formas artísticas são aceitas por confiança. O cubismo e o futurismo utilizam amplamente o procedimento da percepção-tornada-difícil que na poesia corresponde à construção em degraus descoberta pelos teóricos contemporâneos.

“Há um encanto todo particular quando mesmo o olhar mais sensível tem dificuldade de compreender os objetos completamente modificados. O quadro se entrega com uma reserva tal, como que à espera de que o interroguem sempre mais. No que se refere a isso, deixemos a Leonardo da Vinci a defesa do cubismo:

- Nós sabemos muito bem, - diz Leonardo da Vinci, - que a vista, por movimentos rápidos, abarca imediatamente uma infinidade de formas, mas, ao mesmo tempo, nós só podemos perceber uma coisa por vez. Por exemplo: você, leitor, abarca com um olhar essa página escrita e logo vê que ela é preenchida por diversas letras, mas você não determina ao mesmo tempo quais são essas letras e o que querem dizer. Você precisará passar de uma palavra para outra, de um verso a outro para perceber essas letras, assim como, para alcançar o topo do edifício, é necessário subir degrau por degrau, caso contrário você não atingirá esse topo.” (citado por Gleizes e Metzinger). Um caso particular de reconhecimento difícil em pintura - quer dizer, das construções do tipo “isso é um leão, e não um cachorro” - são os enigmas que de propósito nos levem à uma pista falsa; cf. o assim chamado reconhecimento falso da poética clássica, ou o paralelismo negativo do gênero épico eslavo.

Aristóteles: “Olham para a representação com prazer, porque, fitando-a, são obrigados a reconhecer e deduzir: o que é isso? Se quem olha nunca viu antes o objeto representado, então a representação proporcionará prazer não pela reprodução do objeto, mas pela elaboração, pelo colorido ou por qualquer outra razão semelhante.” Em outras palavras, já para Aristóteles era óbvio: junto com a pintura que designa a percepção da

¹⁶ Referência ao manifesto “Pintura dos sons, rumores e odores” (Milão, 11/VIII/1913), traduzido por V. Chereheneévitch e incluído no volume *Manifestos do futurismo italiano* (*Манифесты итальянского футуризма*, Moscou, 1914: pp. 69-70).

natureza, existe uma pintura que designa diretamente nossa percepção cromática e espacial (porque se o objeto é desconhecido ou se ele simplesmente escorregou do quadro – isso, no fundo, é indiferente).

Quando o crítico, vendo quadros semelhantes, pergunta: mas o que significa isto, eu não compreendo (o que ele, no fundo, tenciona compreender?), ele se assemelha ao metafísico da fábula: querem retirá-lo do fosso, mas ele questiona: o que é uma corda? Em suma: para ele não existe percepção autônoma. Ao ouro ele prefere as notas de papel como obras mais literárias (mais significativas).

JAKOBSON, R. – “A NOVÍSSIMA POESIA RUSSA”

A NOVÍSSIMA POESIA RUSSA¹

Esboço primeiro: Aproximações a Khlébnikov²

I

Há muito tempo a lingüística não se contenta com o estudo das línguas mortas e das épocas lingüísticas extintas. Os sistemas das línguas passadas são interpretados por nós com dificuldade; não as percebemos plenamente, mas somente em parte, de forma

¹ Este trabalho, fruto de discussões realizadas por Jakobson, seus discípulos e poetas cubo-futuristas (Maiakóvski entre outros), foi apresentado no Círculo Lingüístico de Moscou em maio de 1919 e publicado pela primeira vez em 1921 (Praga). Em 1973, Tzvetan Todorov publicou uma tradução francesa do texto, extremamente reduzida ("Fragments de *La Nouvelle Poésie Russe. Esquisse première: Vélimir Khlébnikov*"), que incluiu no volume *Questions de Poétique* (Paris, Seuil, 1973; pp. 11-24), juntamente com outros ensaios de Jakobson. A tradução em língua inglesa ("The Newest Russian Poetry: Approaches to Khlébnikov"), com menos reduções, foi publicada no volume V dos *Selected Writings* de R. Jakobson (New York, V. Mouton Publishers / The Hague, 1979; pp. 299-354). Na presente tradução para o português foi utilizado o texto original em russo (*Новейшая Русская Поэзия. Набросок Первый*, Praga, 1921), reproduzido em *Работы по Поэтике (Trabalhos sobre Poética)*, Moscou, Progress, 1987, pp.272-313).

Os exemplos citados por Jakobson das obras de V. Khlébnikov foram notificados na última edição russa de acordo como aparecem nos volumes I a V das *Obras Reunidas de Khlébnikov (Собрание Произведений)*, Leningrado, 1928-1933) e em *Obras Inéditas (Неизданные Произведения)*, Moscou, 1940). Nesta tradução para o português, dada à dificuldade ou impossibilidade de recuperar em nossa língua as características sonoras e / ou sintáticas apontadas pelo autor, alguns exemplos foram suprimidos do texto. Essas supressões aparecem notificadas como [...], devidamente indicadas em nota de rodapé, com a reprodução do trecho em russo. Nesses casos, porém, tomou-se o cuidado de manter no texto traduzido pelo menos um dos exemplos citados por Jakobson, de modo a ilustrar o tópico por ele tratado. Outros exemplos, cuja tônica tem a ver com os aspectos fônicos dos versos citados, aparecem transliterados e acompanhados da respectiva tradução entre parêntesis. Na maioria das vezes procedeu-se à tradução literal dos exemplos, sem a preocupação de uma recriação poética mais elaborada, trabalho este que demandaria um poeta *tout court*. Entretanto, para alguns exemplos foram utilizadas as traduções já existentes em português, sobretudo aquelas realizadas por Boris Schnaiderman, Augusto e Haroldo de Campos e publicadas no volume *Poesia Russa Moderna (Nova Antologia)* (São Paulo, Brasiliense, 1985).

² Velimir Khlébnikov (1885-1922). Filho de eminente ornitologista, estudou Física e Matemática, e, depois, Ciências Naturais na Universidade de Kazan. A partir de 1908, continuou seus estudos científicos em Petersburgo. Em 1909, iniciou o aprendizado de sânscrito na Faculdade de Línguas Orientais, de onde se transferiu para a de Letras, a fim de estudar Slavística. De 1910 em diante, dedicou-se inteiramente à literatura. Os contemporâneos deixaram depoimentos impressionantes sobre a sua incapacidade para a vida prática e o seu integral devotamento à poesia. Depois de freqüentar agrupamentos simbolistas e acmeístas, uniu-se aos primeiros futuristas russos, que reconheceram nele um precursor e um mestre. Tal como os demais cubo-futuristas, teve posição favorável à Revolução de Outubro. Em 1921, participou da campanha do Exército Vermelho na Pérsia. Estabelecendo-se a seguir no Cáucaso, foi vigia noturno, o que lhe proporcionou situação material melhor. Desejando publicar suas últimas obras, transferiu-se para Moscou, então presa de fome. Mal sucedido nessas tentativas, regressou ao Sul com a saúde completamente abalada. Sua morte passou quase despercebida, o que provocou um artigo indignado de Maiakóvski. Somente em 1928, saiu uma edição de suas obras, em cinco volumes, que seria completada com inéditos em 1940. Por muitos anos, seu nome ficou excluído de enciclopédias e histórias da literatura. Atualmente, porém, parece que se está generalizando o reconhecimento do seu papel decisivo como renovador da poesia russa. (Via *Poesia Russa Moderna*, São Paulo, Brasiliense, 1985).

aproximada; além disso, compreendemos seus elementos interpretando muito. Os documentos dos quais tiramos todos os nossos dados sobre a língua do passado são sempre imprecisos.

Em razão disso tudo, propõe-se, com grande insistência, a necessidade do estudo das falas contemporâneas. A dialetologia torna-se o impulso principal da revelação das leis lingüísticas básicas, e somente o estudo dos processos da linguagem viva permite penetrar no enigma da estrutura petrificada da língua dos períodos passados. Apenas em relação à língua contemporânea, evidentemente, é empregado o procedimento do recorte de tempo, o assim chamado método sincrônico, que possibilita separar os processos vivos das formas petrificadas, sistemas produtivos de “poeira lingüística” (termo de F. de Saussure), que possibilita perceber não apenas as leis lingüísticas que se cristalizaram, mas também as tendências que estão se delineando.

Quando se trata dos fenômenos lingüísticos do passado, é difícil evitar a esquematização e uma certa mecanização. A atual fala das ruas é mais compreensível do que a língua do “Stogláv”³ não apenas para o homem comum, mas também para o filólogo. Assim também os versos de Púchkin⁴, *como fato poético*⁵, agora são mais incompreensíveis, mais obscuros que os de Maiakóvski⁶ ou Khlébnikov.

³ Obra em eslavo-eclesiástico da literatura russa antiga (1551), que reunia decisões emanadas no Concílio homônimo, acerca de regras de comportamento, preceitos religiosos, etc.

⁴ Aleksandr Serguéievitch Púchkin (1799-1837), poeta, prosador e dramaturgo, considerado o fundador da literatura russa moderna.

⁵ Grifo do autor.

⁶ Vladímir Vladímirovitch Maiakóvski (1893-1930). Filho de um guarda florestal, nasceu e passou a infância na aldeia de Bagdádi, nos arredores de Kutaíssi (hoje Maiakóvski), na Geórgia. Coursou o ginásio de Kutaíssi. Após a morte súbita do pai, a família ficou na miséria e transferiu-se para Moscou, onde Vladímir continuou seus estudos. Fortemente impressionado pelo movimento revolucionário russo e impregnado desde cedo de obras socialistas, ingressou aos quinze anos na facção bolchevique do Partido Social-Democrático Operário Russo. Detido em duas ocasiões, foi solto por falta de provas, mas em 1909-1910 passou onze meses na prisão. Entrou na Escola de Belas Artes, onde se encontrou com David Burlíuk, que foi o grande incentivador de sua iniciação poética. Os dois amigos fizeram parte do grupo fundador do assim chamado cubo-futurismo russo, ao lado de Khlébnikov, Kamiénski e outros. Foram expulsos da Escola de Belas Artes. Procurando difundir suas concepções artísticas, realizaram viagens pela Rússia. Com a Revolução de Outubro, todo o grupo manifestou sua adesão ao novo regime. Durante a Guerra Civil Maiakóvski se dedicou a desenhos e legendas para cartazes de propaganda e, no início da consolidação do novo Estado, fez propaganda de campanhas sanitárias, publicidade de produtos diversos, etc. Fundou em 1923 a revista LEF (de *Liévi Front*, Frente de esquerda), que reuniu a “esquerda das artes”, isto é, os escritores e artistas que pretendiam aliar a forma revolucionária a um conteúdo de renovação social. Fez inúmeras viagens pelo país, aparecendo diante de vastos auditórios para os quais lia os seus versos. Viajou também pela Europa Ocidental, México e Estados Unidos. Entrou freqüentemente em choque com os “burocratas” e com os que pretendiam reduzir a poesia a fórmulas simplistas. Foi homem de grandes paixões, arrebatado e lírico, épico e satírico ao mesmo tempo. Suicidou-se com um tiro em 1930. Sua obra, profundamente revolucionária na forma e nas idéias que defendeu, apresenta-se coerente, original, veemente, una: A linguagem que emprega é a do dia a dia, sem nenhuma consideração pela divisão em temas e vocábulos “poéticos” e “não-poéticos”. Criou longos poemas

Cada fato da língua poética atual é percebido por nós num confronto inevitável com três momentos: a tradição poética presente, a língua prática de hoje e a tendência poética que está adiante dessa manifestação particular.

É assim que Khlébnikov descreve o último momento:

*“Quando eu percebi que versos antigos perdiam o brilho
repentinamente, que seu conteúdo oculto tornava-se o dia de hoje,
compreendi que a pátria da criação é o futuro. De lá sopra o vento
dos deuses da palavra.” [II,8]*

Ao tratarmos dos poetas do passado, esses três momentos devem ser restaurados, o que se consegue apenas parcialmente e com dificuldade.

No seu tempo, os versos de Púchkin eram, na expressão de uma revista contemporânea, “um fenômeno na história da língua russa e da versificação”, e nessa época o crítico ainda não refletia sobre “a sabedoria de Púchkin”, mas indagava: “Como é possível que esses belos versos tenham um sentido? Como é possível que eles não ajam somente no nosso ouvido?”

Hoje em dia Púchkin é um objeto de uso caseiro, um poço de filosofia doméstica. Hoje, evidentemente, os versos de Púchkin são aceitos como versos, sem objeções, petrificaram-se, tornaram-se objeto de culto. Não foi por acaso que especialistas em Púchkin, como Lerner e Chtcheglov, comeram mosca recentemente, ao tomar a imitação hábil de um jovem poeta como obra autêntica do mestre.

Versos à moda de Púchkin são impressos agora com a mesma facilidade que os falsos *kérenki*⁷: são desprovidos de valor próprio e só circulam como substitutos do metal sonante.

Temos a tendência de falar da leveza, da imperceptibilidade da técnica como uma característica particular de Púchkin. E isso constitui um erro de perspectiva. Para nós, o verso de Púchkin é um clichê; daí a conclusão natural de que ele é simples. Não era

e quadras e dísticos que se gravam na memória; ensaios sobre a arte poética e artigos curtos de jornal; peças de forte sentido social e rápidas cenas sobre assuntos do dia; cenários de cinema arrojados e fantasiosos e breves filmes de propaganda. Tem exercido influência profunda em todo o desenvolvimento da poesia russa moderna. (*Poesia Russa Moderna*, São Paulo, Brasiliense, 1985).

⁷ Notas criadas durante o governo provisório de A. Keriénski em substituição à moeda corrente, que circularam na Rússia de 1917 a 1920.

absolutamente assim para os contemporâneos de Púchkin. Reparem em suas reações, reparem no próprio Púchkin. Por exemplo: para nós o pentâmetro iâmbico sem a cesura é fluente e fácil. Púchkin já o *sentia*⁸, ou seja, ele o sentia como uma forma difícil, como uma desorganização da forma precedente.⁹

*“Devo confessar que na linha de cinco pés
Agrada-me a cesura no segundo pé.
Senão o verso ora está no cômodo, ora na cova,
E ainda que deitado agora num canapé,
Parece-me estar sempre correndo numa telega,
Aos trancos, por uma lavoura coberta de gelo.”*

*(Casinha em Kolómna)*¹⁰

A forma existe para nós somente enquanto nos é difícil percebê-la, enquanto sentimos a resistência do material, enquanto hesitamos: o que é isso – prosa ou verso, enquanto temos “dor nos maxilares”, como teve, de acordo com o testemunho de Púchkin, o general Ermólov¹¹ ao ler os versos de Griboiédov¹².

Entretanto, até hoje, a ciência trata apenas dos poetas mortos, e se toca de vez em quando nos vivos, é somente nos que se apagaram, nos que já foram premiados na loteria literária. O que se tornou truismo na ciência da língua prática, ainda é considerado uma heresia na ciência da linguagem poética, que, de modo geral, anda até hoje na rabeira da lingüística.

Os pesquisadores da poesia do passado costumam impor a esse passado seus hábitos estéticos, projetar nele os métodos correntes de produção poética. Essa é a causa da inconsistência científica das teorias rítmicas dos modernistas, que leram em Púchkin a

⁸ Grifo do autor.

⁹ No século XVII, por influência da poesia polonesa, o sistema métrico silábico é introduzido na versificação russa, perdurando até o final da terceira década do século seguinte. No século XVIII, Lomonóssov e Trediakóvski, com base na métrica das canções populares russas e na versificação greco-latina, instituem a multiplicação tônica como modelar e mais apropriada à poesia russa. Púchkin (1799-1837) elege o iambo e o troqueu como pés mais adequados à marcação rítmica de seus tetrâmetros, pentâmetros e hexâmetros.

¹⁰ *Домик в колодне*

¹¹ Aleksei Petróvitch Ermólov (1772-1861), general russo que participou da campanha contra Napoleão e depois foi nomeado administrador-geral da Geórgia e comandante das tropas do Cáucaso.

¹² Aleksandr Serguéievitch Griboiédov (1795-1829), diplomata e dramaturgo, autor da famosa peça *A Desgraça de Ter Engenho* (*Горе от Ума*).

deformação atual do verso sílabo-tônico. O passado é examinado – pior do que isto, é julgado – do ponto de vista do presente, mas uma poética científica só se tornará possível quando ela renunciar a qualquer apreciação, pois não seria absurdo para um lingüista, como tal, avaliar os advérbios de acordo com seus méritos comparados? O desenvolvimento de uma teoria da linguagem poética será possível somente quando a poesia for tratada como um fato social, quando se criar uma espécie de dialetologia poética.

Do ponto de vista desta última, Púchkin é o centro da cultura poética de um momento determinado, com uma determinada zona de influência. Desse ponto de vista, os dialetos poéticos de uma zona, que tendem para o centro cultural de outra, como os dialetos da língua prática, podem ser subdivididos em: dialetos transitórios, que assimilam do centro de gravidade uma série de cânones; dialetos semi-transitórios, que assimilam do centro de gravidade determinadas tendências poéticas, e dialetos mistos, que assimilam fatos, procedimentos alheios isolados. Finalmente, é necessário levar em conta a existência de dialetos arcaizantes, de tendência conservadora, cujos centros de gravidade pertencem ao passado.

II

Khlébnikov é chamado de futurista. Seus versos são publicados nas coletâneas futuristas. O futurismo é um novo movimento na arte européia. Eu não daria aqui uma definição mais precisa deste termo. Ela pode ser dada somente de modo indutivo, mediante a análise de uma série de complexos fenômenos artísticos.

Toda formulação feita *a priori* peca pelo dogmatismo, cria uma distinção artificial prematura entre o futurismo verdadeiro e o pseudofuturismo, e assim por diante. Não quero repetir o erro metodológico de alguns contemporâneos do romantismo, que atribuem a essa escola poética, no dizer de Púchkin, toda a obra que traz em si a marca do desalento ou do espírito sonhador, e daqueles que hoje chamam de romantismo o neologismo e os erros gramaticais. [...]

A tese foi proposta pelo futurismo russo:

A partir do momento em que há uma nova forma, significa que

há um novo conteúdo; assim, a forma condiciona o conteúdo.

Nossa verbocriação lança uma nova luz em tudo.

Não são os novos objetos da criação que determinam sua verdadeira novidade.

A nova luz, projetada sobre o velho mundo, pode resultar num fogo mais complicado. (Krutchónikh¹³, Coletânea "Os três").¹⁴

Aqui, a consciência do objetivo poético é tomada com clareza, e são justamente os futuristas russos os fundadores da "poesia autoforjada"¹⁵, da palavra com valor próprio" como do material desnudado que é *canonizado*¹⁶. E já não surpreende que os poemas longos de Khlébnikov tenham a ver ora com os meados da idade da pedra, ora com a guerra russo-japonesa¹⁷, ora com os tempos do príncipe Vladímir¹⁸ ou com a campanha de Asparukh¹⁹, ora com o futuro mundial. [...]

No pensamento verbal prático normal, segundo a formulação de L. V. Chtcherba²⁰, "a consciência não distingue as sensações recebidas e o resultado da assimilação como dois momentos separados no tempo; em outras palavras, nós não reconhecemos a diferença entre as sensações dadas objetivamente e o resultado desta percepção".

Nas linguagens emotiva e poética, as representações verbais (tanto fonéticas como semânticas) atraem sobre si uma atenção maior; a ligação entre o aspecto sonoro e a

¹³ Aleksei Krutchónikh (1886-1968). Nascido num povoado da Criméia, cursou a Escola de Belas Artes de Odessa. Em 1912, publicou "Jogo no inferno", poema escrito em colaboração com Khlébnikov. Membro do grupo cubo-futurista; foi um de seus teóricos. Muito preocupado com as novas possibilidades experimentais que se abriam, elaborou um sistema peculiar de "linguagem transmental". Seus trabalhos eram editados em pequenas brochuras, de tiragem limitada, freqüentemente com ilustrações de Maliévitch, Kúlbín e outros artistas de vanguarda. É autor do primeiro livro sobre Maiakóvski, publicado em 1914. Na década de 1920 escreveu romances policiais em verso. A partir de 1930, publicou somente artigos isolados e guias bibliográficos.

¹⁴ Manifesto "Novos Caminhos da Palavra" («Новые пути слова»), publicado na coletânea *Os três* (*Трое*, Moscou, 1913). Reproduziu-se aqui a tradução do manifesto para o português, inserida na Dissertação de Mestrado *Materiais para um Estudo do Cubo-futurismo Russo* (São Paulo, FFLCH/USP, 1985; p. 124) de Homero Freitas de Andrade. O segundo parágrafo da citação feita por Jakobson está incompleto. Consta no referido manifesto: "Nossa verbocriação é suscitada por um *novo aprofundamento do espírito* e lança sobre todas as coisas uma nova luz" (Cf. *Materiais para um Estudo do Cubo-futurismo Russo*, p. 124).

¹⁵ Os franceses costumam traduzir o neologismo khlebnikoviano "samovítioie" por "autônomo" (Cf. Roman Jakobson, *Questions de Poétique*, cit., p. 13).

¹⁶ Grifo do autor.

¹⁷ Guerra ocorrida em 1904 / 1905, na qual os russos foram derrotados.

¹⁸ Grão príncipe de Kiev, responsável, no século X, pela introdução do cristianismo na Rússia.

¹⁹ Fundador do reino búlgaro, primeiro estado eslavo nos Bálcãs, que viveu entre 646 e 700.

significação é mais estreita, mais íntima, e, em virtude disso, a linguagem torna-se mais revolucionária, uma vez que as associações habituais de contigüidade passam para o segundo plano. Cf., por exemplo, a vida rica em alterações fonéticas e morfológicas das palavras-slogans e dos nomes próprios em geral.

Mas com isso esgota-se a semelhança entre as linguagens emotiva e poética. Se na primeira a emoção dita as leis para a massa verbal, se justamente “a fúria do vapor da agitação faz explodir a tubulação do período sintático”²¹, então a poesia, que não passa de *um enunciado que visa à expressão*²², é regida, por assim dizer, por leis imanentes; a função comunicativa, característica tanto da língua prática como da linguagem emotiva, é reduzida aqui ao mínimo. A poesia é indiferente em relação ao objeto do enunciado, assim como, de acordo com a formulação de Saran²³, a prosa prática, ou mais precisamente, objetiva (*sachiliche*), é indiferente, mas no sentido inverso, em relação, por exemplo, ao ritmo.

Naturalmente, a poesia pode utilizar os métodos congêneres da linguagem emotiva em seus próprios objetivos, e tal utilização é característica, sobretudo, das etapas iniciais de desenvolvimento desta ou daquela escola poética, como do romantismo, por exemplo. Mas não é a partir dos “Affektträger”, de acordo com a terminologia de Sperber²⁴, nem das interjeições e nem das palavras interjetivas da reportagem histórica decretada pelos futuristas italianos que se forma a linguagem poética.

Se as artes plásticas são uma configuração do material visual de valor próprio, se a música é a configuração do material sonoro de valor próprio, e a coreografia, a do material gestual de valor próprio, então a poesia é a configuração da palavra de valor próprio, “autoforjada” – como diz Khlébnikov.

A poesia é a língua em sua função estética.

Desse modo, o objeto da ciência da literatura não é a literatura, mas a literaturidade²⁵, ou seja, o que faz de uma determinada obra uma obra literária. Entretanto, até agora, os historiadores da literatura, na maioria dos casos, assemelhavam-se à polícia,

²⁰ L. V. Chtcherba. *Русские гласные в количественном и качественном отношении*. (Vogais russas na relação quantitativa e qualitativa) S. Petersburgo. 1912. p.2. Essa obra foi lançada em edição facsimilar pela editora “Nauka” (Leningrado. 1983).

²¹ Extraído de um manifesto de Marinetti, poeta e teórico do futurismo italiano.

²² Grifo do autor.

²³ F. Saran. *Deutsche Verslehre*. München. 1907. S. 7.

²⁴ Sperber. *Über den Affekt als Ursache der Sprachveränderung*. Halle. 1914, S. 19.

que, tendo como objetivo prender um determinado indivíduo, apanharia, por via das dúvidas, tudo e todos que encontrasse no apartamento, e também os que por acaso estivessem passando pela rua. Desse modo, os historiadores da literatura serviam-se de tudo: da vida cotidiana, da psicologia, da política, da filosofia. Em lugar de uma ciência da literatura criava-se um conglomerado de disciplinas caseiras. Como se se esquecesse de que esses artigos remetem às ciências correspondentes: a história da filosofia, a história da cultura, a psicologia, etc, e que essas últimas podem, perfeitamente, utilizar os monumentos literários como documentos defeituosos, de segunda ordem. Se a ciência da literatura quer se tornar ciência, ela deve reconhecer o “procedimento” como seu único “herói”. Depois disso, a questão fundamental é a questão da aplicação, da justificação do procedimento.

O mundo da emoção, das vivências espirituais constitui uma das aplicações mais precisamente, uma das justificações mais habituais da língua poética; é o lugar do armazenamento, onde se amontoa tudo que não pode ser justificado, aplicado na prática, que não pode ser racionalizado.

Quando Maiakóvski diz:

*“Eu lhes abrirei com palavras simples, como um mugido,
Suas almas novas, que zumbem como os arcos dos fanais.”*
(*Vladimir Maiakóvski. Tragédia*)²⁶,

o fato poético está nas “palavras simples, como um mugido”, ao passo que a alma é um fato secundário, acessório, excrecente.

Os românticos são constantemente caracterizados como os pioneiros do mundo espiritual, os bardos das vivências espirituais. Entretanto, para os contemporâneos, o romantismo era entendido exclusivamente como uma renovação da forma, como uma destruição das unidades do classicismo. E os testemunhos dos contemporâneos são os únicos depoimentos que importam:

²⁵ “*Literatúrnost*”, no original. Termo cunhado pelos formalistas para designar o caráter literário da obra literária.

²⁶ O poema-tragédia *Vladimir Maiakóvski* foi escrito em 1912-1913, quando o poeta tinha 20 anos. Nessa época, Maiakóvski atacava o naturalismo realista do teatro russo, apresentando-se em público, num misto de conferência e de espetáculo circense, para ler suas obras, juntamente com os demais cubo-futuristas. A

“Seriam necessários à imaginação e ao sentimento, aos legítimos juizes da obra poética, o resultado matemático e a exposição direta dos objetos, que se submetem à sua visão? Seria necessário que as idéias se sucedessem numeradas diante deles, uma atrás da outra, numa fila intermitente, para a soma do total pleno e exato? Parece suficiente registrar os milhares e as centenas, e as unidades ficam subentendidas. O viajante, ao apreciar do alto a paisagem ao redor, transpõe os espaços das baixadas e abarca unicamente os relevos pitorescos do espetáculo que se desenrola diante dele. O pintor, ao representar esse quadro numa tela, segue a mesmíssima lei e, obedecendo aos efeitos de perspectiva, transpõe para sua tela somente aquilo que se destaca da massa geral. Byron seguia esse raciocínio em sua narrativa. Ao passar do universo físico para o universo moral, ele usou essa mesma regra. Byron, consonante mais do que todos os outros com sua própria época, não pôde deixar de refletir em suas obras também esse importante indício. Deve-se aceitar que em relação à história não conseguiríamos vivenciar aquilo que vivenciamos em nossa própria época, caso os acontecimentos atuais se desenvolvessem gradualmente, como antes, contornando o círculo predeterminado do velho mostrador: hoje em dia, o ponteiro do tempo salta os minutos e só marca as horas. Na antiguidade clássica os exércitos sitiavam uma cidade por dez anos, e os aedos faziam em seus poemas o registro militar diário do cerco e os feitos de cada combatente em particular; na novíssima época, a romântica, eles transpõem as fortalezas da estrada militar e apressam-se diretamente para o desfecho, para o resultado da guerra; os poetas mais ainda: já não cantam nem os cercos, nem as conquistas das cidades. Eis um dos sinais característicos do nosso tempo: a tendência às conclusões. Nós saltamos tanto na escrita como na vida as partículas conjuntivas dos detalhes enfadonhos e nos encaminhamos para os resultados, que, diga-se de passagem, na verdade nós não temos, e, a contragosto, recorremos a um galicismo, porque as conseqüências, as conclusões, as deduções – são todas inexatas e não expressam suficientemente a idéia atribuída a essa palavra. Tanto nas histórias verídicas, como também nos contos maravilhosos nós já não recebemos uma criança desde a pia batismal e não a acompanhamos até a velhice avançada e, finalmente, até a sepultura, secundando, dia após dia, seus desjejuns, almoços, merendas e jantares cotidianos. Nós acreditamos quando um autor diz que seu herói ou heroína comem e bebem, assim como nós simples mortais, e exigimos dele que nos sejam mostrados apenas nos momentos decisivos; de resto, não queremos nos envolver nos assuntos domésticos.”²⁷

tragédia foi encenada pela primeira vez no Teatro Luna Park de S. Petersburgo, em 1913. O elenco, formado de amadores e estudantes, trazia o próprio Maiakóvski no papel título.

²⁷ Publicado no *Moskóvski Telegraf* (Telégrafo de Moscou), 1827, seção 15, N.º 10, sem identificação do articulista.

“A precisão uniforme dos atos e dos acontecimentos, descritos nos poemas, as batalhas exaustivas, o amor insensato, as paixões personificadas que impulsionam o coração humano, como um relógio, para a hora marcada em que o herói deve agir, a magia ou a força suprema, que surgem sempre que o autor precisa se livrar astuciosamente de alguma circunstância da trama, todas estas molas enfraqueceram-se demais com o uso excessivo, e uma grande quantidade de poemas encontrava muito poucos leitores. Não menos exaustivas tomaram-se as infundáveis introduções às canções, os episódios, as descrições minuciosas dos lugares, a genealogia dos heróis e as eternas exclamações: “eu canto” ou “invocação da Musa”. Em suma, as pessoas exigiam algo mais dos poemas, sentiam que talvez houvesse algo melhor, mais forte, mais interessante, - e esperavam... Byron, percebendo a exigência de sua época, começou a usar uma linguagem próxima do coração dos filhos do século XIX. Compreendendo perfeitamente as exigências dos seus contemporâneos, criou uma nova linguagem para a expressão das novas formas. A descrição metódica, pormenorizada, todas as explicações preliminares, as introduções, a pesquisa *ab ovo* são repelidas por Byron. Ele começou a narrar a partir da metade do acontecimento ou do fim, não se preocupando em absoluto com a ligação das partes. Seus poemas são criados a partir de fragmentos...”²⁸

Pois bem, é evidente que um determinado procedimento literário era justificado pela lógica – pelo aproveitamento da alma titânica massacrada e da imaginação sem limites.

Nos sentimentalistas encontramos o mesmo procedimento em estado embrionário, o procedimento racionalizado, por exemplo, pela assim chamada viagem sentimental. Do mesmo modo, os elementos místicos e de filosofia da natureza do *credo*²⁹ literário romântico constituem somente a justificação de uma construção poética irracional. Também cabem aqui, como motivo poético, os sonhos, o delírio e outros fenômenos patológicos. Uma ilustração característica desse mesmo tipo é o simbolismo.

Tomemos, por exemplo, uma *pribakilotchka*³⁰ do tipo: “Eu vinha andando, havia uma *izbá*, entrei, a massa estava amassando a mulher, eu ri e a massa não gostou, ela pegou

²⁸ Publicado em *Syn Otiéchestva* (*O filho da Pátria*), 1829, seção 125, n.º 15, sem identificação do articulista.

²⁹ Em latim no original.

³⁰ Forma discursiva típica da *skazka* (conto maravilhoso) e das narrativas folclóricas, que consiste numa série de ditos espirituosos ou trocadilhos picantes em que atributos e ações próprios de uns são atribuídos a outros, criando associações ridículas quando não absurdas.

o fogão da pá, querendo bater; eu pulei por cima das calças, derrubei a soleira e saí correndo”³¹ - e comparemos com um fragmento de Gogol³²:

“(…) tudo nele se transformou num tremor indefinido, todos os seus sentimentos ardiavam e tudo a sua frente se revestiu de uma espécie de névoa. A calçada corria por baixo dele, as carruagens, com seus cavalos galopantes, pareciam imóveis, a ponte esticava-se e quebrava-se sobre o seu arco, a casa erguia-se com o telhado para baixo, a guarita caía ao seu encontro e a alabarda da sentinela, juntamente com as palavras douradas de uma placa e umas tesouras desenhadas, parecia brilhar sobre a própria pestana de seus olhos. E tudo isso foi provocado por um olhar, um voltar-se da charmosa cabecinha.”³³

O procedimento, que na *pribakúlotchka* é justificado pelo uso do humor, em Gogol é traduzido pela emoção.

No poema “O grou”³⁴, de Khlébnikov, um menino vê que as chaminés das fábricas começaram a dançar, que estava acontecendo uma revolta dos objetos.

“Na praça, na umidade que vem da esquina,
Onde a agulha radiante de ouro
Cobriu o cemitério dos tzares,
Lá, um menino, tomado de pavor,
murmurava: por Deus!
Olhe: as chaminés começaram a cambalear,
Feito bêbadas!
Os lábios do gago ficaram pálidos de horror,
E o olhar nas alturas pregado.
O quê? O menino sonha acordado?

³¹ Exemplo retirado de *Contos Maravilhosos do Norte* (*Северные сказки*.. São Petersburgo. 1909: p. 74) de N. Omchukov.

³² Nikolai Vassilievitch Gogol (1809-1852), escritor e dramaturgo, considerado um dos mestres da prosa russa. Sua prosa é marcada pela utilização de recursos e procedimentos típicos dos contos maravilhosos populares.

³³ Trecho do conto “Avenida Niévski”, traduzido por Svetlana Kardash (*Avenida Niévski*. São Paulo. Ars Poetica, 1992; p. 31).

Chamo o menino.

Mas ele não responde e de repente corre:

- Que pulos terríveis!

Eu tiro lentamente os óculos.

E realmente as chaminés erguiam seus pescoços.” [I, 76]

Temos aqui a realização daquele mesmo tropo, a projeção do procedimento literário na realidade artística, a transformação do tropo poético em fato poético, a construção do enredo. Mas aqui toda esta construção ainda se justifica, em parte racionalmente, com o auxílio da patologia.

Entretanto, em outro poema de Khlébnikov, “A Marquesa Dezès”³⁵, já não há nem mesmo esta motivação. Numa exposição, os quadros ganham vida. Em seguida, ganham vida os outros objetos, enquanto as pessoas ficam petrificadas.

“Mas por que o sorriso com a modéstia de uma aluna está prestes a responder:

Pois não, eu sou de pedra e azul.

Mas por que, sem piedade nem esperança, de supetão,

Baixaram as vestes dos corpos enevascados³⁶?

O coração, capaz de perceber os sentimentos mais elevados,

Tornou-se de repente um torrão de argila louca!

Rindo, rosnando e grasnando com estardalhaço,

A besta rebela-se contra o ricaço

À sombra invisível de uma pistola³⁷

Eles acenderam a revolta dos escravos.

³⁴ «Журавль», poema em que as chaminés, as pontes e os trilhos em revolta montam um pássaro gigante, que se levanta sobre a cidade e ameaça o gênero humano.

³⁵ «Маркиза Дзэс», publicado inicialmente na coletânea *Viveiro de Juizes (Садох Судей)* em 1909. O poema, na verdade uma peça teatral em versos, imita o estilo dos versos livres de Griboiédov, de quem Khlébnikov admirava a comédia clássica *A Desgraça de Ter Engenho*. O trecho citado pertence à fala da Marquesa, que abre a cena final, e descreve o jardim de verão de Petersburgo, com suas estátuas, durante uma exposição. Nesse evento, os animais e os objetos representados nos quadros tomam vida, enquanto a Marquesa e seu confidente transformam-se em estátuas nuas.

³⁶ «Оснеженный» é um neologismo; para “coberto de neve” os dicionários registram «оснеженный» ou «оснеженый».

³⁷ “Pugatch” (pistola de brinquedo), no original. Sonoramente, a palavra remete a Pugatchov, chefe da maior sublevação camponesa contra a servidão, ocorrida na Rússia de 1773 a 1775. A palavra remete ainda à designação popular do mocho e também pode ser associada à “pessoa que mete medo”.

E quem são suas vítimas? Somos nós mesmos, as pessoas!
Galinhas azuis e rubro-verdes
Descem dos chapéus e bicam os artigos dos gringos,
Os remendos dourados dos dentes.
Os que ficam parecem egressos das tumbas.
Lá vai, dentes arreganhados, a galope, um casal níveo de arminhos,
E também, abandonando os ombros, o azul vivo de um galo.
Lá espiga o centeio como um feixe hirto.
E o rosto das pessoas lhe causa arrepios.
Um pintassilgo faz o ninho na boca admirada de um sujeito.
E tudo chegou ao limite do mistério.” [IV, 234]

Encontra-se uma realização análoga do procedimento e o seu desnudamento de qualquer motivação lógica na *Tragédia* de Maiakóvski (um milagre literário).

“E de repente
Todas as coisas
Precipitaram-se,
Rasgando a voz,
A despir os farrapos dos nomes surrados
Vitrinas de vinho,
Como pelo dedo de satanás,
Por si mesmas jorraram no fundo dos cantis.
Do alfaiate abismado
Fugiram as calças
E se foram –
Sozinhas. –
Sem as coxas do homem!
Bêbada –
Escancarando a goela negra –
Despencou do quarto a cômoda:
Os espartilhos saltavam,

Com medo de cair,
Das placas “Robes et modes”.

A cidade oferece um farto material efetivo para o preenchimento do esquema da *pribakilotchka* e dos seus similares, como se pode ver nos exemplos citados de Gogol, Maiakóvski e Khlébnikov. O emprego de uma série de procedimentos poéticos advém do urbanismo. É daí que provêm os versos urbanísticos de Maiakóvski e Khlébnikov.

E, no entanto, temos, em Maiakóvski: “Deixem as cidades, seres estúpidos!” (“O amor”, 1913).

Ou em Khlébnikov:

“Há um certo guloso e gorducho, que gosta de varar com o espeto justamente as almas humanas, deleitando-se de passagem com o chiado e o estalo, ao ver as gotas cintilantes caírem no fogo, escorrerem para baixo, e esse gordo é a cidade. [IV, 211].”

O que é isso? Uma contradição lógica?

Mas que outros imponham ao poeta as idéias expressas em suas obras! Incriminar o poeta pelas idéias e sentimentos é tão absurdo como o comportamento do público medieval, que batia no ator que representava Judas; é tão absurdo como culpar Púchkin pelo assassinio de Lênski³⁸.

Por que o poeta seria mais responsável pelo duelo dos pensamentos do que pelo duelo das espadas ou das pistolas?

Além disso, é preciso notar que, na obra de arte, nós lidamos de preferência não com o pensamento, mas com os fatos da linguagem. Aqui ainda não é o lugar de nos concentrarmos detalhadamente nessa grande e difícil questão. Citarei apenas, a título de ilustração, exemplos de paralelismo formal, que não são acompanhados de paralelismo semântico.

“Não é pelo céu que as nuvens andam,
É pelas alturas celestiais,
Não é pela moça que os moços suspiram,
É pela beleza da moça.

³⁸ Personagem do romance em versos *Evguêni Oniéguin*, de A. S. Púchkin. Liénski é morto em duelo por Oniéguin.

“A flautinha não toca cedo pela manhã,
Poliksena chora cedo pela trança.”

(Canção nupcial)

“O trovador espalha-se em pensamento pela árvore, o urso cinzento pela terra, a água debaixo da nuvem”. (“O Dito da Expedição de Ígor”).

“O mercador perguntou ao marujo: como morreu seu pai? – Naufragou no mar. – E o seu avô? – Também. – Então por que você viaja pelo mar? – E como morreu seu pai? – Na cama dele. – E o seu avô? – Também. – Então por que você dorme numa cama?”
(conto moral)

Todos esses exemplos caracterizam-se, antes de tudo, pelas formas de casos idênticos que assumem significados diferentes. Assim, no último conto, “no mar” possui não apenas um sentido locativo, assim como “na cama”, mas também uma nuance causal, o que não impede a fundamentação da moral na identidade formal.

Assim, freqüentemente, as teorizações dos poetas revelam uma inconsistência lógica, pois representam uma transposição ilegítima, uma substituição da marcha lógica pela trama verbal, partindo da poesia para a ciência, a filosofia.

O motivo predileto da poesia de Khlébnikov é a metamorfose. Por exemplo:

As brenhas estavam repletas de ruído,
A floresta ressoava e rangia,
Para que
O caçador ferisse o animal com a lança.
Cervo, cervo, por que ele duramente
O verbo do amor carrega nos chifres?
O cobre da flecha alçou vôo para a coxa,
E o cálculo não estava errado
Agora ele quebrará as pernas sobre a terra

³⁹ Quadra típica do folclore. Forma de poesia popular. O nome designa cada quadra de uma canção cuja

E verá a morte com clarividência,
E os cavalos dirão ruidosamente:
“Não, não é em vão que levamos as esbeltas”
Em vão, encantos dos movimentos
E pela beleza do rosto um pouco afeminado
Você tentou escapar das derrotas
Que buscavam o fugitivo com a flecha
Fica mais próxima a respiração dos cavalos
E ficam mais baixos os teus chifres
E com mais frequência estremece o arco
Para o cervo não há, não há salvação.
Mas de repente surgiu nele uma juba
E garra aguçada de leão
E despreocupada e jocosamente
Ele mostrou a arte de tocar.
Sem desacordo e sem grito,
Eles deitaram em seus caixões,
Ele então assumiu uma postura de soberano –
Foram vistos escravos caídos.

[Coletânea. “Brenha”) II, 34

Caracterizamos acima a metamorfose como a realização de uma construção verbal; via de regra, esta realização consiste em projetar no tempo o paralelismo invertido (em particular, a antítese). Se o paralelismo negativo rejeita a série metafórica em nome da série literal, o paralelismo invertido nega a série literal em prol da metafórica. Por exemplo:

“Aqueles bosques nas colinas, não são bosques: são cabelos que cresceram na cabeça eriçada do senhor dos bosques. Sua barba banha-se na água e sob a barba e sobre

os cabelos está o céu profundo. Aquelas campinas, não são campinas: é um cinto verde que cilha o céu redondo pelo meio (...)⁴⁰

“Acham vocês,
que é o sol a afagar
Com doçura a bochecha do café?
É de novo, para os rebeldes fuzilar,
Que marcha o general Galife.

(Maiakóvski, “A nuvem de calças”)

A poesia erótica, entre outras, é rica em exemplos de paralelismo invertido.

Suponhamos que nos seja dada uma imagem real; a cabeça, e que sua metáfora seja um tonel de cerveja. Como paralelismo negativo, teremos: “Isso não é um tonel de cerveja, mas uma cabeça.” A explicação lógica do paralelismo é a comparação: “A cabeça é como um tonel de cerveja”. Paralelismo invertido: “Não é uma cabeça, mas um tonel de cerveja”. E, finalmente, a projeção do paralelismo invertido no tempo – a metamorfose: “A cabeça tornou-se um tonel de cerveja”(“a cabeça *já*⁴¹ não é uma cabeça, mas um tonel de cerveja”).

No “Diabinho” de Khliébnikov contemplamos, por assim dizer, o mesmo processo de realização da construção verbal.

O sujeito sentado(*com uma caneca na mão*):

“Servirei bebida com prazer
Aos senhores que aqui vieram,
As bordas do copo espumante são largas e calvas
Oh! Não gostariam, esfinges, de um naco de vobla?
A cerveja subirá até Áries e Câncer –
Oh! Não desejariam, esfinges, um caranguejo?
A cerveja não custa mais do que uns cinco copeques,
E jorrará até a Via Láctea.
Em meu copo há uma espuma de estrelas,

⁴⁰ Trad. Arlete Cavaliere in Gogol, N. *O Nariz & A Terrível Vingança*, EDUSP, São Paulo, 1990. p. 46.

Tomar o vasto céu por uma bandeja de petiscos para cerveja

É hábito de novo-russo!”

(O copo de cerveja toma as dimensões do universo)

[IV, 223]

Encontramos o mesmo processo de realização do paralelismo invertido, como construção da trama, em “O Diário de um Louco” de Gógol e também no conto de Sologúb⁴² “No cativoiro”.

Um exemplo de realização de paralelismo negativo direto:

“Ele viu, na torre de Marinka,
Um pombo e uma pombinha pousados,
Que bico a bico se alegravam
E com asas firmes se abraçavam.
Inflamou-se com ardor o coração de Dobrínia,
E Dobrínia esticou seu arco tenso,
E pegou a flecha ardente,
E atirou no pombo e na pombinha,
Mas não acertou no pombo e na pombinha,
Acertou na torre alta de Marinka,
Acertou na janelinha oblíqua
E quebrou seu vidro trabalhado,
E rompeu o caixilho de prata,
E matou o amiguinho querido de Marinka,
O jovem Tugárin Zmiévitch.”

Aqui é realizada uma fórmula do seguinte tipo: o pombo e a pombinha acariciam-se; Dobrínia atirou no pombo e na pombinha: não são dois pombos que se acariciam; ele não atirou no pombo e na pombinha, mas atirou dentro da torre de Marinka – e matou o amiguinho querido de Marinka.

⁴¹ Grifo do autor.

⁴² Fiódor Sologúb (nome verdadeiro Fiódor Teternikov, 1863-1927), poeta, contista e prosador, um dos representantes do movimento Simbolista.

Um exemplo de realização da comparação está na peça de Khlébnikov *O erro da morte*⁴³. A senhorita-morte diz que ela tem uma cabeça oca como um copo. O hóspede pede um copo. A morte desatarraxa a cabeça. [IV, 251].

Um exemplo de realização de ambos os termos do paralelismo, não na ordem temporária, mas na ordem de coexistência:

“Um cientista de cabelos compridos e rosto magro escanhado corre e grita, descabelando-se: ‘Que horror! Peguei um pedacinho de tecido, da planta, da mesma planta de sempre, e de repente, com a lente de aumento, ele, traindo maldosamente seus próprios contornos, tornou-se a travessa Volínski, com pessoas que saem e entram, com janelas semi-cobertas pelas cortinas, com pessoas que lêem e simplesmente pessoas cansadas que estão sentadas uma atrás da outra. E eu não sei para onde ir, - para o pedacinho de planta debaixo da lente de aumento, ou para a travessa Volínski, onde eu moro. Não sou o mesmo, lá e aqui, pela lente de aumento, no pedaço de planta e no pátio noturno.’”
 (“Diabinho”) [IV, 200]

Realização da metáfora:

“Ao homem grande e sujo
Deram dois beijos.
O homem era desajeitado,
Não sabia
O que fazer com eles,
Onde colocá-los.
A cidade,

⁴³ Nessa peça, como explica Ripellino (RIPELLINO, A. M. - *Maiakóvski e o Teatro de Vanguarda*. São Paulo, Perspectiva, 1971, p. 41), “Khlébnikov apresenta uma taverna, onde doze alegres cadáveres, após terem dançado, com um pífaro entre os dentes, em torno à morte, sentam-se à mesa para beber suco de ginja em copos de vidro. E então bate à porta um outro defunto, que a Morte se recusa a receber, porque é o décimo-terceiro. Este, porém, irremovível, quer a qualquer custo beber também o funéreo licor, e tumultua e ameaça. A Morte, que não tem um décimo-terceiro cálice, atordoada pela arrogância do hóspede, deixa escapar que tem a cabeça ‘vazia como um copo’. O décimo-terceiro, então, exultante, exige a cabeça, e tanto insiste que a Morte é obrigada a desatarraxá-la, para entregar-lhe como cálice em troca de um grande lenço. Com um lenço no lugar do crânio, a Morte não vê mais nada, suplica, desespera-se, até cair morta enquanto os mortos revivem.

Toda em festa,
Elevou a afeição nas catedrais,
As pessoas saíram bem vestidas.
Mas o homem passava frio
E nas solas haviam os ovais dos buraquinhos.
Ele escolheu o beijo
Que era maior,
E vestiu como uma galocha.
Mas o frio estava terrível
E picou seus dedos,
“Pois bem, -
Zangou-se o homem, -
Jogarei fora esses beijos inúteis!”
Jogou.
E, de repente,
Cresceram orelhinhas no beijo,
Ele começou a girar,
Gritou com uma voz fininha:
“Mamãezinha!”
O homem se assustou.
Agasalhou com farrapos da sua alma o corpinho trêmulo,
Levou para casa,
Para colocar no quadro azulzinho.
Remexia longamente na poeira das malas
(Procurava uma moldura)
Olhou para trás –
O beijo estava deitado no divã,
Enorme,
Gordo,
Cresceu,
Está rindo,
Fazendo diabruras!”

Um procedimento semelhante, empregado humoristicamente, foi empregado em “Satiricon”: como as crianças entendem a língua dos adultos. É a mesma motivação que existe ao longo da novela de Biéli “O Gatinho Letáiev”. Compare-se também a realização da metáfora nas ilustrações pictóricas, por exemplo na miniatura bizantina.

A realização da hipérbole:

“Eu voava como as injúrias;

A outra perna

Ainda vem correndo na rua vizinha.

(Maiakóvski, *Vladimir Maiakóvski. Tragédia*)

O oxímoro realizado revela claramente seu caráter verbal, porque, tendo um significado, ele, por definição da filosofia contemporânea, não tem o seu objeto (como, por exemplo, um “círculo quadrado”). Assim é “O Nariz” gogoliano, o qual Kovaliov reconhece como um nariz, enquanto ele dá de ombros, inteiramente fardado, e etc.

Exatamente como na canção nupcial popular “... A xoxota⁴⁴ saiu pulando, os olhos se arregalaram”.

Compare-se também o milagre hagiográfico em *Os irmãos Karamázov* (empregado humoristicamente):

“Martirizavam o santo em nome da fé, e quando por fim o decapitaram, ele levantou-se, ergueu a cabeça e gentilmente beijou-a na testa...”

Aqui o homem é uma unidade semântica tradicional, que conserva todas as suas qualidades, isto é, que está petrificada.

A eliminação da fronteira entre os sentidos reais e figurados é um fenômeno característico da língua poética. Frequentemente a poesia faz uso tanto de imagens reais,

⁴⁴ Abreviado no original.

como de figuras verbais (procedimento de realização inversa): - é o caso, por exemplo, dos *calembours*⁴⁵.

1) Conversa do marquês doente com o padre jesuíta (Dostoiévski, *Os irmãos Karamázov*):

“Se uma sorte cruel o privou de seu nariz, o senhor ganha com isso pelo fato de ninguém mais doravante ousar dizer-lhe que o senhor tem o nariz comprido. – Meu padre, ... ficarei, pelo contrário, encantado por ter cada dia o nariz comprido, contanto que ele esteja no seu lugar! – Meu filho... se o senhor grita... que seria feliz toda a sua vida por ter o nariz comprido, seu desejo está satisfeito indiretamente, porque, tendo perdido seu nariz, pelo fato mesmo, tem o senhor o nariz comprido...”⁴⁶

2) Ela [Anna Karênina] trouxe consigo a sombra de Vrônski, - disse a esposa do encarregado de negócios. – Pois bem: Grimm tem uma fábula: um homem sem sombra, um homem privado de sombra. E isto é um castigo por alguma coisa. Eu, de modo algum pude compreender em que consiste o castigo. Mas para a mulher deve ser desagradável ficar sem sombra. – Sim, mas as mulheres com sombra geralmente terminam mal... (L. Tolstói)

O simbolismo como escola poética é baseado na transformação das imagens reais em tropos, nas suas metaforizações.

A noção de espaço como convenção pictórica, do tempo ideográfico, infiltra-se na ciência da arte. Mas o problema do tempo e do espaço como formas da língua poética ainda é estranho para a ciência. A violência que a língua exerce sobre o espaço literário é particularmente clara nos exemplos das descrições, quando as partes coexistentes no espaço alinham-se numa sucessão temporal. Com base nisso, Lessing chega até a descartar a poesia descritiva ou, então, realiza nas coisas a mencionada violência lingüística, motivando a sucessão temporal narrativa por uma sucessão temporal real, isto é, descrevendo o objeto à medida em que ele é criado, o terno, à medida em que ele é vestido, etc.

No que se refere ao tempo literário, é o procedimento do deslocamento temporal que oferece à pesquisa um campo particularmente vasto. Eu já citei acima as palavras do

⁴⁵ Jogos de palavras.

crítico: “Byron começou a narrar da metade do acontecimento ou do fim dele”. (Ou cf., por exemplo, “A Morte de Ivan Ilitch”⁴⁷, onde o desfecho é dado antes da narrativa em si; cf. “Oblómov”⁴⁸, onde o deslocamento temporal é justificado pelo sonho do herói, e etc). Há uma categoria especial de leitores que impõem esse procedimento a qualquer obra literária, começando a leitura pelo desfecho. Como experiência de laboratório, encontramos o deslocamento temporal em Edgard Poe, em “O Corvo”, que foi invertido, por assim dizer, somente depois de acabado.

Em Khlébnikov observamos que a realização do deslocamento temporal é desnudada, isto é, não motivada.

O Mundesdofim⁴⁹

Pólia: Imagine só: a mim, uma pessoa já de 70 anos, deitar, amarrar, enfaixar, polvilhar com naftalina. Por acaso eu sou um boneco, sou?

Ólia: Deus me livre! Que boneco?

Pólia: Cavalos cobertos de negro, olhos tristes, orelhas caídas. A telega move-se devagar, toda branca, e eu estou dentro dela feito um legume: deitado e calado, as pernas esticadas, e olhando para os conhecidos, contando os bocejos dos parentes; e miosótis do brejo no travesseiro; os passantes a farejar. Levantei-me de um salto, naturalmente – não quero nem saber! – enfiei-me num carro de praça e vim voando direto para cá, sem chapéu e sem peliça, enquanto eles lá gritavam: “Peguem! Peguem ele!”

Ólia: E se mandou assim? Puxa, que valentão! Você é uma águia, uma verdadeira águia!

Pólia: Não, você tem que me acalmar e me esconder; olhe, ali no armário. Esses trajes todos, nós os tiramos, não precisam ficar pendurados aí. Olhe, eu os vesti quando fui nomeado Conselheiro de Estado, hum! hum! – no tempo de Egor Egórovitch, que deus o tenha! – eu os vesti para me apresentar às autoridades, ainda dá para ver a marca da estrela no feltro, feltrinho bom, desses não se encontra mais hoje em dia, e aqui ficou a marca do sabre civil⁵⁰; havia naquela época um homem famoso, era alfaiate na Mórskaja, alfaiate

⁴⁶ Trad. Natália Nunes e Oscar Mendes. São Paulo. Ed. Abril, 1971, pp. 449-450.

⁴⁷ Novela de L. Tolstói (1828-1910).

⁴⁸ Romance de I. Gontcharov (1812-1891).

⁴⁹ *Мирскофия* (1913); literalmente, o mundo a partir do fim.

⁵⁰ Na hierarquia do serviço civil, durante o tzarismo, o Conselheiro de estado era um grau equivalente a general, e o sabre fazia parte do uniforme.

famoso. Ah, uma traça! Apareceu uma, pegue-a! (Pegam, saltitando e batendo com as mãos.) Ah, sua pestinha! (Ambos a pegam). Ele vivia dizendo: “vou costurar para o senhor um bolso de algodão mais resistente, que não rasgará nunca, e o senhor enche o meu, queira Deus que não se rasgue!” Uma traça! E aqui estão os adornos do nosso casamento, você se lembra, minha querida, do dia da Exaltação⁵¹? Pois bem, vamos polvilhar isso tudo de rapé e dessa porcaria, que fede e dá vontade de chorar, e vamos colocar no baú, e depois trancar, você sabe, bem trancado, pôr um cadeado dos bons, um cadeado grande, e aqui, então, os travesseiros, muitos travesseiros, passe-me os edredons – eu estou morto de cansaço, você sabe, – para que eu possa dormir, tenho uma aflição no peito, sabe, como se gatos me arranhassem o coração; veja você – essa desgraça toda – a caleça, as flores, os parentes, o coro – você sabe como isso é deprimente! (Choraminga). Então, se vierem, diga: aqui ele não passou e nem o corvo trouxe seus ossos⁵², e não podia mesmo vir de jeito nenhum, porque o médico já tinha dito que ele estava morto, e esse papelzinho que você sabe, esfregue-o na cara deles, e diga que os malditos já o levaram para o cemitério e que você pouco se importa e até está feliz por ter-se livrado dele; o importante aqui é o papel, eles, você sabe, diante do papel eles se acalmam, e assim eu... (sorri), vou tirar uma soneca.

Ólia: Meu querido, seus olhos estão inchados de tanto chorar, judiaram de você, deixe-me enxugar suas lágrimas com este lençinho.....

.....

2

Uma velha propriedade. Pinheiros centenários, bétulas, um tanque. Perus, galinhas. Eles caminham os dois juntos.

Pólia: Que bom que nós partimos! A que ponto chegamos: termos de nos esconder em nossa própria casa... Ouça, você anda tingindo os seus cabelos?

Ólia: Para quê? E você?

Pólia: De jeito nenhum, eu lembro que eles eram grisalhos, e agora parece que ficaram negros.

⁵¹ Festa religiosa ortodoxa, que se realizava no dia 14 de setembro (de acordo com o antigo calendário russo).

⁵² Fórmula típica dos contos maravilhosos (*skázki*), que as personagens usam para dizer que ignoram tudo a respeito de alguém.

Ólia: É mesmo! Seu bigode escureceu, como se lhe tivessem tirado 40 anos, e as bochechas estão como nos contos da carochinha: leite e sangue. E os olhos, seus olhos são duas brasas, juro! Você está belo como uma pintura, como diziam nossos avós nas velhas canções! Que milagre é esse?

Pólia: São os seus olhos; a propósito, nosso vizinho veio até em casa e está discutindo a seleção natural⁵³ com Nadiúcha⁵⁴. Fique de olho e veja que não aconteça nada de mau.

Ólia: Sim, sim, eu também reparei. E Pávlik vive na boa vida, é hora de mandá-lo estudar.

Pólia: Que vá, para que aos trancos e beliscões os colegas o livrem da penugem macia da infância. Queira Deus que não cresça como um filhinho da mamãe.

Ólia: Deus queira. Você lembra a fuga sem chapéu, o carro de praça, os amigos e os parentes; daí ele cresceu e a cauda de cavalo se agitava sobre o capacete de cobre, e olhos sombrios olhavam no rosto carrancudo de soldado, brilhando tristemente como um fogo, precioso, e agora um buço negro sobre o lábio mal e mal aparece, como o sal através do barro. É uma fase perigosa: faltou um pouco de vigilância e tudo está acabado!

3

Um barco, o rio. Ele é um cadete voluntário⁵⁵.

Pólia: Nós não passamos de ternos amigos, tímidos buscadores de camaradagem e pescadores de pérolas no oceano do olhar; nós somos ternos, e o barco navega, projetando sua sombra na correnteza; nós, debruçados na borda, veremos nossos rostos nas nuvens alegres do rio, capturadas pela rede das águas que caíram dos céus distantes; e sussurra para nós o meio dia: oh, os filhos! Nós, nós somos o frescor da meia-noite.

4

Ólia passa com uma braçada de livros e Pólia vem ao seu encontro. Ele sobe a escada e faz a oração⁵⁶.

Ólia: Grego?

⁵³ Alusão à obra *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin.

⁵⁴ Diminutivo de Nadiejda.

⁵⁵ Refere-se, na Rússia czarista, ao militar que ingressou voluntariamente no exército, depois de ter recebido educação superior e cumprido o serviço militar obrigatório em condições honrosas.

⁵⁶ Na Rússia czarista, as aulas começavam e terminavam com uma oração, rezada por um aluno.

Pólia: É, o grego.

Ólia: E aqui é o russo...

5

Pólia e Ólia, com balões de ar nas mãos, calados e sérios, passam em seus carrinhos de bebê. [IV, 239]

Compare-se com um filme de cinema, exibido de trás para frente. Mas aqui a construção é complicada porque são postos, no passado vivido, fatos tanto do passado real como do futuro real. (Por um lado, “há quanto tempo nós, e lá estão eles..., por outro – “Você lembra a fuga sem chapéu, o carro de praça, os amigos e os parentes; daí ele cresceu...”). Frequentemente na literatura a projeção semelhante do futuro no passado é motivada pela profecia, pelos sonhos proféticos e etc. Outro tipo de deslocamento temporal – o anacronismo – é reiterado em *Khlébnikov*. É assim, por exemplo, em “As que estudamos⁵⁷” [IV, 22], onde a heroína é uma estudante dos cursos de Bestújev⁵⁸, e o herói é o filho do boiardo Volodímerko. Assim é “A Neta de Malucha” [II, 63], que lembra os versos de A. K. Tolstói⁵⁹ sobre o *bogatyř* Potok, somente com a diferença de que o deslocamento temporal aqui não é justificado pela lógica (vide mais adiante sobre as comparações injustificadas).

No conto “Ka”⁶⁰ é urdida uma série de momentos cronológicos.

“Para ele não há barreiras no tempo; Ka vai de sonho em sonho, atravessa o tempo e alcança os bronzes (os bronzes dos tempos). Aconchega-se comodamente nos séculos, como numa cadeira de balanço. Não é acaso verdade que também a consciência reúne os tempos juntos, como a poltrona e as cadeiras da sala de visita? [IV, 47].⁶¹

⁵⁷ «Учимся». no original; neologismo criado a partir da palavra ученица (aluna) e da 1ª pessoa do plural do verbo учиться (учимся- estudamos).

⁵⁸ Curso superior só para mulheres da nobreza, fundado em Petersburgo em 1778 e ligado à emancipação da mulher.

⁵⁹ Aleksei Konstantínovitch Tolstói (1817-1875), poeta, dramaturgo, prosador e satírico.

⁶⁰ Conto longo de *Khlébnikov*, escrito em 1916.

⁶¹ Foi utilizada aqui a tradução de Aurora Fornoni Bernardini em *Ka* (São Paulo, Perspectiva, 1977, p. 13).

Khlébnikov tem obras escritas pelo método da livre inserção de variados motivos. Assim é “Diabinho” [IV,200], assim talvez seja “Os filhos da lontra” [II, 142]. (Os motivos inseridos livremente não decorrem um do outro com coerência lógica, mas combinam-se pelo princípio da analogia ou do contraste formal; cf. *Decamerão*, onde as novelas de um dia são reunidas pela mesma exigência do enredo. Esse procedimento é consagrado pela antigüidade multissecular, mas em Khlébnikov é característico o seu desnudamento – a ausência de longas justificativas.

Nós sublinhávamos por todos os meios um traço tipicamente khlébnikoviano – o desnudamento do procedimento. Citarei ainda alguns exemplos de desnudamento da estrutura do enredo.

1. Moreno, cabelo escuro e elegante.

Não seria por você, desconhecido, que ontem,
Com um grito – Nossa! Ele é assustador!
Dispersou-se a garotada?

Você chegou onde está a moça:

“Permita-me apresentar-me!”

Fez uma reverência

E insinuou com um risinho – “Minha linda”

Ela, então, brincando com a luva,

Disse-lhe, de repente, com malícia:

Oh, senhor com uma luva vermelha,

O senhor goza de muito má fama.

Não sou feiticeiro nem mágico.

Dá para acreditar em boatos?

Saiba, donzela, eu sou contemporâneo.

E ela, então: queira me desculpar!

Que sonhador!

Voam os fios da aranha

Na fonte azul.

Foram os dois pelo atalho,

E pegaram o barco.

E logo, o fundo do mar,

Beijava os lábios da bela. [II, 28]

Esse enredo foi bastante tratado na literatura mundial, mas em Khlébnikov conservou apenas o esquema: o herói fica conhecendo a heroína; ela morre.

2.No poema "I e E" [I, 83] os motivos fundamentais - da "via crucis", da façanha, da recompensa - ficam absolutamente infundados.

Se nos lembrarmos do desenvolvimento da ação nas obras dos poetas do passado, também lá a interpretação da ação do enredo revela-se quase sempre estranha e efêmera, como era, por exemplo, analisada brilhantemente por Píssarev⁶² no que se refere à disputa de Oniéguin com Liénski e a outros episódios de *Oniéguin*, ou por Tolstói no que se refere às tragédias de Shakespeare, mas o espectro, a aparência da motivação ainda lá estavam presentes.

O assim chamado procedimento do falso reconhecimento foi canonizado já na poética clássica. (Cf., p. ex., Aristóteles. "Sobre a arte da poesia", capítulo XVI.) Mas ele sempre foi motivado. Em Khlébnikov este procedimento é apresentado em seu estado puro.

"O sacerdote olha com olhos desvairados e tristes e caminha silenciosamente, baixando a barba, em direção ao forasteiro.

Este olha de forma ao mesmo tempo aberta e enigmática; o sacerdote inclina-se para ele para sussurrar um segredo, e, de repente, soltando uma gargalhada, toca-lhe a boca com seus lábios. Mas o outro ri. O sacerdote cai, atirando-se para trás nos braços dos lacaios, e morre. *Mas não, aquilo ainda não está acontecendo. Ainda é apenas nossa imaginação.* O sacerdote apenas afastou-se do ídolo e caminha diante das moças imóveis com capas na cabeça. Caminha tranqüilamente em direção ao deus das virgens. E o que

será? Mais o quê? Ele contém a morte com os olhos baixos e, pálido e rindo, combatendo, tendo encontrado o beijo, ele vai cair ou correr. Mas ainda antes ele poderia correr. Mas ele não tem uma arma. Sim, nós vemos, sua execução está próxima, e sua companheira dirige os galgos. O sacerdote move-se devagar, sendo detido por uma força qualquer.

Mas os tzares já passam, e os assassinos já correm.

(*O Deus das virgens*)⁶³ [IV, 193]

III

A língua falada serviu de material para uma grande parte das obras de Khlébnikov. Do mesmo modo, de seus próprios versos, Mallarmé dizia que eles apresentam ao leitor burguês palavras que ele encontra diariamente no seu jornal, porém apresentadas em combinações surpreendentes.

O desconhecido é percebido e impressiona apenas num contexto conhecido. Chega o momento em que a língua poética tradicional se solidifica, deixa de ser percebida como tal, começa a ser vivida como um ritual, como um texto canônico, cujos próprios erros são entendidos como sagrados. A linguagem da poesia cobre-se de pátina – nem os tropos, nem as licenças poéticas dizem mais nada à consciência.

Assim, já no tempo de Púchkin não se percebia o tropo ousado de Lomonósov⁶⁴:

“As margens do Nievá batem palmas
As margens das águas do Báltico tremem.”

A forma domina o material, o material coincide inteiramente com a forma, a forma torna-se padrão e morre. É necessária a afluência de um novo material, de elementos frescos da língua cotidiana para que as construções poéticas irracionais novamente nos alegrem, nos assustem e nos incomodem de novo.

⁶² Dmitri Ivánovitch Pissariev (1840-1868), crítico literário pertencente à assim chamada ala radical da crítica russa do século XIX.

⁶³ Publicado no almanaque *Uma Bofetada no Gosto Público* (1912), esta peça, escrita em menos de vinte e quatro horas, foi inspirada na mitologia eslava e nos contos maravilhosos russos.

⁶⁴ Mikhail Vassilievitch Lomonósov (1711-1765), o mais importante cientista e homem de Letras do sec. XVIII na Rússia.

Desde Simeon Pólotski⁶⁵, passando por Lomonóssov, Derjávín⁶⁶ e Púchkin, depois por Niekrássov⁶⁷ e Maiakóvski, a poesia russa segue o caminho da assimilação dos novos elementos da língua falada.

Não foi à toa que os críticos ficaram tão horrorizados com o seguinte em Púchkin: “Um bando alegre de crianças fere o gelo sonoramente com os patins”; “O ganso pesado nas patinhas vermelhas”; “Sua gola de castor prateia-se com a poeira gelada”.

Já sem perceber as hipérboles impressionantes, nós damos uma olhada para os versos leves, para nós harmoniosos, de “De Poltava”:

“Os destacamentos de cavalaria volante,
Soando com as rédeas e sabres,
Chocando-se, golpeiam as armas com os braços.
Lançando a montanha de corpos na multidão,
Bolas de ferro fundido por toda a parte
Saltam entre eles, ferem
As cinzas voam e chiam no sangue.”

Briússov⁶⁸ contrapôs a sobriedade desses versos à poética embriagada do início do modernismo. E o contemporâneo bradava: “Se a sua própria cavalaria e a do inimigo já combatem cara a cara, então as balas não podem saltar entre eles e ferir, porque não se pode atirar na multidão dos inimigos e dos nossos próprios soldados misturados. As balas podem chiar no sangue quando elas estão incandescentes, mas com balas incandescentes não se atira.”⁶⁹

Falamos sobre a combinação harmoniosa das palavras em Púchkin, mas os contemporâneos achavam que as palavras dele rangiam e uivavam por causa das aproximações inesperadas.

A morte da forma artística não é característica somente da poesia. Hanslick cita fatos analógicos na música:

⁶⁵ Simeon Pólotski (1629-1680), poeta.

⁶⁶ Gavriil Derjávín (1743-1816), maior poeta russo do século XVIII.

⁶⁷ Nikolai Niekrássov (1821-1878), poeta e editor, considerado o poeta mais estritamente associado à escola natural.

⁶⁸ Valiéri Iákovlievitch Briússov (1873-1924), poeta, romancista e crítico. Foi um dos principais representantes e divulgadores do Simbolismo, com o qual rompeu em 1910.

“Quantas existem, diz ele, das peças de Mozart, famosas em seu tempo como a última palavra em paixão, ardor e ousadia... As explosões da paixão ardente, da luta feroz, a dor amarga e cáustica na música de Mozart foram contrapostas à sensação de tranquilidade e de puro prazer da existência que, como diziam, derramavam das sinfonias de Haydn. Depois de 20, 30 anos, da mesma maneira discutiu-se a questão entre Beethoven e Mozart. O lugar de Mozart como do representante dessa paixão, sedutora, impetuosa, ocupou Beethoven, e Mozart aproximou-se na sua produção ao classicismo olímpico de Haydn... famoso axioma, como se “o verdadeiramente-belo” (e quem poderia julgar isso?) nunca, mesmo através do próprio tempo mais longo não perde seu encanto, em relação à música há muito já se tornou apenas uma frase oca. A música é semelhante à natureza, que a cada outono oferece à decomposição todo o mundo das flores; delas, então, em seguida surgem novas. Toda composição musical é criação humana, produto de certa individualidade, de tempo, cultura, e por isso sempre contém elementos da mais rápida ou mais lenta mortalidade... Tanto o público, como os artistas percebem a atração legítima para as novidades musicais. A crítica, que sabe adorar o antigo e que não tem a ousadia para reconhecer o novo, mata a criatividade.”⁷⁰

Esse medo do novo afeta sobretudo a crítica literária simbolista na Rússia de hoje. “É preciso avaliar a lírica somente depois de terminado o caminho terrestre do poeta”- dizem os simbolistas.⁷¹

“É difícil avaliar e julgar o escritor, cujo círculo de atividades ainda não está concluído. Senão, temos com Werther um relacionamento totalmente diferente do que aqueles que eram contemporâneos da sua primeira publicação, e não sabiam que Goethe escreveria duas partes de *Fausto* e *Divã Ocidental- Oriental*.”⁷²

⁶⁹ «Сын Отечества» (“O Filho da Pátria”).

⁷⁰ E. Hanslick. *Vom Musikalisch-Schönen*. Leipzig, 1918.

⁷¹ A. Sidorov. В Защиту Книги (Em Defesa do Livro). - «Труды и дня» (“Os Trabalhos e os Dias”), 1912, N.º 3, p. 71.

⁷² В. Briúsov. Далёкие и Близкие. (Distantes e Próximos). Moscou, 1912, p. 54.

Daí a conclusão natural de que só se pode apreciar um quadro no museu, coberto pela poeira dos séculos. Daí surge naturalmente a exigência de preservar a língua dos poetas do passado, impor como norma seu vocabulário, sua sintaxe, sua semântica.

A poesia recorre a “palavras incomuns”. Em particular, é insólita a glosa (Aristóteles). Referem-se a isso também os arcaísmos, os barbarismos, os provincianismos. Mas os simbolistas esquecem o que é evidente para Aristóteles: “O mesmo nome pode ser tanto glosa como de uso corrente, mas não pelas mesmas pessoas”⁷³, - eles esquecem que a glosa de Púchkin na língua poética contemporânea já não é glosa, mas estereótipo. Assim, Viatchesláv Ivánov⁷⁴ até recomenda aos jovens que se esforcem por empregar preferencialmente as palavras de Púchkin: se a palavra existe em Púchkin, este é o critério de sua poeticidade.

Um exemplo de emprego poético do novo material prático:

“Um dia desses fui dançar.
Nesta semana. Que dia mesmo?
Quarta, quinta ou domingo.
Nesta vida sem lida é a salvação.
Conhecidos, amigos, parentes.
Dancei até cansar. Até suar. Já estava de saída.
E aí, um simples soldado: tá na hora de cortar o cabelo.
Disse e sumiu na multidão. Pensei: só me faltava essa.
E já ia desafiá-lo para um duelo.
Mas não encontrei o descarado no meio das gentes.
Além disso, havia que transpor uma barreira qualquer.
Tirou-me da cisma um certo abano
De plumas azuis e cor-de-pombo.
A lição é muito simples: começa com ilustre senhor,
E depois leva-se chumbo e porrada.
Pois é... E daí, já viu, o sujeito é levado
E vira picadinho no cadavério.

⁷³ Aristóteles. Об Искусстве Поэзии. (Sobre a Arte da Poesia), XXI.

⁷⁴ Viatchesláv Ivánov (1866-1949), poeta.

Dielkin. Há-há. Lá vai ele!

O farrista! E nem pisca!

Perskhóvski. Ora, não me borro de medo...

Não é coisa de outro mundo. Com aquela cara de pera...

(“Marquesa Dezés”) [IV, 225]

Tais versos de Khlébnikov foram considerados humorísticos pelo poeta Gumiliiov⁷⁵. A justificação de ser humorística, a atitude de riso para com a obra pode ser imposta pelo leitor, mas frequentemente um novo procedimento artístico já é dado como humoristicamente justificado.

IV

A sintaxe de Khlébnikov (anotações isoladas). A ordem das palavras na língua russa quase não aparece como portadora de um significado formal. É um pouco diferente o caso da poesia, onde a entonação da língua falada é deformada. Em comparação com a língua falada, observa-se na poesia da escola de Púchkin um nítido deslocamento sintático. E com a ampla reforma rítmica de Maiakóvski ocorre a mesma coisa. No que diz respeito à poesia de Khlébnikov, ela, nesse sentido, é pouco característica.

A sintaxe de Khlébnikov caracteriza-se pela utilização em larga escala do lapso, da ressalva. Assim é a metátese sintática: coberta pelo *avestruz da pena*; ao inclinar-se no *sagrado do fogo*. (II, 196).

“ ‘Oh, tenha misericórdia, Pan’

Mas aquele *‘é impossível’ digo*”. [II, 192]

“Cujos olhares e lábios de languidez são aqueles”. [II, 248]

“Despertei novamente de um modo diferente,

Lançando-lhes um olhar com olho de guerreiro. [II, 96; II, 258]

(No lugar de *despertando, lancei um olhar*).

Exemplos de contaminação:

“Resmungando, de *rugir vão silenciar os canhões*. [I, 135]

Provocando, ela bebe suco de bétula,

Ao mesmo tempo em que na ovelha as lágrimas brilham. [I, 122]

Anacoluto:

“Com o cabrito montês saltando no penhasco

Você ameaça, para que solitário

Ficasse o rochedo. [I, 87]

Particularidades na concordância dos números:

Desapareceram o trabalho, o negócio desapareceu. [I, 122]

Querem tecer o linho azul

O bando de libélulas. [I, 124]

À Pequena Ursa ordenou

Deixar dos pés as solas.

*Enallagúe*⁷⁶ [Inversão]:

Altchak guarda o santo mistério

Do horrível fim dela. [II, 53]

(De uma maneira sagrada guarda o mistério).

Particularidades na concordância dos casos:

“Pela floresta é visto um homem perturbado embaraçado” [II, 54]

“E na resposta ao pedido às corridas”. [II, 51]

⁷⁵ Nikolai Serguéievitch Gumiliov (1886-1921), poeta e crítico literário, foi o principal teorizador do movimento acmeísta.

⁷⁶ Em grego, no original.

“Atrás da juba densa do animal

Cravou-se acreditando, mais apertadas mãozinhas”. [II, 72]

“Eu estudo palavra”. [II, 271]

“Eles aparentam pela árvore seca.

Eles tomam a forma de pombos. [I, 137]

Elimina-se a junção mecânica, faz-se avançar o sujeito gramatical com o uso amplo do instrumental de restrição. Tal emprego é definido em geral pela destruição da entonação da fala, em decorrência do que o complemento relacionado fica como se estivesse pendurado no ar, da mesma forma que, no exemplo do romance traduzido, citado por Tchukóvski⁷⁷, - “ele seguia com os olhos abaixados para o chão e com os braços cruzados no peito”- não dá para perceber se os complementos estão relacionados com o sujeito ou com o predicado.⁷⁸

“Pela boca o branco galhofeiro. [II, 79]

“Com os olhos inexpressivos tentador”[II, 80]

“Alguém rancoroso com o tinteiro dos pontos de vista” [II, 252]

“A escuridão ficou fria com o olhar

O salgueiro com a leveza de um brinco.

Eu sou cornudo de pé com as alturas,

Eu sou cabeludo pelos ratinhos pendurados.[IV, 228]

[...]

Cf. Maiakóvski:

⁷⁷ Kornei Ivánovitch Tchukóvski (1882-1969). escritor, crítico e estudioso de literatura.

⁷⁸ Dos exemplos citados, foram suprimidos sete, cuja tradução para o português não permite recuperar as características sintáticas apontadas pelo autor. São eles:

Косою черная. [I, 123]; Ведунья взорами прелестная. [II, 196]; Погонщик скота Твердислав/
Гугбами стоит моложав [II, 24]; И лицом прекрасным смугол / Бог блистает серебром [IV, 197-

“Todos esses que com os narizes tombados sabem...
Onde entortado pelo focinho, borrado pela fuligem
No reino dos mercados o barulho é coroado.”

A transgressão do equilíbrio sintático – dois termos paralelos não são qualitativamente equivalentes:

“Ah, povoado terrestre
dos dias e pobre na longitude” [I, 85]

“Olha perfidamente, *maldosamente também o lince*. [II, 122]

“Apesar de ser *bonito e jovem*.
Olha *diretamente e seca*.” [II, 51]

“Eu tenho mãos brancas, *eu tenho pele branca*,
Regato *chamando, parecido* com lúcio,
Na terra *batendo*, eu perturbo o ócio. [I, 125]

Dois dos termos paralelos quantitativamente não-equivalentes:

“Nós, os ceramistas do barro fresco da humanidade na bilha do tempo e os balakires... [III, 17]

Cf. a transgressão do equilíbrio semântico:

“E desarrumaria suas queridas tranças, se não amasse mais do que pai-mãe, mais que do resto do dia, sua trança dourada até os pés. [IV, 165]

Pechkóvski: “A verbalidade é a forma fundamental do nosso pensamento lingüístico. O predicado-verbal é o mais importante termo da nossa fala, de um modo geral.”⁷⁹

198]; Стояла неги дщерь. / Плеч слабая стеной. [II, 57]; Коншами крыла голубой. [I, 88]; Хребтом прекрасная сидит. [I, 126].

⁷⁹ А. М. Пешковский. *Русский Синтаксис в Научном Освещении* (A *syntaxe russa numa interpretação científica*). М., 1914, p.119.

A ausência de verbos é uma tendência característica da linguagem poética. Tais são as famosas experiências averbais de Fet⁸⁰, que provocaram imitação semelhante de Khlébnikov (o sussurro, o queixume, o gemido da languidez, a cor escura da vergonha e etc.)

Nos futuristas italianos e também na nova poesia russa (por exemplo o poema de Marienhoff “Confeitaria dos sóis”) observam-se experimentos na direção da canonização da averbalidade. Para Khlébnikov são característicos dois métodos de omissão dos verbos:

1. A ação do objeto é apresentada na forma do gerúndio ou do participio:

“O senhor aqui, fazendo o quê?” [II, 85]

“E o que depois estarão fazendo
com vocês as filhas desse país?” [II, 116]

“Você treme inteiro? Você tremendo inteiro?” [IV, 235]

“O povo seu próprio horror glorificante
O rugido do sorvedouro e o ruído esbravejante” [I, 100]

[...] ⁸¹

⁸⁰ Afanássi Afanássevitch Fet (1820-1892), poeta.

⁸¹ «Люди, когда они любят,
Делающие длинные взгляды
И испускающие длинные вздохи.
Звери, когда они любят,
Наливающие в глаза муть
И делающие удила из лены.
Солнца, когда они любят,
Закрывающие ноги тканью Из земель.
И шествующие с пляской к своему другу.
Боги, когда они любят,
Замыкающие в меру трепет вселенной.
Как Пушкин жар любви горничной Волконского. [II, 45]

Aqui Jakobson cita como exemplo o poema “As pessoas, quando amam”, todo construído com verbos no participio presente. Numa tradução para o português perder-se-ia esse procedimento sintático característico.

2. A ação do objeto apresenta-se como indicio do sinal qualitativo (gerúndio junto ao adjetivo predicativo):

“Você é maravilhosa na noite deitada [II, 286]

“Exatamente assim, derramando o sangue.” [II, 188]

“Ele era miserável, chorando baixinho.” [II, 52]

Epítetos. Princípio eufônico da construção dos epítetos:

“E, superando o *estranho receio* [stránnnyi strákh]

a larga [prostránnoi] escadaria ele sobe correndo...” [I, 68]

“Que balança o relógio com o *velho pêndulo* [stároiu striélkoi]...” [I, 69]

“A arrebenção fechou o *jovem banco de areia* [mladíiu mel’].” [II, 195]

“E com a *brasa inteira* [I s pólnim plámenen] nos olhos...” [II, 52]

“Caixões *livres de umidade* [vlágui vólnie]...” [II, 52]

“Nos *severos palácios* [tchertógakh stróguikh] da gruta marinha...

O arrancador claro [Srivátel iásni] dos vestidos *nos sonhos* [vo snié]...” [II, 50]

“Como um *feixe de neve* [sníejni snop] resplandecem as rodas do navio a vapor ... [II, 111]

“Os olhos *tristes*, as orelhas *caídas*... [Glazá grústnie, úchi ubóguie]” [IV, 239]

“Na gargalhada do *jovem mar* [mória molodogo]...” [I, 115]

“Beicinhos *vermelhos perscrutadoramente* [zorko krásnie] ... [II, 85]

“*Ficando* perto dela *assustadamente* [stráchno],

pronunciando palavras *apaixonadas*... [strástni] [II, 52]

Nota: considero aqui os advérbios poéticos como o epíteto da qualidade.

Muitas vezes a função do epíteto é apenas indicar que a forma sintática do atributo está presente; em outras palavras, trata-se de um desnudamento do atributo. Na pléiade de Púchkin esta função realizava-se, por um lado, de acordo com a observação precisa de O

M. Brik⁸², por meio de “epítetos indiferentes” (do tipo “ pura beleza”, “cabeça encantadora” ou até mesmo “tal e tal tzar em tal e tal ano”), por outro lado, por meio de epítetos exteriores, que não possuem, de acordo com a expressão de um contemporâneo de Púchkin, “qualquer relação visível com os substantivos que qualificam”, por meio de epítetos que aquele crítico propõe chamar de “acopláveis”. O último tipo também é característico em Khlébnikov.

Exemplos:

“coroa dourada de pétalas espertas...” [II, 55]

“Pastilhas sábias...

Com lábios estagnados repetimos...

Nas sábias florestas tem direito o gênio das matas,

Nas águas encantadoras tem a força o gênio das águas... e etc. [II, 264]

“A aurora cegueirá sem misericórdia,

O mar raivará envergonhadamente.

O epíteto nas primeiras (impressionistas) obras de Khlébnikov às vezes é criado por uma situação, por exemplo:

“o vinho à noite,

e as mulheres da noite

entrelaçam-se numa única coroa.” [II, 30]

isto é, do gênero inversão.

Comparações. O problema da comparação poética em Khlébnikov é extremamente complexo. Destaco aqui apenas os pontos principais.

⁸² О. Брик (O. Brik) Ритм и Синтаксис. (Ritmo e Sintaxe). «Новый Лэф». (“Nova LEF”), 1927, n.º 4, p. 29.

O que é uma comparação poética? Deixando-se de lado sua função simétrica, podemos caracterizar a comparação como um dos métodos de introduzir no uso poético uma série de elementos, não motivados pelo desenvolvimento lógico da narrativa.

Em Khlébnikov as comparações quase não são justificadas por uma impressão real de semelhança entre os objetos, mas aparecem em função da composição.

Recorrendo à formulação figurada de Khlébnikov, que afirmou que há palavras com as quais se pode ver – as palavras-olhos - e palavras-mãos, com as quais se pode fazer, e transferindo essa formulação para as comparações, notaremos: Khlébnikov pratica justamente as comparações-mãos.

Em Khlébnikov as justaposições se contaminam.

“Como uma vela negra o mar branco das pupilas ferozes atravessavam obliquamente os olhos. Os terríveis olhos brancos erguiam-se para as sobrelhas como a cabeça do morto, pendurada pelas tranças.” (“Essir”) [IV, 95]

(Os atributos são contaminados: a cor – o branco pelo preto, e a linha – o mar pela vela).

“Arde a espiga azul dos olhares...” [II, 54]

“E em nós, quando o dia se apagou

Voavam mais silenciosos que a chaga...” [II, 261]

“Mar verde, como um campo de salgueiros.” [II, 86]

O sujeito da comparação frequentemente é usado não somente porque é parecido com o objeto da comparação, mas em outra, maior escala.

“Como aquelas visões de águas silenciosas,
Que desaparecem, só eu borriço,
Como a voz de alguém no ano das desgraças:
Pastora, levante-se, salve a pátria.

A imagem da disputa do raio com a vida da mosca
Está oculta em seus belos olhares,
E diante das mãos da pastora,
Rosnando, vão calar o rugido do canhão,
E vai se deitar tranqüilamente a montanha de flechas.
Assim, no bordado misterioso da felicidade e das desgraças
Maravilhosos, corajosos e desconhecidos,
Dois jovens apareceram certa vez.”

(“Amizade pastoril”) [I, 135]

“Em você, querida cidade, há algo da velhinha:
Sentou em sua caixa e pensa em comer,
Acenou com o lenço, mas o lenço não é simples,
De um lado a outro voa o bando de pássaros pretos. [II, 27]

A rede de analogias, estabelecida por Khlébnikov, é complexa. Comparam-se espaço e tempo, percepções visuais e auditivas, personagem e movimento.

“É terrível essa caça, onde o espargônio são os anos, onde a caça são as gerações.”
[IV, 217]

“E o teu olhar é isto – a *khata*⁸³, onde duas madrastas e fiandeiras tecem.” [II, 236]

“Nos olhos o assassinio e a pousada,
Como atrás da cortina amarela
O homem poderia ler a briga” [II, 109]

“Ela estava com ar triste, estranhamente,
Como a chuva pálida no verão frio.” [II, 57]

“A diferença desapareceu
Das pessoas e das travessuras.”
Mas o torvelinho de sorrisos apenas voou,

⁸³ Tipo de casa camponesa da Ucrânia.

Gargalhando com as unhas dos gritos.

O silvano verde no coração da floresta

Besuntou de mel o finzinho do dia. [II, 92]

Exemplo da composição complexa das analogias:

“Das ruas, os enxames

De balas, como abelhas.

Balançam-se as cadeiras,

Empalidece o alegre.

Pela longa rua, como o vôo da bala

A metralhadora novamente

Ceifa, lança,

Com as balas, uma vassoura de folhas

Abate

Os pastores do dinheiro. [III, 162]⁸⁴

Aqui nos dois primeiros versos estabelece-se um paralelo sonoro (*úlitse – úlei, púli-ptchóly*) [rua – enxame, balas – abelhas], sendo que o sujeito da primeira comparação com o sujeito da segunda, e também o objeto da primeira com o objeto da segunda estão ligados por contigüidade. No quinto verso, entre os sujeitos do primeiro e segundo versos estabelece-se um paralelo sonoro (*po úlitse – púli poliót*) [pela rua – o vôo da bala].

VI

Essa orientação para a expressão, para a massa verbal que classifico como momento único e essencial da poesia, diz respeito não só às combinações de palavras, mas também à forma da palavra. A associação mecânica por contigüidade entre o som e o

⁸⁴ “Iz úlitse úlia
Puli, kak ptchóly
Chatáiutsia stúlia,
Bledniéet vessióly.
Po úlitse dlinnoi, kak púli poliót,
Opiát pulemiót,
Kossit, metiót,
Púliami listvennyi viénik,
Gnetiót,
Pastukhóv diéneg.”

sentido realiza-se tanto mais rapidamente quanto mais habitual ela é. Daqui o conservadorismo da língua prática. A forma da palavra desaparece rapidamente.

Na poesia, o papel da associação mecânica é reduzido ao mínimo, enquanto que a dissociação dos elementos verbais adquire um interesse excepcional. Os elementos dissociados formam facilmente novas combinações. Os afixos mortos reanimam-se.

A dissociação pode também ser livre, criar novos sufixos (processo conhecido também na língua falada – cf. *golúbtchik* (meu caro), - mas é aqui que adquire maior intensidade): por exemplo, “*sokhrín, mokrín*” na contagem rimada das crianças.

O jogo com os sufixos desde há muito é conhecido da poesia, mas é somente na nova poesia, particularmente em Khlébnikov, que se torna um procedimento consciente, legítimo.

Cf. em Púchkin: *a moloditsí – molóduchki, tsviétki – tsvietótchki*.

No folclore russo, por exemplo no conto maravilhoso: *Khliébi khliébisti, iápitsi iaristi, pchenítsi pchenisti, rjí kolossisti*.⁸⁵

Nas adivinhações: *Na zarié zariánskoi stoít char vertliánski*⁸⁶. *Drevo drevodánskoe, listia likhokhánskie. Begut begúntchiki, revut revúntchiki. Jivaia jivúletchka. Tchetíre khodósta, dva bodósta. Begunki begút, skripulki skripiát, rogovátiki vezut, makhovatiki kolotiát. Na bótchke kiválo, na kiválie zeválo, na zevále migálo*.⁸⁷

No folclore infantil:

Potiagúmuchki-potiagúmuchki. Poperiók tolstumuchki, a v nojki khodumuchki, a v rutchki fatúmuchki. Postriguli-pomigúli. Pívrochka-drugóchka. Perviéntchki-druguéntchki. Poveliki-druguelíki. Pervíntchki-druguíntchki ubili golubíntchki. Katún-ladún.

Nas fórmulas mágicas: *Tri toskí toskútchie, tri ridí ridútchie*.

Nas *tchastúchkas*: *Kolía kolistii*.

Nas bilinas:

A u miéi bilo tsiádo *Vavilo*

A pochiól *Vaviluchko* na *nívu*,

On viéd *nívuchku* svoiú oráti.

⁸⁵ A. N. Afanassev – Contos Maravilhosos Russos, 1914.

⁸⁶ В. Даль (V. Dal) Толковый словарь живого великорусского языка. (Glossário da língua russa viva), T. I. M., 1956, p. 628.

⁸⁷ I. P. Sakharov - *Сказаная Русского Народа* (Lendas do Povo Russo). Moscou, 1836.

A definição das palavras e dos atributos básicos e formais realiza-se por meio da associação psíquica desses elementos numa dada palavra com elementos correspondentes nas outras combinações, nas outras palavras.

Naqueles poemas de Khlébnikov onde é dado livre curso à criação de palavras, realiza-se geralmente a comparação dos neologismos com os atributos idênticos fundamentais e com os diversos atributos formais. Mas, nesse caso, a dissociação ocorre não ao longo de um sistema lingüístico de um determinado momento, como nós vemos na língua prática, mas nos limites de um dado poema que, por assim dizer, forma um sistema lingüístico fechado.

Citarei exemplos:

- 1) O atributo básico é idêntico, os formais são diferentes; em outras palavras, a construção tautológica complexa, isto é, o desnudo *paregmenom*⁸⁸ da retórica clássica. O *paregmenom* fora da justificação lógica é largamente empregado por Khlébnikov, mesmo além do uso dos neologismos.

Ride, ridentes!

Derride, derridentes!

Risonhai aos risos, rimente risandai!

Derride sorrimente!

Risos soborrisos – risadas de sorridentes risores!

Hilare esrir, risos de soberridores riseiros!

Sorrisonhos, risonhos,

Sorridente, ridiculai, risando, risantes,

Hilariando, riando,

Ride, ridentes!

Derride, derridentes!⁸⁹ [II, 35]

- 2) O atributo formal é idêntico, os atributos básicos são diferentes:

⁸⁸ Paradigma de derivações.

⁸⁹ Trad. Haroldo de Campos em *Poesia Russa Moderna*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, p. 71. O poema alude às fórmulas folclóricas de encantamento e é construído a partir de toda a gama de derivados da palavra "smiekh" (riso).

Freqüentemente essas formas são rimadas, como a contradição da poesia contemporânea, na qual é levada até o limite a tendência à versificação dos termos da oração não idênticos. A essência da rima, que, na expressão de Chtcherba, é o reconhecimento dos elementos fonéticos dos grupos rítmicos repetitivos parecidos, consiste, aqui, na ênfase nos atributos formais idênticos, o que facilita a dissociação.

Exemplos:

a) Todos os termos da comparação são neologismos.

“De comum acordo odiamos a bala,

Essa voatriz de ferro,

Porque nos instantes mortos vemos

O alvejador ruído sangrento.

Voando, praz ao céu o auroreiro,

Docemente, pensa o tristonheiro...”⁹⁰

(Guerra-morte) [II, 187/190]

b) Parte dos termos são palavras da língua prática.

“Na bruma dos devaneiros ergueram os devanácios

Nas inquietações brumosas ergueram os palácios.

(Niéga -niégo⁹¹) [II, 16]

“Por toda a parte assedia o potente,

Por toda a parte assediamos o fugente.

Fulgentes os céus azulam.

(“Te-li-le”).

⁹⁰ Foram suprimidos os três últimos versos desse poema (Людей с навиной единебен / От лет младых, младых сумнебен / И многих сильных столь гинебен.), bem como o poema seguinte, que completam a exemplificação, dada a impossibilidade de traduzi-los satisfatoriamente para o português.

«Волноба волхвобного вира,

Звеноба немобного яра—

Поюнности рыдальных склонов,

Знаюнност сияльных звонов

В венюк скрутились» («Нега-негол») [II, 16/17]

⁹¹ Em russo, “Niéga” significa defeite, delícia, volúpia; na segunda palavra, “gol” significa pobreza, ou o coletivo os pobres, os miseráveis; o “nie” é partícula de negação. Porém, pode-se tratar também de uma

Para ti cantamos, Paridor,
Para ti cantamos, Existor,
Para ti cantamos, Alegror,
Para ti cantamos, Condutor,
Para ti cantamos, Sentor,
Para ti cantamos, Dominador,
Para ti cantamos, Enfeitiçador.⁹² [II, 271]

A economia de palavras é estranha à poesia, exceto quando é determinada por alguma exigência artística específica. O neologismo enriquece a poesia em três aspectos:

1. Ele cria uma expressiva mancha eufônica, enquanto antigas palavras envelhecem também foneticamente, desgastadas pelo uso freqüente, sendo que o principal é percebido apenas parcialmente em sua constituição fônica.

2. A forma das palavras da linguagem prática deixa facilmente de ser percebida como tal, atrofia-se, petrifica-se, enquanto que a percepção da forma do neologismo poético dado *in statu nascendi* para nós é obrigatória.

3. Em cada momento dado, o sentido de uma palavra é mais ou menos estático, enquanto o sentido do neologismo é determinado, em grande parte, pelo contexto, obrigando o leitor, por outro lado, a um pensamento etimológico. Em geral, a etimologia desempenha sempre um grande papel na poesia, sendo que são possíveis duas categorias de casos:

a) Renovação do sentido. Ver, por exemplo, as *mivosas mivens* em Derjavin. Tal renovação pode realizar-se não apenas por meio da comparação das palavras de uma mesma raiz, mas também por meio do emprego da palavra em seu significado direto, enquanto que na prática ela é empregada apenas no sentido figurado. Cf. em Iazikov: “A imensidão de intempéries... é *relamportadora* e negra.” (exemplo de Bobrov⁹³); “*i dién vostorgmilsia*, i dién vosstaiót.” [*e o dia flexiencantou-se*, e o dia insurge]. (Khlébnikov);

aglutinação da raiz “nieg” (de niéga) e da palavra “gol”. Preferiu-se, nesse caso, apenas transliterar o título, mesmo porque ele serve de exemplo de criação de neologismo por aglutinação.

⁹² No original, apenas o último vocativo não é um neologismo.

⁹³ Semion Bobrov (1763-1810), poeta.

b) Etimologia poética. O paralelo à etimologia popular da língua prática. O linguista tcheco Zubaty cita exemplos muito interessantes do folclore letão⁹⁴. Por exemplo, em russo, numa tradução que reproduz o original muito aproximadamente: “Piát volkóv volka volokló”. [Cinco lobos arrastava o lobo.].

A maioria dos *calembours*, dos jogos de palavras, é construída com base na etimologia poética. Exemplos da poesia russa:

“Tchúd natchudila da Miéria namiéria” [Milágria milagrou. Media mediu] (Blok)

“Ranche jral odin rot, a tepiér objiráiut rótoi. [Antes comia uma boca, agora comem por um batalhão.] (Maiakóvski);

“Assóka nakronila os.” [O espargônio vergou o eixo] (Khlébnikov);

“Okhvátchena ósseniu ossínka. [O álamo é abraçado pelo outono.] (Guró)⁹⁵.

Em Khlébnikov repetem-se os neologismos, condicionados pela etimologia poética.

“Tempos-juncos

Na margem do lago

Onde as pedras são tempo

Onde o tempo é de pedra”⁹⁶

Cf. o entusiasmo epidêmico pela etimologia poética, anotada por Tef (por que *do-svi-dania* e não *do-svi-chviétsia* e etc.)⁹⁷.

Além disso, por meio da inovação vocabular surgem unidades semânticas novas e mais fragmentadas. Elas são extrema e demasiadamente ágeis, demasiadamente imprecisas em seus contornos para as operações lógicas. Cf. sobretudo “tchernotvórskie viéstutchki” [nuvens escuras novinhas] de Khlébnikov. A língua prática precisa muito menos de sinônimos. [...]

A deformação semântica é muito variada na poesia, e para ela o paralelo é a deformação fonética da palavra. Cf., por exemplo, o corte de palavras: a) rítmico (Horácio,

⁹⁴ J. Zubaty. O alliteraci v písniích lotyšských a litevských.- “Vestnik král. České společnosti nauk.” Třída filosoficko-historicko-jazykozpytná. 1984.

⁹⁵ Eliena Guenrikhova Guró (1877-1913), poeta, escritora e pintora. Sua obra apresenta traços simbolistas, impressionistas e futuristas.

⁹⁶ Trad. Augusto de Campos e Bóris Schnaiderman. *Poesia Russa Moderna*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1968. p. 69.

⁹⁷ Trocadilho feito com a expressão “do svidánia” [até a vista] e dos nomes de países Dinamarca (Dânia) e Suécia (Chviétsia).

Annenski, Maiakóvski); b) introdução de uma palavra na outra – procedimento não alheio ao pensamento poético de Khlébnikov, mas que está ausente em sua poesia. Esse procedimento é empregado pelos poetas latinos (Cf. em Ennius: *Cere comminuit brum*).

Na poesia russa contemporânea esse procedimento pode ser encontrado em Maiakóvski, tendo uma certa justificativa lógica.

“Disseram na calçada

‘Cor-

passou pelos pneus

reio...”

(“No automóvel”)⁹⁸

À deformação fonética relaciona-se também o deslocamento do acento.
Cf. no folclore:

“Tóniu, tiánu,

Ríbu lóvliu,

V kóchel kládu,

Dómoi niéssu.

“Mergulho, puxo,

Apanho o peixe,

No cesto coloco,

Carrego para casa.”

Na poesia contemporânea: *misliéi, nevestí* [dos pensamentos, as noivas] (Krutchónikh).

Freqüentemente para esse procedimento a poesia recorre a acentos tônicos duplicados disponíveis:

“Kabý pó mostu, pó móstu, pó chirókomu mostú...”

Ty leti, leti, sokól, vissokó i dalekó,

I vissóko, i dalióko, na tchujíuu storoní...”

“Se pela ponte, pela ponte, pela larga ponte...

Você voe, voe o falcão, alto e longe,

⁹⁸ Trad. Augusto de Campos. *Maiakóvski – Poemas*. São Paulo. Perspectiva. 5ª. Edição. 1992, p. 69.

E alto, e longe, para o lado estrangeiro...

Exemplos semelhantes de “dissimilação do acento” – extremamente interessantes – da poesia da Índia e da Grécia antigas são citados na *Experiência de Linguística Psicológica* de Van de Ginneken⁹⁹. Cf. também *Neuhochdeutsche Metrik* de Minor¹⁰⁰.

Os exemplos de deformação semântica e fonética da palavra poética, citados acima, são percebidos, por assim dizer, a olho nu, mas, no fundo, cada palavra da língua poética – em confronto com a língua prática – é deformada tanto fonética como semanticamente.

A importante eficácia do neologismo poético está em não ter objeto. Aqui funciona o princípio da etimologia poética; a forma verbal é experimentada, mas falta aquilo que Husserl chama “dinglicher Bezug” (referência de objeto). Um exemplo de realização do neologismo “abstrato”:

[...] ¹⁰¹

Oh, cismencanto! Oh, iluminios! (“O Grilo”)¹⁰² [II, 37]

Compare-se com a poética dos encantamentos.

VII

Há na língua poética um procedimento elementar: o procedimento de aproximação de duas unidades.

No campo da semântica, as variantes desse procedimento são as seguintes: o paralelismo, a comparação – caso especial de paralelismo – a metamorfose, isto é, o paralelismo projetado no tempo, a metáfora, isto é, o paralelismo reduzido a um ponto.

No campo da eufonia, constituem variantes do procedimento da comparação: a rima, a assonância e a aliteração (ou, falando de um modo geral, a repetição).

Há versos que se caracterizam essencialmente por uma orientação para a eufonia. Seria ela uma orientação para os sons?

⁹⁹ J. van Ginneken. *Principes de Linguistique Psychologique. Essai de synthèse*. Paris. 1907.

¹⁰⁰ J. Minor. *Neuhochdeutsche Metrik*. Strassburg, 1902, cap. III: “Der Accent”.

¹⁰¹ У омера мирючие берега. Мирины росли здесь и там белые сквоз гнезда ворона. Низ же зарос грушняком. Смертнобровый тетерев не уставал токовать, влетал на морину. Кругом заросло красивняком и мыклокой. Миловель стоял в пушах. Миристые звонко распевались песни. Прилетали неведомо откуда миристеющие птицы и упав на ветку начинали миристеть. Гордотяжки пролетал мирёл. («Песнь мирязя») [IV, 9 / 10]

Se sim, trata-se então de uma variedade da música vocal, e, além disso, de uma música vocal inferior.

A eufonia faz uso não dos sons, mas dos fonemas, isto é, das representações acústicas, capazes de se associarem às imagens semânticas.

Compreendemos a forma de uma palavra somente quando ela é repetida num dado sistema lingüístico. A forma isolada morre, assim como a combinação de sons num dado poema (uma espécie de sistema lingüístico *in statu nascendi*) torna-se uma "sonoforma" (termo de Brik)¹⁰³ e é percebida somente quando repetida.

Na poesia contemporânea, em que se concentra excepcional atenção nas consoantes, as repetições sonoras, sobretudo do tipo AB, ABC e etc, esclarecem-se freqüentemente pela etimologia poética: assim sendo, a representação semântica principal liga-se aos conjuntos de consoantes que se repetem, enquanto as vogais distintivas tornam-se uma flexão do radical, conferindo uma significação formal, seja morfológica, seja flexional.

Um documento valioso que caracteriza a etimologia poética como fato do pensamento lingüístico é o seguinte raciocínio de Khliébnikov:

"Você já ouviu falar sobre a declinação interna das palavras? Sobre os casos no interior da palavra? Se o caso genitivo responde à pergunta "de onde" e o acusativo e o dativo às perguntas "para onde" e "onde", a declinação deve dar às palavras originadas o sentido inverso. Sendo assim, as palavras-parentes devem ter significados distantes. Isto se justifica. Assim, *bobr* [castor] e *babr* [tigre], que significam, respectivamente, um roedor inofensivo e uma fera terrível, e que são formados com os casos acusativo e genitivo da mesma raiz "bo", descrevem, pela sua própria construção, que o castor deve ser perseguido e caçado como uma presa e que o tigre deve ser temido, pois, no caso, o próprio homem pode tornar-se objeto da caçada, por parte da fera. Aqui o simples corpo, por meio da modificação de seu caso, altera o sentido da construção verbal. Numa palavra, ordena que a ação do combate seja orientada para o animal (ac. Para onde), e na outra palavra é pressuposto que a ação do combate provém do animal (gen. de onde). A corrida é provocada pelo medo, e deus é a criatura para a qual deve ser dirigido o medo. Também as palavras *liés* [floresta] e *líssi* [careca, calvo] ou ainda as palavras mais parecidas *lissina*

¹⁰² Tradução de Augusto de Campos e Bóris Schnaiderman em *Poesia Russa Moderna*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1968, p. 70.

¹⁰³ Vide seu artigo «Звуковые повторы» ("Repetições sonoras") na coletânea *Poética*, Petrogrado. 1919.

[calvície] e *lessina* [mato. vegetação] significando presença e ausência de qualquer plantação (vegetação; cabelo) – sabe-se o que significa *lissaia gorá* [montanha pelada]; pois de montanhas peladas são chamadas as montanhas desprovidas de floresta ou a cabeça que não tem cabelos, - surgiram através da modificação de uma palavra simples *la* pela sua declinação nos casos genitivo (*líssi*) e dativo (*liés*)... Como também nos outros casos, “e” e “i” são evidências de casos diferentes de mesma raiz. O lugar onde desapareceu a floresta é chamado de “careca”. Da mesma maneira, *bit* [bater] é de onde se deve esperar o golpe, e *bok* [flanco] – para onde se deve dirigir o golpe.” [IV, 171.....]

A flexão das raízes de vez em quando é encontrada também na velha poesia. Comparem-se, por exemplo:

“*Késsar* moi sviatói *kossár*.” [César meu ceifeiro sagrado.]
(Bátiuchkov)¹⁰⁴

E os exemplos de Khlébnikov:

“Guerra e espada [*mietch*], vocês não passam da bola [*miatch*]
Dos mares jogando uma partida de *laptá*¹⁰⁵.”
 (“Khadji-Tarkhan”) [I, 119]

“Ó, passante, nossos olhos
Trocaram a espada [*mietch*] pela bola [*miatch*]”
 (“Quatro Pássaros”) [II, 222]

“Eu sou apenas um coelho [*królik*] assustado e arisco,
E não o rei [*koroI*] do Estado dos tempos...
Um pequeno passo, apenas “ik”
Um o caído, anel de ouro,
Que rola pelo chão.”
 (“Guerra na Ratoeira”) [II, 246]

“Ai de vós, ai de vós, habitantes das covas

¹⁰⁴ Konstantin Nikoláievitch Bátiuchkov (1787-1855), poeta lírico e ensaísta.

Do mundo [*mira*] e da peste [*móra*] dos suicos [*morchtchin*] profundos.

(“Guerra na ratoeira”) [II, 248]

“As moças admiram-se”. [Devítsy diviátsia] (“Jogo no Inferno”) [II, 124]

“Então entre *na bainha* [*nójni*], tu não és *necessário* [*míjen*].”

(“A destruição da Atlântida”) [I, 99]

“Soubesse alguém *compreender* [*poniat*] a multidão

Soubesse alguém *culpar* [*peniat*] a multidão.”

(“Guerra-morte”) [II, 189]

“A inteligência sumária *dos discursos* [*retchiéi*]

O *regato* [*rutchiéi*] encapelado.”

(“Niéga-niégo”) [II, 17]

“O *cadafalso* [*plákha*] é *mau* [*plókha*] somente,

Porque nele cortam as cabeças das pessoas.”

(“Manifesto dos presidentes do globo terrestre”) [III, 19]

Aquela *deusa* [*boguínia*], que ora *corre* [*beguínia*],

Onde florescem os nenúfares.” [II, 22]

“Enquanto a boca *da mina* [*kopiéi*] *fervia* [*kupiéli*]...

Oh, *arrasta* [*mtchi*] as *espadas* [*metchi*] nosso grito que corre.

Da doce rotina

A *treva* [*mgla*] está cheia.

Amar nesta noite

Até a *tumba* [*moguila*] *podia* [*moglá*] [II, 30]

¹⁰⁵ Jogo popular russo. praticado por duas equipes com bastões e uma pequena boia de madeira.

“Então vemos e acreditamos, *sentindo* [tcháia] e desejando [tcháia].” [II, 250]

“A canoa sobre a onda oscilava fragilmente, Arrebentava a onda livre Ele estava chorando baixo, o coitado (miserável), Ela está cheia de tristeza. E depois sai altivamente, Recompondo o cabelo, Pela vereda montanhosa com firmeza...”	[Tchéln o vólni bílsia válok, Bílas vól’naia volná On bil, plátchka tíkko, jálok, Oná grústio polná. I potóm ukhódit górho, Poprabláia volossá, Po tropínke górhoi tviórdo...]
--	--

(“Altchák”) [II, 52]

“Os anos do vôo impetuoso.” [Búrnogo lióta letá]

(“Mulher de pedra”) [III, 35]

<i>Ia videl</i>	“Eu vi
<i>Výdel</i>	o amaciamento
<i>Vióssen</i>	das primaveras
<i>V óssen,</i>	No outono
<i>Znaia</i>	Conhecendo
<i>Znói</i>	O calor
<i>Siniéi</i>	Mais azul
<i>Soni...</i>	Do que o sonho...”

[III, 27]

“Kant... Comte... Kent... Kin...”

(“Diabinho”) [IV, 202]

Popularização desse procedimento em Asséiev¹⁰⁶, Maiakóvski.

Kogdá zemnoe sklónit <i>len</i> ,	“Quando o terrestre fica preguiçoso,
Vikhodit liógkin chagom <i>lan</i> ,	O gamo sai com passo ligeiro,
S vertviéi sorviótsia miágko <i>lun</i>	Dos ramos despenca suavemente o luar,

Plesniót struiêiu tchôrnói *lin*.
I tchei-to *stan* kolíblet *ston*,
To mójet – *Pan*, a mójet – *pen*,
Iz *tíni* – *tén*, iz *síni* – *son*,
Poká na *Don* nie liájjet *dién*.

Asperge com um jato negro a escuridão,
E o corpo de alguém é agitado por um gemido,
Pode ser – Pan, pode ser – um toco,
Do lodo – sombra, do azul – o sonho,
Até que sobre o Don o dia não deite.”
(Asséiev, 1916)

Deus? Adeus. Uma corrida...
Cama verde, campo escampo...
O corcel veloz dos tempos...
Bebe e celebra!

(Maiakóvski. “Nossa marcha”)¹⁰⁷

(Cf. em E. Guró: O dia através da nuvem – uma duna) [*Dién skvoz óblako – diuna*]

Um exemplo interessante de construção sonora é a contaminação de dois elementos da construção num terceiro.

Exemplos do folclore: “*Síla salómu lómit*.”[A força quebra a palha.] (Provérbio)

“No distrito de Veréiski um velho contador contava que um mujique, querendo se vingar, atraiu astuciosamente o *bárin* [patrão] até a casa de banho e lá o surrou e bateu nele até quase a morte. Bateu no *bárin* no banho! Essa é boa! – Comentou encantado um dos rapazes ouvintes.”

Em Khlébnikov:

“Tu sabes: o caminho desvirtua a discussão [*priá*],
E seremos leais a *Perun*...
Assim tu acabaste *Perunépr*.

(“A Perun”)[II, 198/199]

“E a donzela [*dieva*] virgem [*vekínia*], virgem [*vekínia*] por todos os séculos [*v vekakh*],

¹⁰⁶ Nikolai Nikoláievitch Asséiev (1889-1963), poeta e escritor. Pertenceu ao grupo futurista “Centrifuga”e, a partir de 1920, colaborou com Maiakóvski na revista LEF (Front Esquerdo das Artes).

¹⁰⁷ Trad. Haroldo de Campos. *Maiakóvski – Poemas*. São Paulo, Perspectiva, 1992, p. 83.

Vivendo sua vida [vekúia svoi viek] em coroas [v venkakh] de fogo estival...

[II, 265]

“Bandos [sómni] de amigos meus voaram
De sete [sémero] em sete [sémero], aos centos [sto].
E atrás deles soltamos um gemido [ston] nós [my]...”

[III, 25]

O som inicial, diz Khlébnikov, possui uma natureza particular, diferente da natureza de seus acompanhantes. O primeiro som da palavra governa os demais. As palavras, começadas por uma consoante, têm sentido comum, como uma constelação de estrelas cadentes¹⁰⁸.

A aliteração no sentido restrito desse termo é baseada no significado poético do som inicial da palavra. Exemplos das estruturas consonantais compostas em Khlébnikov:

“E na profunda languidez da neve
Há auroras de sonhos brancos do passado.
E nas brenhas azuis o sol gemia
O céu espargiu amáveis pombrenhas.
A morte esticou os beijos risonhos num beijo,
A abóbada exangue e vazia esticou para ser beijado,
Seu corpazul com tranças de dente-de-leão,
Cujos cabelos de ouro cabelos são,
Lágrimas cristalizadas, cujas vozes são cabelodes de voz,
Petrificaram no gelo eterno,
E cegos nós as chamamos de universos... [II, 272]

“I v utónnykh niégakh sniéga

¹⁰⁸ No texto “Nossa base” (em *Materiais para um Estudo do Cubo-futurismo Russo*, cit., p. 236), teorizando sobre o fenômeno da língua transmental (*zaum*), Khlébnikov afirma: “A língua transmental parte de duas premissas:

1. A primeira consoante de uma palavra simples rege a palavra inteira: comanda as demais consoantes.
2. As palavras começadas pela mesma consoante são unidas por um mesmo conceito, e parece que vêm voando de cantos diferentes para um único ponto da razão.”

Nesse texto, escrito em 1919-1920, posterior portanto à elaboração deste estudo de Jakobson, Khlébnikov apresenta suas principais concepções sobre a linguagem poética e sua própria práxis.

Bylykh biélykh grióz zari
I v debriakh golubykh stonalo solntse
Liúbri gólubri nieho rassipalo.
Smiékhlye ustá smiert protianúla tselúiuuchaia,
Dokhlá i pustá tvierd protianulas tselúiemaiá,
Golubotiélaia odurvantchikokóssaia,
Tchi vólossy zólota vólossy,
Oviéklye sliózi ostéklanelye, tchi gólossy vólody gólossa,
Zastyli netliénnyimi, zoviom ikh sliépye vseliénnyimi vseliénnyimi...

Na primeira quadra há as seguintes séries repetidas:

- 1) B – L : *bylykh, biélykh, liúbri, gólubri*. *Bylykh-biélykh* que flexiona o grupo. *Liúbri-gólubri* - a forma é percebida através da comparação de dois neologismos com o atributo formal geral e através da comparação com os mesmos atributos – principal e formal, mas usados fora dos neologismos: *debriakh golubrykh*.
- 2) S – T – N – L : *utónnykh, sniega, solntse*; contaminação – *stonalo*.
- 3) N – G : *niégakh, sniega*.
- 4) R – Z : *grióz, zari*.

O quinto e sexto versos nas suas segundas metades são paralelos na relação sintática, morfológica e eufônica: *smiert – tvierd, protianula – protianulas, tselúiuuchaia – tselúiemaiá*.

As primeiras metades são paralelas apenas eufonicamente, contendo nas sílabas paralelas do esquema silábico os mesmos grupos de consoantes intervocálicas (khl, st).

Compare-se o mesmo fenómeno nas *tchastuchkas*:

“O barco de oito remos navega,	“Pliviot lódka viéssel vóssem,
Meu benzinho me largou no outono.”	Mói milionok bróssił v óssen.”

“*Vólossy zólota vólossy / gólossy vólody gólossa.*” – metátese eufônico-sintática.

Os últimos versos dão os seguintes grupos repetidos:

- 1) S – L: *vólossy, sliózy, gólossy, slepye, vseliénnyimi*.
- 2) T – L: *golubotiélaia, zólota, netliénnyimi*.

Contaminação de ambos os grupos: zastýli osteklianiélye.

3) V- L: vólossy, oviéklie, vólody.

4) K – L : oviéklie, osteklianiélye.

*V póru kogdá v vírei
Vremirei umtchalis stai,
Iá vrémuchkom-kámuchkom igryvalo
I vrémuchek-kámuchek kínulo,
I vrémuchek-kámuchko kánulo,
I vremínia krýlia prostiórla.*

[II, 271]

O poema é construído com base na comparação do “Vr” e do “K” inicial: vírei, vrém -, igryvalo; kogdá, kámuch-, kínulo – kánulo, krýlia. Os demais grupos consonantais *pr* (póru), *st* (stai) e *rl* (krýlia) estão contaminados na palavra final (prostiórla).

<i>Tebιά poiú, moi sínii son,</i>	“Canto-te, meu sonho azul,
<i>I tiéni sánei zolotyé</i>	E as sombras douradas dos trenós
<i>Zimí sedói i sizi sto</i>	E do inverno grisalho o lamento cinza
<i>I tiéni tiémi...</i>	E as sombras da escuridão... [II, 277]

Aqui se misturam as fricativas (6s, 3z) e as oclusivas dentais (6t e 1d) com as nasais (6n e 3m), e a palavra contaminada – *ston*.

A língua prática conhece a substituição de uma consoante inicial por outra como resultado da analogia (por exemplo, *diéviat* [nove] por influência de *diéciat* [dez]); é ainda mais característico esse fenômeno para os lapsos; tais são os casos de antecipação do som inicial de uma das palavras acompanhantes (p. ex., “skap stoit” ou, ao contrário, “liésa lostút”¹⁰⁹).

¹⁰⁹ V. A. Bogoroditski. *Лекция по обще.му языкознанию*. (Lições de lingüística geral). Kazan, 1915, p. 190.

Nos poemas de Khlébnikov esse fenômeno é empregado como procedimento poético: a consoante inicial é substituída por outra, extraída de outras bases poéticas.

A palavra recebe, por assim dizer, quase uma nova característica sonora, o significado oscila, a palavra é percebida como um rosto inesperadamente desconhecido, no qual se percebe algo conhecido.

*“Siiáiuchaia vólza
Jeláemikh resnits
I láskovaia dólza
Laskáiuchikh desnits.
Tchezóri golubýe
I nróvi svoenráviia.
O mravo. Moia moroliev
Na ózere sinem – mórol.
Nitch trusi – tudá,
Gdié plátchet zórol.”*

A assimilação é facilitada, em primeiro lugar, pela comparação de dois substitutos da consoante inicial na mesma palavra (*volza – dolza, mórol – zórol*); em segundo lugar, pelo mesmo substituto em duas palavras vizinhas (*mravo - morolieva*); em terceiro lugar, pela vizinhança com a palavra deformada, da qual é tirada a consoante inicial (*nróvi svoenrávie*).

Semelhante substituição está presente nas línguas profissionais artificiais.

Tolstói, não desejando afastar os sobrenomes dos heróis de *Guerra e Paz* da realidade, desejando que eles “soassem como conhecidos e naturais no círculo aristocrático russo”, não podia, segundo ele, “contornar esse obstáculo de outra maneira, pegando ao acaso os sobrenomes conhecidos para o ouvido russo e trocando neles algumas letras” (Cf., p. ex.: “Bolkónski”, “Drúbetskoi”). “Eu lastimaria muito, - diz Tolstói, - se a semelhança dos nomes inventados com a realidade pudesse dar a alguém a idéia de que eu queria descrever esta ou aquela pessoa real.”

As assim chamadas palavras gêmeas (*Reimwörter*) também representam um fenômeno lingüístico semelhante, somente com a diferença de que a palavra deformada nesses casos permanece ligada à forma original. Muitos exemplos são encontrados nos

gracejos, com os quais, segundo Shein, a criançada travessa brinca sempre sem outras intenções, apenas como divertimento verbal.

VIII

As palavras emancipam-se parcialmente de seus sentidos através do jogo dos sinônimos, isto é, a uma nova palavra não corresponde um novo sentido; por outro lado, torna-se possível uma nova diferenciação das nuances semânticas.

“Ele é nu e pelado

(“Vila e o Silvano”) [I, 129]

“Saiba e conheça”.

(“A Destruição da Atlântida”) [I, 97]

“Quem para nós é companheiro e amigo...” [III, 17]

“Nós, pastores dos homens e da humanidade”. [III, 17]

“As pessoas dos castigos e da vingança”.

(“A Destruição da Atlântida”) [I, 101]

“Os desenhos lamentosos das mortes e o óbito”.

(“O Dragão do Trem”) [II, 107]

O fenômeno inverso é o jogo de homônimos, baseado, assim como o jogo de sinônimos, na não-coincidência da unidade significativa e da palavra – ele é análogo à cor que ultrapassa o traço do desenho na pintura.

Exemplos:

“A trança [*kossá*] ora enfeita o alto da cabeça, descendo pelo ombro, ora ceifa [*kossit*] a grama.

A medida [*miera*] ora está cheia de aveia, ora faz magia com as palavras.”¹¹⁰ [II, 93]

Cf. em “A Barraquinha de Feira” de Blok¹¹¹: “Surge... a moça... a trança [*kossá*] no ombro. Os místicos: - Lá vem!... uma foice [*kossá*] no ombro! É a morte!”.

¹¹⁰ Na Segunda oração do exemplo, Khlébnikov alude à métrica [*miera*] da poesia russa antiga.

¹¹¹ Aleksandr Aleksándrovitch Blok (1880-1921), poeta e dramaturgo. Foi o representante maior do Simbolismo na Rússia.

“Que livros excelentes ela deixou aqui. Um monte deles. Todo o Comte e o Kant. E mais o Knut. Cocheiro, está precisando de um chicote [*knut*]?”

- Hein? Eu tenho o meu.” (“Diabinho”) [IV, 202]

“E as abóbadas [*svódy*]¹¹² soberbas levantaram-se
As leis do bando subterrâneo.”

(“Jogo no Inferno”) [II, 119]

Cf. em Maiakóvski: “Somente onde se escondiam maldosamente sob os códigos [*svódy*] das leis, moram os juizes desanimados.”

O procedimento preferido dos poetas contemporâneos é o emprego simultâneo da palavra nos sentidos literal e metafórico.

“Tu (Fontanka) te arrastas dos palácios,
Sob o planalto de Claude, a Niévski
E por entre as pedras pretas
Atingirás, como Dostoiévski,
O fundo da alma enferma.

(B. Lívchits)¹¹³

Exemplos de realização de jogo com sinônimos, quando os sinônimos surgem como se fossem personagens independentes:

“O sono passa pelo banco,
O cochilo pela isbá,
O sono diz:
- Eu quero dormir.
O cochilo diz:
- Eu quero cochilar.
O sono passa por um saguão,
O cochilo por outro,

¹¹² Em russo, *svod* significa abóbada e também código.

¹¹³ Benedikt Konstantínovitch Lívchits (1887-1939), poeta. Participante dos primeiros grupos de poetas cubo-futuristas, deixou um livro de memórias (*O Arqueiro de um Olho e Meio*) em que relata as experiências e a ambiência do movimento.

O sono do cochilo tudo procura saber...”

Aqui há evidentemente a personificação de dois membros do paralelismo formal do tipo:

“A moça passa pelo saguão,
Bela por um outro.”

Isto é, no verso A é dado o substantivo, no verso B, paralelo a A, o epíteto, e como caso particular – o sinônimo.

“No aniversário do Vânia
Nós assamos um bolo –
Ficou largo assim,
Ficou estreito assim,
Ficou alto assim,
Ficou baixo assim.”

(Canção lúdica infantil)

“O mês nasce desnudo
Diante da lua cerúlea.”

(Briússov)

“Onde o limite dos nimbos [*túch*] e da nuvem [*oblaká*]... [I, 101]

“Por isso o torrão natal [*otétchestvo*] se tornou canibal,
E a pátria [*ródina*] a esposa dele.” [III, 19]

O último exemplo é caracterizado como um índice de obrigatoriedade para a imagem verbal da categoria lingüística de gênero. Personificando-se, os nomes de gênero feminino tornam-se seres de gênero feminino, e nomes de gênero masculino e neutro tornam-se seres de gênero masculino. Assim, por exemplo, é o russo, que imaginava os dias da semana como seres: a segunda-feira e o domingo como homens, e a quarta-feira,

como mulher¹¹⁴. Era interessante a pergunta de Répin: por que o pecado (die Sünde) em *Stuck* é representado como mulher?

Cf. a obrigatoriedade analógica de gênero gramatical em relação ao adjetivo possessivo na cantiga infantil:

“Aveia para a mulher,
Trigo para o homem,
Cevada para a menina,
Painço para o menino.”

As palavras estrangeiras e dialetais são material sinonímico por excelência:

“Lá meio medrosamente, gemem: Deus,
Lá murmuram baixinho: Got
Lá gemem curto e grosso: Dieu.”

(*A Marquesa Dezès*) [IV, 235]

“*Skol'ko skúki v skóke skálki!*
O dién, i din, i dzen!
O notch, nuotch i nitch!”

“Quanto tédio no pulo do rolo!
Oh, dia, e *din*, e *dzen!*
Oh, noite, e *nuotch* e *nitch!*”

A ressaca marinha da unidade universal.”

(“Os Filhos da Lontra”) [II, 168]

(*Nuotch* e *nitch* são variantes fonéticas ucranianas, *dzen* é bielorrusso, *din* é um dialeto ucraniano).

Cf. em Maiakóvski:

“Em honra
Ao seu ilustre título:
Br-r-a-vo!
Viva!
Banzái!
Hurra!

¹¹⁴ Em russo, segunda-feira e domingo são palavras, respectivamente, masculina e neutra; quarta-feira é

Gokh!
Hip-hip!
Evoé!
Hosana!

(*O homem*)

Em geral, as palavras de língua estrangeira são muito empregadas em poesia, porque sua constituição fônica surpreende, enquanto seu sentido permanece em surdina.

São assim também os neologismos de Khlébnikov, baseados em nomes próprios:

“Oh, dostoievskurvas de nuvens fugidias,
Oh, puchkinotas de um turvo meio-dia,
A noite mira-se, como Tiútchev,
Enchendo o infinito de pasmo.

(“O Mundesdofim”) [II, 89]

“Herdades noturnas, gengiscantem!
Crepitai, bétulas azuis!
Albas da noite, zaraturvem
Ao céu cerúleo mozarteante!
Goyam trevas como nuvens!
Roops é um cirro soturno!”¹¹⁵

(“Quatro Pássaros”) [II, 217]

Aqui, como também na maior parte dos casos, a poesia humorística torna-se como que anunciadora de inovação. Cf. em Púchkin: *kiukhelbekernamente, é ogontcharovado*.¹¹⁶ Em Koltsov, já fora do emprego humorístico: *pilatar*. Os nomes próprios e os sobrenomes, na língua prática, são rótulos, ligados ao chamado objeto somente pela associação por contigüidade e que não provocam geralmente nenhuma sensação verbal. É diferente na

palavra feminina.

¹¹⁵ Trad. Haroldo de Campos. *Poesia Russa Moderna*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, p. 76.

¹¹⁶ Os termos da oração remetem ao poeta, dramaturgo e crítico Vilguelm Kárlovitch Kiukhelbeker (1797-1846) e ao escritor Ivan Aleksándrovitch Gontcharov (1812-1891), respectivamente.

língua emotiva e na poesia. Na última observamos, em primeiro lugar, a renovação do sentido; no emprego humorístico em Púchkin:

“Alegra-te, Rus! Nosso Glinka –
Já não é *barro* [*glinka*], mas porcelana.”

Em Khlébnikov: “Dos cadáveres de *Púchkin* nós faremos *canhões* [*púchek*] idolatrados do sono.” Em Maiakóvski: “Estou *satisfeito* [*sit*] como *Sítin*.”

Em segundo lugar, somente a etimologia poética é apresentada: “Oh, *Trútchev* de nuvens [*tútch*].” [IV, 233]

IX

Na poesia contemporânea, à semelhança das comparações semânticas, a rima aproxima-se muito da comparação eufônica, é análoga no âmbito do que contrasta. A composição sonora da rima khlebnikoviana e, em geral, as rimas na nova poesia russa apresentam as seguintes características:

- 1) As consoantes têm mais valência que as vogais. Esse é, em geral, um traço da eufonia contemporânea.

O conservador literário Andréievski¹¹⁷ indignava-se com o vocalismo desordenado nos poemas do precursor dos modernistas Slutchévski¹¹⁸. Já na opinião de Aleksei Tolstói, as vogais átonas não têm nenhum significado. “Somente as consoantes são levadas em conta e constituem a rima.” Para o poeta contemporâneo, aquelas rimas de Púchkin, como *meniá - moiá, sebiá - iá, liubvi - moi, oná - sochlá* e outras, são absolutamente inconcebíveis.

- 2) A diferença entre as consoantes duras e brandas na maioria dos casos é nivelada.

As vogais caracterizam-se acusticamente pelo nível do tom principal, e as diferenças acústicas entre as consoantes palatizadas e não-palatizadas são também as diferenças na altura do tom principal. Pois bem, a evolução da eufonia poética é paralela ao caminho da música contemporânea – do tom ao ruído.

- 3) A escola de Púchkin cultivava na rima os sons finais, a poesia contemporânea – os sons de apoio, os sons finais podem não coincidir.

¹¹⁷ Serguéi Andréievski (1847-1919), poeta.

- 4) As consoantes podem não ser idênticas, mas apenas parecidas acusticamente.
- 5) A ordem das consoantes pode ser desigual (rima-metátese).
- 6) O acento nas palavras que rimam pode não coincidir.

Se a rima era geneticamente uma fixação rítmica, uma legitimação, como que uma cristalização de um tipo particular de estrutura fônica, então, a rima contemporânea parte também de uma série de outros tipos (por exemplo no âmbito da repetição – do tipo CBA). Evidentemente, os ataques de poetas de diversas escolas e períodos contra a rima são explicados, na maioria dos casos, por ela constituir a canonização de apenas um único tipo, ou seja, um empobrecimento se comparado à “combinação habilidosa de sons de vogais ou consoantes dentro do próprio curso da fala”, a qual defendia, censurando a rima, o poeta Semion Bobrov. Esse enriquecimento da rima passou a existir quando a atenção começou a se fixar mais insistentemente na estrutura fônica do verso: aquelas construções, que antes ficavam latentes, finalmente emergiram no claro campo da criação.

No âmbito da repetição, único dos procedimentos eufônicos não canonizados da poesia russa, ao qual foi dedicado apenas um trabalho satisfatório, os poetas russos do passado deram conta apenas do tipo AB. Em suas anotações sobre os versos, eles concentram a atenção apenas sobre esse tipo. Púchkin fala dos sons musicais “vla - vla”, Semion Bobrov assinala a linha poética em Lomonóssov: “Somente a areia turvava-se, apenas a branca espuma fervia”.

Radichtchev¹¹⁹ indignava-se com o verso cacofônico de Trediakóvski¹²⁰. “Kniga derjima im bylá sobrániem ímnov” [O livro que estava em suas mãos era uma coletânea de hinos]. A rima, sendo a manifestação sucessiva ou parcial de uma simetria no que diz respeito à eufonia, evolui na história da poesia russa a partir da simetria semântica, sintática ou morfológica; primeiro, para a assimetria sintática, depois para a assimetria morfológica. A simetria morfológica conservou-se apenas na poesia do neologismo, de que já falamos acima.

Uma espécie característica de rima assimétrica contemporânea, desnudada, é a rima composta, que no início era monopólio da poesia humorística (as assim chamadas rimas *calembours* de Mináiev¹²¹ e outros.

¹¹⁸ Kostantin Konstantínovitch Slutchévski (1837-1904), poeta e prosador.

¹¹⁹ Aleksandr Nikoláievitch Radichtchev (1749-1802), autor do livro *Viagem de São Petersburgo a Moscou*, considerado um escritor pré-romântico.

¹²⁰ Vassili Kirillovitch Trediakóvski (1703-1769), poeta, dramaturgo, tradutor e teórico da versificação russa.

¹²¹ Dmítri Dmítrievitch Mináiev (1835-1889), poeta e jornalista.

Desnudar a rima significa emancipar sua potência sonora da ligação semântica. Nessa direção, pode-se estabelecer na história da poesia russa as seguintes etapas (embora todo o momento, todas as etapas possam coexistir na periferia da poesia):

1) As palavras que rimam são antes de tudo ligadas, justapostas do ponto de vista semântico.

2) As palavras que rimam não são ligadas entre si por uma relação semântica, mas são reunidas por sua importância no plano da significação, por uma espécie de acento semântico.

3) À qualidade de portadoras de rimas são artificialmente promovidas as palavras externas ao propósito essencial, ao interesse da narração, as palavras não essenciais no plano semântico (por exemplo, os epítetos).

4) Palavras que são logicamente quase que exteriores ao texto, que são empregadas *ad hoc*, rimam entre si. Cf. a opinião de Einhenvald sobre as rimas de Briússov. Desse modo, salienta-se o valor eufônico da rima.

Sob uma forma latente, são exatamente as rimas, empregadas *ad hoc* que caracterizam a poesia em geral.

Richet¹²²: "A rima provoca o poema. O espírito funciona a *calembours*).

Na poesia contemporânea esse procedimento é desnudado. Esse mesmo desnudamento da versificação pode ser visto em Púchkin, justificado humoristicamente.

"O escravo frígio arranjou uma língua no mercado,
Cozinhou-a ... (na casa do patrão Defun
Defumou-a). Depois Esopo a
Serviu à mesa... De novo! A troco de quê Esopo,
Com sua língua cozida,
Eu mencionei nos meus versos? E toda a Europa leu,
Não é necessário tornar a falar nisso,
Finalmente, com esforço, eu, rimador insensato,
Livrei-me desta oitava difícil."¹²³

¹²² Alusão à obra de Charles Richet, *Essais de Psychologie Générale* (Paris, 1887).

¹²³ Фригийский раб, на рынке взяв язык,
Срабил его - (у господина Копа
Копят его). Езоп его лотом
Принёс на стол... Опять! зачем Езопа
Я вплёл сего вареным языком

(“Casinha em Kolomna” – da primeira redação)

O desnudamento da rima como que a realça, o que é muito importante nos casos em que o verso é fracamente limitado pelas constantes rítmicas. Por isso, na poesia oral o verso da narrativa folclórica cultivava exatamente a rima desnudada; tal rima, não raro, também aparece nos versos silábicos, e ela naturalmente era rejeitada pelos criadores da versificação tônica. Transmitindo como exemplo característico da versificação silábica russa um poema anônimo do século XVII sobre o juízo final, Trediakóvski observa: “Assim a rima foi considerada necessária nos versos, até que a palavra rimada não significasse nada e fosse absolutamente mutilada ou inventada intencionalmente, e concordasse apenas com a rima do verso precedente; tal palavra horrível não era desprezada, mas, ao contrário, preferida por causa da rima.” [...] ¹²⁴

Cf. as rimas compostas etimológicas em Simeon Pólotski (*Plutón – plut on* e etc.). O verso livre russo salientou com nova força a orientação para a rima.

Também a repetição, até um certo ponto, é desnudada em Khlébnikov, isto é, os grupos de palavras que constituem a repetição quase sempre não têm fundamentação lógica.

*“Polná sobrázna i belá,
Oná zabila pro belila.”*

“Branca e cheia de tentação,
Ela se esqueceu do pó-de-arroz.”

(“Mavka”) [II, 196]

В мои стихи? Что вся прочла Европа,
Нет нужды вновь беседовать о том,
Насило-то, рифмач я безрассудный,
Отделался от сей октавы трудной («Домик в Коломне» - из ранней ред.)
¹²⁴ Segue-se o exemplo do poema, que reproduzimos transliterado, com as rimas inventadas sublinhadas:
“Sostavi, kósti trepiécht,
I vlássi ikh klepiécht
Vssió i zviózdi náipatche
Tchísti, svetlozpátchni v zrátche
Tako j minúiet próttchikh;
Ogn vossiát v górnrtchikh...
Oni emú est svetíl’nik,
Troími vrati vkohodíl’nik.
Vssié vessiélie dukhovno,
Vssiindu glas rádsti zovno.
Kniáz, kniaguini, kniajáni,
Voevodi, potentáni,
Voenatchál’niki morskí.
Sukhopútn, velik, malóvski.
Vssiém dadútsia ventsi dragui,
Odiéjdi, zlatosvietovlágui.

“Takíe <i>nrávi</i> i <i>drová</i>	“Tais costumes e lenha
<i>V straniê</i> usópchikh <i>vstrietchi!</i>	No país dos encontros mortos!
<i>Iz slióz</i> , tchto kogdá-libo <i>lilís</i> ,	Das lágrimas, que algum dia foram derramadas
<i>Utióssi stoiát</i> i <i>stolbí...</i>	As rochas ficam petrificadas em colunas
<i>Tekh vlastelínov viéssel</i> sbród...	Daqueles poderosos a escória está alegre...
<i>Il vízbat ston lukavói khári</i>	Ou provocar o gemido da cara do tentador
<i>Pod vízg verkhóvni kolessá...</i>	Acompanhado pelo ganido alto da roda...
<i>V otchakh</i> sideli zdiés kossie,	Nos óculos ficaram sentados aqui os vesgos,
<i>Khvostóm</i> pod míchkoi <i>chekotchá...</i>	Com a cauda coçando o sovaco...
<i>I vzvilsia</i> vverkh <i>vessióli</i> tuz...	E levantou-se para cima o alegre figurão...
<i>I vssió nevol'no</i> zgudiélo,	E tudo involuntariamente começou a zunir,
<i>V glazákh izmiéni</i> sladkoi trúbí,	Nos olhos as traições da doce corneta,
<i>Sredí zimí</i> tetchiót Nevá...	Durante o inverno flui o Nievá...
<i>Oná pochlá</i> , dabi sgoriét,	Ela foi, para ser queimada,
<i>Vissoko, pochló</i> i <i>besplatno...</i>	Alto, vulgar e gratuitamente...

(“Jogo no Inferno”) [II, 119]

[...] ¹²⁵

Lá, onde o momento semântico está enfraquecido, percebemos uma certa condensação eufônica. [...] Cf. em Púchkin:

“O que? Terminar ou deixar tudo pe?
Confesso a vocês, eu na linha pentamétrica...”

“Tchto? <i>Perestát ili pustít na pe?</i>	“O que? Terminar ou deixar tudo em pe?
<i>Priznat'ssia</i> vam, iá v <i>piatistópnoi strótchke...</i> ”	Devo confessar que na linha de cinco pés...

(repetição prstt – psttnp pr – ptstpn – str).

Em Khliébnikov:

“ <i>Putevógnoi rad slezie,</i>	“Estrela que orienta o caminho,
<i>Nie protívilisia stezie...</i> ”	Não se opôs à senda...”

¹²⁵ “Ty... *my-s miássom* tíóplim nas nejí. (“Guerra-morte”) [II, 188]

(“T” e “E”) [I, 87]

Os últimos dois versos constituem uma repetição perfeita.

O próprio Khliébnikov diz: “Eis a *tchastuchka* de ‘Bofetada no gosto público’”:

“Krilichkúia zolotopis’ móm	“Aleteando com a ourografia
Tontcháichikh jil,	Das veias finíssimas
Kuzniétchk v kúzov púza ulojil	O grilo
Pribrejnikh mnogo trav i ver...”	Enche o glil do ventre-silo
	Com muitas gramas e talos da ribeira.” ¹²⁶

Nela, nos 4 versos, à revelia de quem escreveu esse disparate, os sons U, K, L e R repetem-se cinco vezes cada.” [V, 185]

Cf. também:

“V sonógakh metchtógakh	“Dos sonários devanários
Potchil on, potchemú u tchertí.	Ele repousou nas fronteiras
V tchertógakh grezógakh	Nos palácios imaginários
Potchil on, <i>potchil u methti.</i>	Ele repousou, repousou no sonho.”
	(Niéga-niégol) [II, 16]

No quarto verso, em comparação com o segundo verso, há uma metátese: mtchr – lmtch.

O desnudamento da metátese paralelamente ao enfraquecimento natural do momento semântico encontra-se presente no poema de Khlébnikov “Pereviértne”:

“Kóni, tópot, inok,	“Os cavalos, o tropel, o monge,
No niê riétch, a tchiôpen on.	Mas não a fala, mas ele está preto.
Idiôm molod, dólom miédi	Andando jovem, pelo vale de cobre
Tchin zvam miétchiom návznitch.	O título é derrubado com a espada
Golod tchem miétch dólog?	A fome como a espada é longe?
Pal a nórov khud i dukh vórona lap.	Caí emagrecido e o corvo pegou meu espírito em suas garras
A tchto? Já lov? Volia óttcha!	E o que? Eu fui preso. Vontade do padre!

¹²⁶ Trad. Augusto de Campos e Bóris Schnaiderman – *Poesia Russa Moderna*, p. 70, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1968.

Iád, iád, diádia!

Veneno, veneno, tio!

Idí, idí...”

Vá, vá... [II, 43]

Cf. os assim chamados relicários do poeta de Kiev do século XVII Velitchkóvski:

“Anna mi mati i ta mi manna,

Anna píta miá i mati panna,

Anna dar i mniê sien mira danna.”

São sobretudo características as condensações eufônicas, o ornamento sonoro para os refrões e o início. Exemplos de início em Khlébnikov:

De xale ia o doido... [*V chali chaly chiol...*] (Canção dos mortos de “Os Erros da Morte” [IV, 251])

Pode-se observar o mesmo fenômeno numa série de procedimentos próprios da poesia de Khlébnikov: o enfraquecimento da significação e a valorização autônoma da construção eufônica. Um único passo separa-nos aqui da linguagem arbitrária.

“Meu primeiro propósito em relação à palavra, diz Khlébnikov, é encontrar a pedra mágica que permite a transformação das palavras eslavas uma na outra, sem romper o círculo das raízes; fundir livremente as palavras eslavas. É a palavra autônoma, alijada da vida diária e das necessidades cotidianas. Meu segundo propósito em relação à palavra: percebendo que as raízes são de fantasmas atrás dos quais esticam-se as cordas do alfabeto, descobrir a unidade de todas línguas as línguas do mundo, formada pelas entidades do alfabeto. É o caminho para a língua transmental universal”. [II, 9]

Essa criação arbitrária de palavras pode ser formalmente associada à língua russa. Eis os versos de Konstantin Bolchakov:

“Esmiérami verdómi vesná lílélit...”

Em Khlébnikov:

“Eis que lá no caminho o branco ergueu-se e ficou sensideliado.

Será noite, será árvore ou imaginação minha?

Ah, permita-me usar esta palavra no sentido de delícia.”

(“Experimento Rococó”) [II, 101]

“Taramela o zinzibér”¹²⁷

“Tararákhnul zinziviér

(“O Grilo”) [II, 37]

Tais palavras como que procuram para si um significado. Nesse caso não se pode, talvez, falar em ausências semânticas. Ou melhor, trata-se de palavras com uma forma interna negativa, como, por exemplo, o nominativo “dom” [casa], segundo Fortunátov, é uma palavra com forma negativa de declinação .

O segundo tipo de criação arbitrária de palavras não entra em nenhuma relação de coordenação com a língua prática presente. Tais são, p. ex., as glossolalias dos sectários, que seus criadores acreditam tratar-se de línguas estrangeiras. Em Khlébnikov, as obras transmentais são justificadas, p. ex., pela língua dos pássaros (“Sabedoria no Alçapão”), pela língua dos macacos (*Ka*), pela língua demoníaca (“Noite na Galícia”), onde ele emprega largamente as fórmulas mágicas russas.

A própria justificação pode ser transmental.

“Bobeóbi cantar de lábios

Veeomi cantar de olhos

Pieeo cantar de cílios

Lieeee cantar do rosto

Gsi-gsi-gseo o grilhão cantante.

Assim no bastidor dessas correspondências

Além-tempo vivia o semblante.”¹²⁸

Para o discurso transmental do tipo que está sendo analisado, são características as combinações de sons que não são usadas na linguagem prática. Assim, em Khlébnikov: 1) o hiato (“lieei” e etc); 2) a dureza das consoantes diante do “e” (“veeomi” e etc); 3) grupos estranhos de consoantes (cf. especialmente “Sabedoria no Alçapão” e *Ka*).

Vimos, numa série de exemplos, como a palavra na poesia de Khlébnikov perde a objetividade, depois a forma interior, e, finalmente, até mesmo sua forma exterior. Na história da poesia de todos os tempos e povos observamos muitas vezes que para o poeta, na expressão de Trediakóvski, “somente o som” é importante. A língua poética tende, no

¹²⁷ Trad. Augusto de Campos e Bóris Schnaiderman. *Poesia Russa Moderna*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, p. 70.

¹²⁸ Tradução de Haroldo de Campos. *Poesia Russa Moderna*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, p. 73.

limite, à palavra fonética, ou melhor, - como é óbvio, - à palavra eufônica, à linguagem transmental.

Mas é característico o modo como Khliébnikov fala sobre o próprio limite: “Quando eu escrevia *Kα*, as palavras transmentais de Ekhnaten moribundo “mantch, mantch!” quase provocavam dor; eu não as podia ler, havia um relâmpago entre mim e elas. Agora, elas nada são para mim. O porquê - eu mesmo não sei.”

BIBLIOGRAFIA

1. Obras de Roman Jakobson

- JAKOBSON, R. e POMORSKA, K. - *Diálogos* (Trad. Elisa A. Kossovitch com a colaboração de B. Schnaiderman, L. Kossovitch e H. de Campos), São Paulo, Cultrix, 1985.
- _____ - «Футуризм» (“O Futurismo”) in *Работы по Поэтике* (*Trabalhos sobre Poética*), Moscou, Progress, 1987.
- _____ - *Linguística e Comunicação*, São Paulo, Cultrix, 1968.
- _____ - *Linguística, Poética, Cinema* - São Paulo, Ed. Perspectiva, 1970.
- _____ - «Новейшая русская поэзия» (“A Novíssima poesia russa”), in *Работы по Поэтике* (*Trabalhos sobre Poética*), Moscou, Progress, 1987.
- _____ - *Poética em ação*, São Paulo, Coleção Estudos, Ed. Perspectiva.
- _____ - *Questions de Poétique*, Paris, Seuil, 1976.
- _____ - “О поколении, растратившем своих поэтов” (“Sobre a geração que esbanjou os seus poetas”), Moscou, 1919 (xerox).
- _____ - *Работы по Поэтике. (Trabalhos sobre poética)*, Moscou, Progress, 1987.

2. Obras sobre Roman Jakobson

- БИРЮКОВА, С. / БИРЮКОВ, С. (BIRUKOVA, S. / BIRUKOV, S.) - «К общей теории авангарда» (“Para uma teoria geral da vanguarda”) in *Материалы международного конгресса «100 лет Р. О. Якобсону» / Contributions to the International Congress “Roman Jakobson Centennial”*. Moscou, RGGU, 1996, p. 199-200.
- ВАЙСКОПФ, М. (VAISKOPF, M.)- «Миф Якобсона о Маяковском» (“O Mito de Jakobson sobre Maiakóvski”) in *Материалы*

- международного конгресса «100 лет Р. О. Якобсону»
(*Contributions to the International Congress "Roman Jakobson Centennial"*). Moscou, RGGU, 1996, p. 210.
- ЛЕВИНТОН, Г. А. (LEVINTON, G. A.) - «К Поэтике Якобсона» («Para uma Poética de Jakobson») in *Материалы международного конгресса «100 лет Р. О. Якобсону» / Contributions to the International Congress "Roman Jakobson Centennial"*. Moscou, RGGU, 1996, p. 201-202.
 - НИКОЛЬСКАЯ, Т. (NIKOLSKAIA, T.) - «Р. О. Якобсон: 41° - H₂SO₄» («R. O. Jakobson - 41° - H₂SO₄») in *Материалы международного конгресса «100 лет Р. О. Якобсону» / Contributions to the International Congress "Roman Jakobson Centennial"*. Moscou, RGGU, p. 213.
 - AIZLEWOOD, R. - «Jakobson and Maiakovskii: Maiakovskii's hexameter verse in *Материалы международного конгресса «100 лет Р. О. Якобсону» / Contributions to the International Congress "Roman Jakobson Centennial"*. Moscou, RGGU, 1996, p. 162.
 - VÁRIOS - *Роман Якобсон : Тексты, Документы, Исследования.* (Roman Jakobson: Textos, Documentos, Estudos). Moscou, RGGU, 1999.

3. Obras sobre História da Literatura

- LO GATTO, ETTORE - *Profilo della letteratura russa dalle origine a Solzenicyn*, Milano, Mondadori, 1975.
- _____ - *Storia della letteratura russa moderna*, Milano, nuova Accademia, 1958.
- _____ - *Storia della letteratura russa contemporanea*, Milano, Nuova Accademia, 1958.
- MIRSKY, D. S. - *A history of russian literature from its beginnins to 1900*, New York, Vintage Books, 1960.
- _____ - *Histoire de la littérature russe*, Paris, Fayard, 1969.

- MOSER, C. A. - *The Cambridge History of Russian Literature*. Cambridge University Press, 1992.
- SLONIN, MARC - *El teatro ruso - del imperio a los soviets*, Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1965.
- TERRAS, V. - *Handkook of Russian Literature*. Yale University Press, 1985.
- VÁRIOS - *Literatura russa do fim do século XIX e início do século XX* (em russo), Moscou, Ed. Ciência, 1971.
- WELLEK, R. - *História da crítica moderna*, São Paulo, EDUSP, 1971.

4. Dicionários e enciclopédias

- *Dicionário russo-português* (N. Voinova, S. Starets, V. Verkhucha, A. Zditovetski), Moscou, Ed. Língua Russa, 1989.
- *Dicionário português-russo* (S. Starets, N. Voinova), Moscou, Ed. Língua Russa.
- *Dicionário de língua russa* (S.I. Ojeg), Moscou, Ed. Estatal de dicionários nacionais e estrangeiros, 1952.

5. Obras de consulta sobre o formalismo e o futurismo russo

- ANDRADE, H. F. - *Materiais para o estudo do cubo-futurismo russo*, Dissertação de Mestrado, FFLCH, USP, SP.
- ARVATOV, B. - "A verbocriação (a propósito da poesia transmental)" in Andrade, H. F., *Materiais para o estudo do cubo-futurismo russo*, Dissertação de Mestrado, FFLCH, USP, São Paulo, p. 278-311.
- BERNARDINI, A. F. - *Materiais para o estudo do futurismo russo e do futurismo italiano*, Dissertação de Mestrado, F.F.L.C.H., USP, SP, 1970.
- _____ - *Poesia e poéticas do futurismo russo e italiano*, tese de doutoramento, F.F.L.C.H., USP, SP, 1972.
- BRODSKI, N. e LVOV-ROGATCHEVSKI, V. - *Литературные манифесты от символизма к октябрю: сборник материалов*. Mouton, 1969.
- CKLOVSKI, V. - "Sobre a poesia e a linguagem transmental" in Andrade, H. F. de- *Materiais para o estudo do cubo-futurismo russo*, Dissertação de

- Mestrado, FFLCH, USP, São Paulo, p. 183-221.
- ERLICH, V. - *El formalismo russo*. (trad. J. Cabanes). Barcelona, Seix Barral, 1974.
 - GORIELY, B. - *Le avanguardie letterarie in Europa* (trad. italiana de D. Moltaldi e M. Gregorio) Milano, Feltrinelli Ed., 1967.
 - KHLIÉBNIKOV, V. - *Собрание сочинений III (Obras reunidas III)*, Munchen, W. Fink Verlag, 1972.
 - _____ - *Ka*, (Trad. Aurora F. Bernardini), São Paulo, Perspectiva, 1977.
 - _____ - *Poesie di Chlébnikov* (Trad., ensaio e comentários de A. M. Ripellino), Torino, Einaudi, 1968.
 - _____ - *Le pieu du futur* (Trad. e prefácio de Luda Schnitzer), Lauzanne, Editions L'Age d'Homme, 1970.
 - KRUTCHÔNIKH, A. - *15 лет русского футуризма* (15 anos de futurismo russo), Moscou, 1928 (I.D.C.)
 - _____ - "A palavra enquanto tal" in Andrade, H. F. - *Materiais para o estudo do cubo-futurismo russo*, Dissertação de Mestrado, FFLCH, USP, São Paulo, p. 96-108.
 - _____ - "Novos caminhos da palavra" in Andrade, H. F. - *Materiais para o estudo do cubo-futurismo russo*, Dissertação de Mestrado, FFLCH, USP, São Paulo, p. 109-130.
 - LIVCHITS, V. - "A libertação da palavra" in Andrade, H. F. - *Materiais para o estudo do cubo-futurismo russo*, Dissertação de Mestrado, FFLCH, São Paulo, p. 131-141.
 - MAIAKÓVSKI, V., *Избранные сочинения (Obras escolhidas)*, Moscou, Ed. Estatal, 1949.
 - _____ - *Poemas* (Trad. Augusto e Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman) São Paulo, Perspectiva, 1992.
 - POMORSKA, K. - *Formalismo e futurismo*, (Trad. Sebastião U. Leite, org. Boris Schnaiderman e Haroldo de Campos), São Paulo, Perspectiva, 1972.
 - PERLOFF, M. - "A Palavra Libertada: Texto e Imagem no Livro Futurista Russo" in *O Momento Futurista. Avant-garde, Avant-guerre e a Linguagem da*

- Ruptura*. São Paulo, EDUSP, 1993.
- SCHNAIDERMAN, B. - *A poética de Maikóvski através de sua prosa*, São Paulo, Perspectiva, 1971.
 - TINIANOV, Iu. EIKHENBAUN, B. e SHKLOVSKI, V. - *Formalismo e vanguardia*, Madri, A. Corazon ed, 1973.
 - VÁRIOS - *Дохлая луна (A lua rebentada)*, Moscou, 1913 (I.D.C.).
 - _____ - *Poesia russa moderna* (Trad. Augusto e Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman), São Paulo, Brasiliense, 1985.
 - _____ - *Teoria da literatura: formalistas russos*, Porto Alegre, Ed. Globo, 1976.
 - VINOKUR, G. - "Futuristas - construtores da língua", in Andrade, H. F. - *Materiais para o estudo do cubo-futurismo russo*, Dissertação de Mestrado, FFLCH, USP, São Paulo. p. 254-277.

6. Obras complementares

- BLOK, ESENIN, MAJAKOVSKIJ, PASTERNAK - *Poeti russi nella rivoluzione* (ed. bilingue a cura di Bruno Carnevali), Roma, Newton Compton editori, 1976.
- BLOK, A. - *Стихотворения и поэмы* (Poesias e poemas), Moscou, Ed. Escritor Soviético, 1961 (v.2).
- BERMAN, M. - *Tudo que é sólido desmancha no ar - a aventura da modernidade*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- BRODSKY, J., - *Menos que um*- São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- CAMPOS, Haroldo de - "Maiakóvski em português - roteiro de uma tradução", in *Revista do livro*, 1961.
- _____ - "Comunicação na Poesia de Vanguarda" in *A arte no horizonte do provável*, São Paulo, Perspectiva, 1977.
- CARPEAUX, O. M., *As revoltas modernistas na literatura*, Ed. de ouro, 1968.
- FIGES, O. - *A Tragédia de um Povo. A Revolução Russa (1891-1924)*, Rio de Janeiro, Record, 1996.
- FRANK, J. - "Roman Jakobson: O Mestre *Linguista*" in *Pelo Prisma Russo*.

- São Paulo, EDUSP, 1992.
- LIVCHITS, B. - *Полтораглазый стрелец* (O arqueiro de um olho e meio) ,
Leningrado, 1933, I.D.C.
- LUKACS, GEORG - *Introdução a uma estética marxista*, Rio de Janeiro,
Civilização Brasileira, 1978.
- MARINETTI, F.T. e outros - *O futurismo italiano*, (org. Aurora F. Bernardini)
São Paulo, Perspectiva.
- PEIXOTO, F. - *Maiakóvski-Vida e Obra*, São Paulo, Paz e Terra, 1986.
- RIPELLINO, A. M., *Maiakóvski e o teatro de vanguarda*, São Paulo, Perspectiva,
1971.
- SCHNAIDERMAN, B. - *A poética de Maiakóvski* , São Paulo, Ed. Perspectiva,
1984.
- _____ - *Semiótica russa*, São Paulo, Perspectiva, 1984.
- STRADA, V. - "Por que Maiakóvski não podia envelhecer" in *URSS-Russia*,
Milano, Rizzoli, 1985; pp. 150-154.
- VÁRIOS- *Poesia russa moderna*, (Trad. Augusto e Haroldo de Campos e Boris
Schnaiderman), São Paulo, Brasiliense, 1985.
- VOLKOV, S. - *São Petersburgo - Uma História Cultural*. Rio de Janeiro,
Record, 1995.



SBD / FFLCH / USP	
SEÇÃO DE: LETRAS	TOMBO: 216942
AQUISIÇÃO: DOAÇÃO / SERVIÇO DE PÓS-GRADUAÇÃO /	
DATA : 07/12/01	PREÇO: R\$ 30,00

ANEXO

CRONOLOGIA DA VIDA E DA OBRA DE R. JAKOBSON

Roman Jakobson: Cronologia da vida e da obra¹

- 1896** Nasce em Moscou, em 28 de setembro (10 de outubro, pelo novo calendário) filho de Óssip Abrámovich Jakobson, um industrial proeminente, e Anna Iákovlevna Jakobson, *née* Vol'pert.
- 1914** Ingressa na Universidade de Moscou.
- 1915** Juntamente com alguns alunos da Faculdade de História e Filologia, RJ funda, em março, o Ciclo Lingüístico de Moscou, e atua como seu presidente até 1920; organiza intensivo trabalho de campo sobre dialetologia e folclore russo durante as férias dos verões de 1915 e 1916.
Recebe o prêmio Busláiev, na Universidade de Moscou, por uma monografia sobre a linguagem das canções épicas do norte da Rússia.
- 1918** Conclui o curso na Universidade de Moscou.
- 1918-20** Associação de Pesquisas na Universidade de Moscou.
- 1919** Escreve "A Novíssima Poesia Russa", em maio, Moscou, pretendido como uma introdução às Obras Completas de Khlébnikov.
- 1920** Professor de ortoepia, Escola Dramática de Moscou.
Chega a Praga em 10 de julho, como tradutor da primeira Missão da Cruz Vermelha Soviética para a Tchecoslováquia; permanece na Tchecoslováquia até a ocupação nazista em 1939, tornando-se oficialmente cidadão tcheco em 1937.
- 1921** Publicação, em Praga, de "A Novíssima Poesia Russa".
- 1922** Casa-se com Sofia Nikolaevna Feldman, em Praga.
- 1923** Publicação de "Sobre o Verso Tcheco".
- 1926** Fundação do Círculo Lingüístico de Praga, em 6 de outubro, com RJ como seu vice-presidente.
- 1928** Participa do Primeiro Congresso Internacional de Lingüística, Haia, 10 a 15 de abril e, juntamente com S. Karcevski e N. Trubetzkói, apresenta uma série de teses sobre fonologia.
- 1929** Publicação de "Remarques sur l'évolution phonologique du russe comparée a celle des autres langues slaves". Participa do Primeiro Congresso Internacional de Filólogos Eslavos, Praga, 6 a 13 de outubro. Juntamente com outros membros do Círculo Lingüístico de Praga apresenta uma série de teses.
RJ inicia um trabalho como líder da Seção Eslava do Leste (Ostslavisches Referat) do jornal "Slavische Rundschau", editado por F. Spina e G. Gesemann e publicado por Walter de Gruyter e Companhia, Berlim, de 1929 a 1939.
- 1930** Ph.D, Universidade Alemã em Praga; dissertação "Über den Versbau der serbokroatischen Volksepen".
Suicídio de Maiakóvski em 15 de abril.

¹ Os dados para a elaboração desta cronologia foram retirados das seguintes fontes: TERRAS, V. *Handbook of Russian Literature*. Yale University Press, 1985; JAKOBSON, R. e POMORSKA, K. – Diálogos. São Paulo. Cultrix, 1985; VVAA - Роман Якобсон: Тексты, Документы, Исследования (Roman Jakobson: Textos, Documentos, Estudos). Москва. РГГУ, 1999.

- Participa da Conferência Internacional de Fonologia, Praga, 18 a 21 de dezembro.
- 1931 Publicação de «К характеристике евразийского языкового союза». Muda-se de Praga para Brno, no final do ano.
- 1932 Participa do Congresso Internacional de Ciências Fonéticas, Amsterdã, 3 a 8 de julho.
- 1933 Participa do Terceiro Congresso Internacional de Linguistas, Roma, 19 a 26 de setembro.
- 1933-34 Professor Assistente da Universidade de Masaryk, Brno.
- 1934-37 Professor visitante da Universidade de Masaryk.
- 1935 Conferência “Poesia do período hussita”, no Círculo Linguístico de Praga, 29 de abril.
Divorcia-se de Sofia Nikolaevna Feldman, em 27 de junho. Casa-se com Svatava Pirková, em julho. Visita a Bulgária de julho a agosto.
- 1935-36 Conferências sobre “A Escola Formal” na Universidade de Masaryk.
- 1936 Participa do Quarto Congresso Internacional de Linguistas, Copenhague, 27 de agosto a 1.º de setembro.
- 1937-39 Professor Associado de Filologia Russa e Literatura Tcheca Antiga, Universidade de Masaryk, Brno.
- 1938 Conferência sobre os fundamentos das análises filológicas, Círculo Linguístico de Praga, 21 de março.
Morte de N.S Trubetzkói, 25 de junho.
Participa do Terceiro Congresso Internacional de Ciências Fonéticas, Universidade de Ghent, 18 a 22 de julho.
- 1939 RJ e sua esposa Svatava deixam Brno após a ocupação nazista da Tchecoslováquia em 15 de março; escondem-se em Praga enquanto aguardam os vistos de saída.
Chegam à Dinamarca, em 23 de abril; profere conferências na Universidade de Copenhague.
Deixa a Dinamarca e parte para a Noruega em 3 de setembro; profere conferências na Universidade de Oslo.
- 1940 Torna-se cidadão norueguês em 30 de julho.
Após a invasão nazista da Noruega em 9 de abril, foge para o norte, entrando na Suécia por Sarna; Professor visitante na Universidade de Uppsala.
- 1941 Publicação de “Kindersprache, Aphasie und Allgemeine Lautgesetze”. Os Jakobson deixam a Suécia num navio cargueiro de 3600 toneladas, o “Remmaren”, com acomodações para 18 passageiros. Entre seus companheiros de viagem estão Ernst Cassirer e sua esposa Toni. O navio atraca na costa de Nova Iorque em 4 de junho de 1941.
Nomeado para a “Faculté des Lettres, École Libre des Hautes Études”, Nova Iorque, como professor de Linguística Geral, e para o “Institut de Philologie et d’Histoire Orientale et Slave” como professor de Filologia Eslava; onde lecionou de 1942 a 1946. Os cursos incluíam “Le son et le sens des mots”, “Les Changements de la langue”, “Phonologie”, “L’affinité et la parenté des langues”, “Phonologie”, “La Poesie tchèque du IX ao XV siècle”, “La Langue Russe, Miroir et Vehicule de

Culture”, “Linguistique Générale”, “Le dit d’Igor, Lecture et Interpretacion”, “Les Grands Figures de la littérature tchécoslovaque”, “Les Troubles du langage”, “La révolution russe vue par un linguistique”, “La structure grammaticale du russe comparée avec celle du français et de l’anglais”, “Lecture et interpretation de poèmes polonais, tchèques et slovaque”, “Les sons et les sens”.

Trabalha na Biblioteca Pública de Nova Iorque, de abril a setembro, organizando sua coleção da Linguagem Aleutiana e materiais folclóricos.

1943 Nomeado Professor Visitante de Linguística Comparada da Universidade de Columbia.
Publicação de “Moudrost starúkh Cechu”.

1943-46

Professor Visitante de Linguística, Universidade de Columbia.

1944 Membro fundador do Círculo Linguístico de Nova Iorque e de sua revista “Word”.

1946 Nomeado para a recém formada Cadeira de Estudos Tchecoslovacos, Universidade de Columbia, que ocupou até 1949.

1947 Condecorado como Cavaleiro da Legião de Honra pelo governo francês.

1948 Resultados do trabalho coletivo com H. Grégoire e M. Szaftel sobre o mais antigo épico russo publicado: “La Geste du Prince Igor”.

1949 Nomeado Professor de Linguas e Literaturas Eslavas e Linguística Geral, Universidade de Harvard.

Honrarias e nomeações:

Membro da Real Academia de Ciências da Dinamarca.

3 ago

Membro do Conselho Curador do Instituto para a Unidade da Ciência.

21 nov

Mestre Honorário de Artes da Universidade de Harvard.

2 dez

Eleito membro Correspondente da Societé Finno-Ugrienne, Helsinque.

1950

10 mai

Proferida conferência em Oxford sobre o verso épico eslavo.

Palestras:

(inverno):

Vassar College, “Som e sentido”.

Wayne State University, “A tradição épica russa e as novas doutrinas da linguagem na URSS.”

Universidade de Michigan, “Som e sentido”, “A fusão do código e da mensagem na linguagem.

Fordham University, “A Tradição épica russa”.

(primavera):

Laboratório de Psico-acústica da Universidade de Harvard, “A relação da psicologia e da linguística na análise sonora do discurso”.

Laboratório de Acústica do MIT (Massachusetts Institute of Technology), “A relação entre o acústico e o linguístico na análise sonora do discurso”.

Institut for Unity os Science, Academia Americana de Artes e Ciências, “Análise sonora do discurso à luz da teoria da comunicação”.

(verão):

Universidade de Michigan, Instituto de Lingüística. sobre “Problemas correntes de lingüística geral” (8 conferências).

Honrarias e nomeações:

Eleito membro da Academia Americana de Ciências e Artes.

Eleito membro honorário do Theonoe, Bruxelas.

Membro da Sociedade de Filologia (Londres).

Conselheiro da Seção de Filologia eslava da Associação de Línguas Modernas da América (MLA).

Membro do Grupo de Filologia de Harvard.

1951 Conferências:

Ago Instituto de Lingüística da Universidade de Michigan

Dez Encontro anual do MLA.

Honrarias e nomeações:

Membro honorário da Associação Internacional de Fonética.

Membro da Sociedade de Acústica da América.

1952 Torna-se cidadão naturalizado americano, em 17 de novembro.

Publicação de “Preliminares da análise do discurso”, escrito em colaboração com C.G.M. Fant e M. Halle.

Conferências:

Jan John Hopkins University.

Abr Simpósio Eslavo-bizantino, Dumbarton Oaks.

Jun Conferência sobre Análise do Discurso no M.I.T.

Participa do Simpósio de Antropologia — Fundação Wenner-Gren para a Pesquisa Antropológica.

Honrarias e nomeações:

Eleito vice-presidente da Associação Internacional de Línguas e Literaturas Eslavas Modernas (Paris).

1953 Dirige o terceiro ano do projeto de pesquisa sobre descrição e análise da norma russa contemporânea que resultou numa série de publicações, “A Estrutura da Norma Russa Contemporânea”.

Palestras:

“Vestígios mais primitivos da língua e do folclore russos.”, Conferência Eslava na Universidade de Harvard.

“Observações Lingüísticas sobre a afasia”, Clark University, Conferência sobre Linguagem Expressiva.

Jun “Problemas Cruciais dos Estudos Comparativos Eslavos”, Conferência dos Eslavistas Americanos e Canadenses, Universidade de Michigan.

Pesquisa de Harvard na descrição e análise do padrão contemporâneo russo”, Conferência dos Eslavistas Americanos e Canadenses, Universidade de Michigan.

Honrarias e nomeações:

Membro do Conselho de estudiosos de Dumbarton Oaks.

Editor do “Slavic Word” (com A. Martinet e F. Whitfield).

1954 Concessão de U\$30,000 da Fundação Rockefeller para mais 3 anos (1955/6-1957/8) de pesquisa na descrição e análise da norma russa contemporânea, liderada por RJ.

Conferências:

“Tradição e inovação no trabalho dos Santos Cyrilo e Metódio”, Seminário Teológico de São Vladimir.

“A antiga lenda russa na fundação de Kiev e seu paralelo armênio”, Dumbarton Oaks.

“Observações Lingüísticas sobre Afasia”, Clube Lingüístico de Yale.

1955 Participação na Conferência Internacional Eslava, Belgrado, 15 de setembro a 21 de setembro.

Palestras:

17 set

“Lingüística eslava e estudos comparativos eslavos na América durante a década pós guerra”, Conferência Internacional de Eslavistas (Belgrado).

26 set

“Estudos americanos sobre línguas eslavas e literatura”, Universidade Zagreb.

28 set

“Lingüística na América”, Universidade de Liubliana.

Out “Problemas cruciais da Lingüística Contemporânea”, Universidade de Amsterdã.

“Dois aspectos da linguagem e dois tipos de distúrbios afásicos”, Universidade de Leiden.

Honrarias e nomeações:

29 jun Membro da Academia Sérvia de Ciências.

21 set Membro do Comitê Internacional de Eslavistas (Belgrado).

1956 Publicação de “Fundamentos da Linguagem”, em co-autoria com M. Halle.

17-25 mai

Visita Moscou a convite da Academia Soviética de Ciências; primeira viagem à União Soviética desde 1920. Como representante americano do Comitê Internacional de Eslavistas, participa deste primeiro encontro, de 17-22 maio, preparando o Quarto Congresso Internacional de Eslavistas.

15-16 jun

Conferência sobre Comunicação no Discurso, Instituto de Tecnologia de Massachusetts (M.I.T).

17-23 jun

Segundo Congresso Internacional de Acústica, Cambridge.

Conferências:

21 mai

“Lingüística geral e eslava na América”, Universidade de Moscou.

23 mai

“O desenvolvimento da fonética na América”, Instituto de Lingüística da Academia de Ciências da URSS, Moscou.

24 mai

“Sobre Maiakovski”, Instituto da Literatura Mundial, Moscou.

25 mai

“Problemas centrais da lingüística moderna”, Universidade de Helsinque.

15 jun

“Linguagem como código conversível”, Conferência de comunicação discursiva, M.I.T.

jul “Problemas de fonologia histórica”, Instituto de Lingüística, Ann Harbor.

Nov “Precursores da fonêmica moderna”, Clube Harvard de filologia.

27 dez

“Metalinguagem como um problema lingüístico”, Encontro Anual da Sociedade Lingüística da América.

Honras e nomeações:

Presidente da Sociedade Lingüística Americana.

17 mai

Membro do Conselho Editorial da Revisão Internacional “Studia Phonetica”.

29 mai

Membro do Conselho Editorial do jornal científico internacional “Information and Control”, iniciado pela Editora Acadêmica sob a editoração de L. Brillouin, P. Elias, e C. Cherry.

1957 Nomeado professor do M.I.T.; ocupou simultaneamente esse cargo e a sua cadeira em Harvard, até que tornou-se Emérito na última instituição em 1965.

Eleito Presidente do Conselho Internacional Permanente de Ciências Fonéticas.

Jan-fev

Encontros do Comitê Internacional de Eslavistas em Praga como seu membro americano.

Conferência Tchecoslovaca de Filologia Eslava em Omoluc e Praga.

8 jan

Preside o Encontro Internacional do Conselho para “Acta Linguistica”, em Oslo.

30 jan

Conferência dos Eslavistas Nórdicos em Uppsala.

5-9 ago

Oitavo Congresso Internacional de Lingüística em Oslo; líder da delegação da Sociedade Lingüística da Sociedade Acústica Americana.

23-6 set

Conferência Internacional Sobre a Vida e a Obra de J. A Comenius, Praga.

25 nov

Discussão com Niels Bohr sobre a relação da Lingüística com as ciências físicas”, M.I.T.; leitura, no M.I.T., de “Lingüística e Física.”

Palestras:

Jan “Principios de Análise Estrutural”, Conferência Tchecoslovaca de Filologia Eslava, Olomuc.

“Lingüística diacrônica e sincrônica”, ibidem.

“Tchecoslováquia nos manuscritos hebreus dos séculos 11 e 13”, Academia Tcheco-eslovaca de ciências.

Fev “Estudos eslavos na América e o desenvolvimento da lingüística geral a partir do período de guerra”, Academia Eslava de Ciências, Bratislava.

“Influência tcheca na Literatura russa no início da Idade Média”, Universidade de Masaryk, Brno.

“Trabalho de Pesquisa de Harvard sobre a Rússia contemporânea”, Praga.

“A Ciência da Linguagem na América”, Instituto de Língua Tcheca da Academia Tcheca de Ciências, Praga.

1958 Professor visitante do M.I.T., com um seminário sobre Traços Distintivos e seus Correlatos Motores, Acústicos e Neurológicos (nov 1958 – jan 1959).

8-12 jan

Terceira Sessão do Comitê Internacional de Eslavistas em Varsóvia .

10 jan

Conferência Científica sobre Lexicologia Polonesa Antiga, Varsóvia.

20 jan

Conferência Polonesa Sobre Linguística Geral, Poznań.

7-10 abr

Conferência Sobre Estudos Iídiches, Universidade de Colúmbia.

17-19 abr

Conferência Sobre Linguagem Poética, Universidade de Indiana.

23-24 mai

Conferência Sobre o Mito na Academia Americana de Artes e Ciências.

24-25 mai

Simpósio Internacional de Filologia, Munster.

18-22 ago

Nono Congresso de Papirologistas, Oslo.

1-10 set

Quarto Congresso Internacional de Eslavistas, Moscou.

3-6 out

Visita a Hungria, com um ciclo de palestras em Bucareste.

16-20 out

Frequenta a Conferência Polonesa de Teoria Literária, Krynica, com palestras sobre "Os aspectos lingüísticos da poesia" e "Lingüística e Métrica".

20-23 nov

LVII Encontro Anual da Associação Antropológica Americana, Washington.

27-30 nov

Encontro anual do MLA, Nova Iorque.

28-31 nov

Encontro Anual da Sociedade de Lingüística da América e encontro do seu comitê executivo, Nova Iorque.

30 nov

Encontro anual do Comitê para Promoção de Estudos Eslavos, Nova Iorque.

Conferências:

9 jul

"Abordagens da linguagem", Universidade de Brandeis.

26 jul

"Trubetzkói e o Desenvolvimento da Fonologia antes e depois dele", Simpósio Internacional de Fonologia, Munster.

5 ago

"Estudos tipológicos e suas contribuições para a Lingüística histórica comparada", no Oitavo Congresso de Lingüística.

2 set

«Морфологические наблюдения над славянским склонением», "Congresso Internacional de Eslavistas, Moscou.

4-9 ago

"Pesquisa Americana sobre Análise Discursiva" e "Tradução como Problema lingüístico", Academia de Estudos Pedagógicos, Moscou.

16-17 set

“Questões fundamentais da Análise Lingüística” e “Antigo épico russo”, Deutsche Akademie der Wissenchften zu Berlin.

18-19 set

Discussão sobre problemas lexicológicos e gramaticais da norma contemporânea alemã, Instituto Alemão de Berlim Oriental.

19 set

Discussão sobre estudos eslavo-americanos, ciclo de eslavistas alemães, Berlim Oriental.

24-5-6 set

“Problemas Básicos da Estrutura Lingüística”, “Antigo épico russo”, e “Lingüística Histórica e Descritiva”, Academia Búlgara de Ciências, Sofia.

2-3-4 out

“Lingüística Histórica e Descritiva”, “Análise americana de sons do discurso” e “Lingüística Matemática”, Academia Romena de Ciências, Bucareste.

6 out

“As Questões Cruciais da Análise Lingüística”, Universidade de Bucareste.

16-20 out

“Os Aspectos Lingüísticos da Poesia” e “Lingüística e Métrica”, Conferência Polonesa Sobre Teoria Literária, Krynica.

21 nov

“O modelo informativo”, Encontro anual, AAA.

Simpósio: Modelos Operacionais em Lingüística Sincrônica.

27 dez

“Lingüística e Poética”, Encontro Anual, MLA.

Honrarias e nomeações:

10 set

Vice presidente do Comitê Internacional de Eslavistas em Moscou.

1959 Membro do Centro de Estudos Avançados sobre a Ciência do Comportamento, Universidade de Stanford, semestre da primavera.

Editor fundador do “Jornal Internacional de Lingüística e Poética Eslava”

30 abr-2 mai

Simpósio Anual de Dumbarton Oaks.

30 set-2 out

Simpósio Internacional “Zeichen und System der Sprache”, Erfurt.

Conferências:

12 jan

“Abertura do Conceito de Fonema na Polônia e Lingüística Mundial”, Academia Polonesa de Ciências, Varsóvia.

15 jan

“Problemas fundamentais da Lingüística Histórica”, Academia Polonesa de Ciências, Cracóvia.

20 jan

“O Lugar da Metalinguagem entre as Funções Lingüísticas”, Conferência Polonesa Sobre Lingüística Geral, Poznan.

3 mar

“Metalinguagem como parte da Linguagem”, Centro para Estudos Avançados na Ciência do Comportamento, Stanford.

20-21 abr

“Linguística e Poética”, “Poetas russos da minha geração”, “Metalinguagem como um problema linguístico”, Universidade de Washington, Seattle.

25 abr

“Linguística no Colégio”, Conferência para professores de colégios e da Universidade da Califórnia, Berkeley.

9 mai

“A pré-história do fonema”, Grupo de Linguística da Universidade da Califórnia.

13 mai

“Estática e dinamismo na Linguagem”, Universidade da Califórnia.

19 mai

“Formalismo russo e a análise moderna da Literatura e do Folclore”, UCLA.

26 mai

“Por que mamãe e papai ?” Centro de Estudos Avançados Sobre a Ciência do Comportamento.

Honrarias e nomeações:

Eleito membro da Academia Polonesa de Ciências.

1960 Membro do Centro de Estudos Avançados sobre a Ciência do Comportamento, Stanford, 1960-1961.

14-15 abr

Simpósio sobre a Estrutura da Linguagem e seus Aspectos Matemáticos.

18-27 ago

Conferência Internacional sobre Poética, Academia Polonesa de Ciências, Varsóvia.

19-21 ago

Conferência organizada pela Sociedade Californiana das Crianças Deficientes em convênio com a Universidade de Stanford — Instituto de Afasia Infantil.

Honrarias e nomeações:

Eleito membro estrangeiro da Academia Real Holandesa de Ciências e Letras.

1961

13-15 abr

Conferência sobre Linguagem Universal, Nova Iorque.

6-9 set

Quarto Congresso Internacional de Ciências Fonéticas, Helsinque.

10-16 set

Décimo Segundo Congresso Internacional de Estudos Bizantinos, Ochrid.

21-29 set

Conferência Internacional sobre Poética, Academia Polonesa de Ciências, Jablonna.

9-15 out

Comitê Internacional de Eslavistas, Belgrado-Skoplje.

Conferências:

17 abr

“A Gramática da Poesia”, na Universidade Estadual de Ohio.

7 set

“O conceito fonético de características distintivas”, Quarto Congresso Internacional de Ciências Fonéticas”, Helsinque.

9 set

Concluindo Discurso, ibidem.

14 set

“A Resposta Eslava aos Poetas Bizantinos”, Décimo Segundo Congresso Internacional de Estudos Bizantinos, Ochrid.

20 set

“A velha poesia da Igreja eslavônica e seu desenvolvimento futuro”, Universidade de Varsóvia.

25 set

“Problemas do paralelismo na poesia folclórica”, Conferência Internacional Sobre Poética, Jablonna.

29 set

“A velha poesia da Igreja eslavônica”, Universidade de Lodz.

Honrarias e nomeações:

Eleito Membro honorário da Academia Real Irlandesa.

8 jun

Doutorado honorário da Universidade de Cambridge.

4 mai

Doutor em Letras Humanas, Universidade de Chicago.

4 set

Doutor em Filosofia, Universidade de Oslo.

1962

Divorcia-se de Svatava Pirkova, em 13 de setembro, Nevada. Casa-se com Krystyna Pomorska em 28 de setembro, Boston, Massachusetts.

Publicação de “Selected Writings, volume 1: Estudos Fonológicos”.

2 jan

Nono Congresso Internacional de Linguistas, Cambridge, Massachusetts.

jan-mai

Encontros do Conselho de Estudiosos de Dumbarton Oaks.

1-10 out

Visita Moscou em conjunto com o encontro do Comitê Internacional de Eslavistas.

Palestras:

19 fev

“Mil anos de Cultura Literária Russa e seu Lugar no Mundo”, Wellesley College.

5 mar

“Mil anos de Cultura Literária Russa”, Brown University.

12 mar

“O problema das Variáveis e Invariáveis na Ciência da Linguagem”, MIT, Escola de Estudos Avançados.

5 abr

“A Escolaridade e Vida Literária na Primeira República Tcheca”. Capítulo de Chicago da Sociedade Tchecoslovaca de Artes e Ciências.

16 abr

“A Textura Gramatical da Poesia”, Clube Lingüístico de Yale.

14 mai

“Poesia Medieval Eslava”, Universidade de Indiana.

15 mai

“Congressos Eslavos e seus Significados”, *ibidem*.

16 mai

“Poesia Medieval Eslava”, Universidade de Michigan.

17 mai

“A Busca das Linguagens Universais”, *ibidem*.

1963

21-23 mai

Simpósio da Fundação Ciba sobre Distúrbios da Linguagem, Londres (ver 1964 b).

17-23 set

Quinto Congresso Internacional de Eslavistas, Sofia.

10-13 nov

Conferência sobre Discurso, Linguagem e Comunicação sob supervisão do Instituto de Pesquisas Cerebrais, UCLA, e Central das Forças Armadas Americanas de Pesquisas Científicas, Los Angeles.

Palestras:

19 mai

Conferência na Universidade de Oxford sobre o Paralelismo na Poesia Folclórica Russa.

12 jun

“O que é morfologia?”, Universidade de Stanford.

17 jun

“Observações Lingüísticas sobre Afasia”, Devereux School, Santa Bárbara, Califórnia.

13 ago

“Análises Lingüísticas e Ensino da Língua”, São Francisco State College.

19 set

“A Estrutura e a Evolução da norma prosódica comum eslava”, Quinto Congresso Internacional de Eslavistas, Sofia.

25 set

“Lingüística e Afasia”, Academia Romena de Ciências, Bucareste.

26 set

“Débuts de la fonologie”, Instituto de Lingüística, Bucareste e “Problemes actuels de la poétique”, Universidade de Bucareste

27 set

“Nouveaux courants dans la linguistique”, Academia Romena de Ciências.

29 set

“Fonologia Eslava”, Universidade de Novi Sad.

1-5 out

Seis palestras sobre princípios de Fonologia, afasia e problemas cruciais da lingüística geral, Filologia eslava, Poética e folclore musical, entregues à Academia Húngara de Ciências, Universidade de Budapeste e Instituto Bartok.

9 out

“Aspectos lingüísticos da afasia”. Academia Polonesa de Ciências.

11 out

Programa de semiótica futura, Academia Polonesa de Ciências.

14 out "Die grammatische Analyse einer Gedichtes von Bertold Brecht", Deutsche Akademie der Wissenschaften zu Berlin.

15 out

"Discussão sobre problemas metodológicos", Academia Alemã de Ciências, Berlim.

Honrarias e nomeações:

Membro honorário, Congressus Historiae Slavicae Salisburgensis.

Membro honorário, Sociedade Finno-Ugric (Helsinki).

31 mai

Honoris causa philosophiae et artium liberalium magister, Universitas Upsaliensis.

7 jun

Litterarum doctor honoris causa, Universidade de Michigan.

1964

6 jan

Encontro Anual do Comitê para Promoção dos Estudos Eslavos, Nova Iorque.

7-9 mai

Simpósio sobre a Missão Bizantina para os eslavos: São Cyrilo e São Metódio (sob a direção de F. Dvornik e R. Jakobson), Centro Dumbarton Oaks de Estudos Bizantinos, Washington.

10-12 jun

Conferência Internacional sobre Língua Armênia, Cambridge, Massachusetts.

3-10 ago

VII Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etimológicas, Moscou.

24-31 ago

Conferência Internacional sobre métrica geral e eslava, Academia Polonesa de Ciências, Varsóvia.

11-14 nov

AFCRL Simpósio sobre Modelos para a Percepção do Discurso e formas Visuais, Boston.

Palestras:

10 jan

"A Ascensão do Moderno Pensamento Lingüístico", John Hopkins University.

28 jan

"Contribuições Lingüísticas para o Estudo da Afasia", Wayne State University.

29 jan

"Programa para um completo dicionário inglês-russo: discussão", ibidem.

30 jan

"O Padrão Prosódico Eslovo e sua Evolução", Universidade de Michigan.

31 jan

"A textura gramatical da poesia", Western Reserve University, Cleveland

17 abr

"Estudos comparativos das antiguidades armênia e eslava", Memorial de palestras J. Mark Kolligian, Associação Nacional de Estudos e Pesquisas Armênicas, Greater Boston Area.

20 abr

"Poesia Eslova Primitiva", Universidade de Yale.

21 abr

“Textura dos versos de Alexandr Blok”, *ibidem*.

8 mai

“A Poesia da antiga igreja eslava”, Simpósio sobre a Missão Bizantina sobre os Eslavos, Dumbarton Oaks Center.

9 mai

“Problemas cruciais dos estudos do método Cyrilo- Metódio, Simpósio, *Ibidem*..

14 mai

Comentários lingüísticos sobre símbolos visuais e auditivos”, Centro de Estudos Cognitivos da Universidade de Harvard.

29 jun-1º jul

“Textura gramatical da poesia”, Instituto de Lingüística, Universidade de Indiana.

15 jul

“As regras de codificação da Linguagem”, Instituto Salk para Estudos Biológicos, La Jolla.

6 ago

“A Evidência Lingüística em Mitologia Comparada”, VII Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas, Moscou.

10 ago

“Signos visuais e auditivos”, “Círculo Lingüístico de Moscou” e “As propriedades específicas do acento em comparação com outros elementos prosódicos”, Conferência Internacional sobre métrica geral e eslava, Varsóvia.

10 set

“A evidência lingüística em mitologia comparada”, Universidade de Copenhague.

15 set

“Signos visuais e auditivos”, Círculo Lingüístico de Copenhague.

9 out

“Mitologia eslava comparada”, Universidade de Indiana.

12 nov

“Sobre signos visuais e auditivos”, Simpósio sobre modelos para a percepção do discurso e formas visuais”, Boston.

Honrarias e nomeações:

Consultor do Departamento de Ciências Sociais, UNESCO.

Membro honorário da Associação Americana para Estudos e Pesquisas Armênias.

Membro do Comitê Científico, Association Mondiale de Psychiatrie.

1965 Torna-se professor emérito da Universidade de Harvard.

12 jan-2 fev

Visita a Itália com inúmeras palestras em sociedades de estudiosos e universidades italianas.

26-29 abr

UNESCO – Quadro de Consultores Especiais, Estudo Internacional sobre a Principal Tendência das Pesquisas sobre as Ciências do Homem, Paris.

24-28 ago

Simpósio Semiótico Internacional, Varsóvia.

21-24 set

Encontro do Comitê Internacional de Eslavistas, Viena.

17 dez

Encontro Anual do Comitê para Promoção de Estudos Eslavos, Nova Iorque.

Palestras:

13 jan

"A Linguagem em relação a outros sistemas de comunicação", Wayne State University.

14 jan

"Mitologia Eslava comparada", Universidade de Michigan.

15 jan

"História Primitiva da Fonologia", Universidade de Michigan.

10 fev

"A Busca da essência da linguagem", Academia Americana de Artes e Ciências, Boston.

9 mar

"A Busca da essência da Linguagem", Universidade Católica, Washington D.C.

30 mar

"A Busca da essência da Linguagem", Universidade do Kansas.

10 mai

"A Busca da essência da Linguagem", Clube Lingüístico da Universidade de Yale.

11 mai

"A Mitologia Eslava Comparada vista pela Lingüística", Universidade de Yale.

28 mai

"Pesquisas sobre Psicolingüística", Centro de Estudos Avançados de Ciência do Comportamento, Palo Alto.

7 out

"Som e sentido", Universidade de Novi Sad, Iugoslávia.

8 out

"Problemas Cruciais dos Estudos Eslavos", Universidade de Belgrado, Iugoslávia.

1966

Publicação de "Selected Writings, volume 4: estudos épicos eslavos".

Membro visitante do Instituto Salk de Estudos Biológicos, La Jolla, Califórnia, Junho-julho.

4-11 ago

Durante a visita à União Soviética, participou do XII Congresso Internacional de Psicologia, Moscou.

13-16 ago

Seminário Internacional sobre Produção Discursiva e Percepção Discursiva, Instituto Pavlov, Leningrado.

19-25 ago

Seminário sobre Semiótica da Universidade de Tartu, Estônia.

13-18 set

The Colloque International de Semiologie, Academia Polonesa de Ciências, Kazimierz.

Palestras:

12 jan

"Poesia Eslava Primitiva", Instituto Universitario Orientale, Napoli, Itália.

15 jan

"Gramática da Poesia", Università degli Studi di Roma, Itália.

18 jan

- “Poesia russa do início do século 20”, Instituto di Filologia Slava. Universidade de Roma.
- 20 jan**
“Gramática da poesia”, Società Dantesca Italiana, Firenze.
- 21 jan**
“O Fonema: História do Termo e Conceito”, Circolo Linguistico Fiorentino, Firenze.
- 24 jan**
“A função poética da linguagem”, Istituto de Glottologia, Università degli Studi di Bologna.
- 31 jan**
“História da Descoberta do Fonema”, Università di Milano.
- 1º fev**
“Gramática da Poesia”, Università di Pavia.
- 2 fev**
“História da descoberta do fonema”, Instituto di Glottologia, Università di Torino, e
“Linguística e poética”, ibidem.
- 7 mar**
“Mitologia eslava comparada” e “Sincronia e diacronia”, Universidade de Princeton.
- 8 mar**
“Reminiscências de um veterano na luta pela poética científica”, Universidade de Columbia.
- 14 mar**
“Gramática da Poesia”, Wellesley College.
- 19 abr**
“Gramática da Poesia”, Brown University, Providence.
- 10 mai**
“Problemas do significado linguístico”, Wayne State University.
- 12 mai**
“Gramática da Poesia”, Universidade de Indiana.
- 13 mai**
“O Significado como o problema principal da linguística”, Universidade de Chicago.
- 17 mai**
“Gramática da Poesia”, Brandeis University.
- 6 jul**
“Significado léxico e gramatical” e “Significado e referência”, Linguistic Institut of LSA, Los Angeles.
- 14 jul**
“Problemas da percepção do discurso”, Instituto Salk.
- 21 jul**
“Problemas cruciais do significado na linguagem”, ibidem.
- 8 ago**
“O papel de elementos fônicos na percepção discursiva”, Congresso Internacional de Psicologia, Moscou.
- 10 ago**

“Poesia eslava do século XIX”, Instituto Eslavo, Academia de Ciências, Moscou.

12 ago

“Algumas questões sobre semântica lingüística”, Instituto de Língua Russa, Academia de Ciências, Moscou.

16 ago

“Modelos de discurso e Características distintivas”, Instituto Pavlov, Leningrado.

22 ago

“Análise dos versos de Radichev”, e “O Círculo Lingüístico de Moscou”, Seminário Semiótico, Tartu.

31 ago

“Questões pendentes de Lingüística Comparada”, Instituto dos Povos Asiáticos, Moscou.

3 set

“Problemas e panorama da lingüística atual”, Universidade de Tbilisi.

5 set

“Rumo à lingüística e à poética estruturais russas” e “Originalidade de Rustaveli”, ibidem.

7 set

“Discussão com lingüistas, psicólogos e historiadores literários”, ibidem.

8 set

“Som e significado na antiga e moderna ciência do idioma”, ibidem.

13 set

“Signatum e designatum”, Colloque International de Sémiologie, Kazimierz, Polônia.

24 out

“A percepção dos sons da linguagem, Instituto de Fonética, Grenoble.

25 out

“A arte verbal dos poetas”, Universidade de Grenoble.

3 nov

“Observations sur le dernier ‘Spleen’ dans ‘Les Fleurs du Mal’”, Universidade de Nice.

8 nov

“Questões controversas da fonologia dinamarquesa”, Institut for lingvistik og fonetik, Copenhagen.

Honrarias e nomeações:

9 jun

Doutor honorário em Ciências, Universidade do Novo México.

22 out

Doctor honoris causa, Universidade de Grenoble.

6 nov

Doctor honoris causa, Universidade de Nice.

3 set

Eleito membro honorário da Academia Tcheca de Artes e Ciências na América.

Vice-presidente do Comitê Internacional de Eslavistas, Oxford.

Dec Membro Presidence Scientifique d'honneur. II Congressus Historiae Slavicae Salisburgensis.

1967

4-6 mai

Simpósio sobre justinianismo e cristianismo oriental, Centro Dumbarton Oaks de estudos bizantinos.

Jul Visita o Japão.

17-24 ago

Visita Moscou.

24-28 ago

Visita Varsóvia.

28 ago-5 set

Visita Bucarest, para o X Congresso de Lingüistas.

5-16 set

Visita Zagreb e Dubrovnik.

16-23 set

Visita Paris.

Palestras:

16 jan

“Questões da Mitologia comparada indo-européia”, Grupo Filológico de Harvard.

28 jan

“Problemes de mytologie comparée vus par un linguiste”, Università degli Studi di Roma.

1º fev

“Linguistique et psychanalyse”, École Pratique dès hautes Études, Paris.

26 fev

“Estudos eslavos atuais”, Sociedade Tchecoslovaca de Artes e Ciências na América, Nova Iorque.

27 fev

“A unidade da literatura russa”, Instituto Russo, Universidade de Columbia.

3 abr

“O ‘Cours’ de Saussure e os panoramas lingüísticos de hoje”, Universidade de Michigan.

4 abr

“As características peculiares da Literatura russa”, ibidem.

5 abr

“Problemas relacionados à percepção do discurso”, Wayne State University.

6 abr

“As características peculiares da Literatura russa”, Universidade de Chicago.

7 abr

“O lugar da lingüística na ciência” e “A gramática da Poesia”, Universidade de Illinois, Urbana.

17 apr

“A poesia da gramática e a gramática da poesia”, Universidade do Colorado, Boulder.

6 mai

“O lugar da lingüística entre as outras ciências”, Universidade da Pensilvânia.

Honorarias e nomeações:

30 jan

Doctor honoris causa. Universidade de Roma.

12 jun

Doctor honoris causa. Universidade de Yale.

Jul Eleito presidente de honra do Instituto de Estudos Avançados da Linguagem, Tóquio.

1968

6-13 ago

Sexto Congresso Internacional de eslavistas, Praga, onde foi reeleito vice-presidente do Comitê Internacional de eslavistas.

4-29 set

Visita o Brasil, com inúmeras palestras em várias universidades brasileiras.

2-4 out

Participa do encontro do Comitê especial para ciências sociais da UNESCO, Paris. Palestra sobre "Os fundamentos e objetivos da lingüística contemporânea em relação a outras ciências", 3 out .

14-17

Participa do simpósio "A Linguagem na sociedade e no mundo em geral", organizado por *Olivetti* em Milão, onde palestrou sobre "A Linguagem em relação a outros meios de comunicação" (14 out).

Professor visitante de Línguas Eslavas e de lingüística, Universidade de Princeton, com seis seminários sobre "Reflexões lingüísticas sobre som e significado", Inverno 1968-1969.

Durante o semestre de inverno deu um curso no M.I.T sobre "Lingüística e Poética".

Conferências:

12 ago

"Mitologia comparada indo-européia à luz da informação eslava", VI Congresso Internacional de eslavistas, Praga.

14 ago

"A Escola lingüística de Praga e a lingüística no mundo hoje", instituto tcheco da Linguagem da Academia Tchecoslovaca de Ciências, e "A Vanguarda da Literatura tcheca do período em guerra", ibidem.

19 ago

"O lugar da lingüística entre outras ciências", Instituto lingüístico da Academia Eslava de Ciências.

20 ago

"Os Estudos literários como ciência e o desenvolvimento da Poética na América", ibidem.

9 set

"Gramática da Poesia", Universidade de São Paulo, Brasil.

10 set

"A Poética de Pessoa", ibidem.

11 set

"A relação entre a lingüística e as outras ciências", ibidem.

13 set

"As questões oportunas da teoria linguística", Universidade Federal do Rio de Janeiro.

16 set

"Meio século de luta pela ciência poética", Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

17 set

"A Gramática da poesia exemplificada pela análise de Pessoa", Universidade Federal do Rio de Janeiro, *ibidem*.

18 set

"A Análise do Código Verbal", Museu Nacional do Rio de Janeiro.

20 set

"Os problemas essenciais da Linguística teórica", Universidade de Salvador.

23 set

"A Doutrina de Saussure à luz da linguística do presente", Universidade de São Paulo.

24 set

"Poética e folclore", Museu de Arte de São Paulo.

26 set

"Questões relacionadas de linguística e poesia", Universidade de Belo Horizonte.

28 set

"Os métodos e objetivos da Linguística teórica", Universidade de Brasília.

14-17 out

"A Linguagem em relação a outros sistemas de comunicação", Milão.

19 dez

"As funções da Linguagem", Instituto Salk de Estudos Biológicos.

Honrarias e nomeações:

13 ago

Doutorado honorário, Universidade Charles em Praga.

15 ago

Doutorado honorário, Universidade Purkyne em Brno.

21 ago

Recebe a Medalha de ouro da Academia Eslovaca de Ciências.

28 set

Eleito membro honorário da Academia de Afasia.

1969

Professor visitante, Brown University, Semestre da primavera, com o curso "Introdução à análise linguística da poesia".

Jun-ago

Membro visitante, Instituto Salk para estudos biológicos, La Jolla, Califórnia.

Lá, participa da conferência "Fundamentos biológicos da Linguagem (7-11 jul) e palestrou (8 jul) sobre "A característica específica e fundamental da linguagem humana".

1969-1970

Professor visitante em Brandeis, semestre do inverno, com um curso sobre a Poética Moderna.

21-22 jan

Encontro em Paris do Comitê Internacional de Semióticos, do qual foi eleito vice-presidente.

Conferências:

6-7 mar

Proferiu as palestras Heinz Werner, Instituto de Desenvolvimento Psicológico, Clark University, sobre "Os caminhos da infância à linguagem".

10 abr

"Padronização subliminar em Poesia", Ann Harbor, Universidade de Michigan.

11 abr

"A aquisição da linguagem", ibidem.

23 abr

"A Linguagem e outros sistemas de signos", Haverford College.

30 jul

"Padronização subliminar em Poesia", UCLA.

20-22 ago

Participa da Conferência "A Entrada da biologia nos estudos humanísticos" e palestrou (21 ago) sobre "A linguagem da vida e a vida da linguagem", Instituto Salk para Estudos Biológicos.

14-18 set

Participou em Praga do Simpósio sobre o filósofo Constantino (ver 1970 i) onde palestrou (17 set) sobre "A arte poética de Constantino e sua escola".

29-30 set

Fez parte do Sétimo Encontro Anual da Academia de afasia em Boston onde palestrou (30 set) sobre "Alguns comentários lingüísticos sobre afasia".

22 out

"Sobre poética russa", Conferência Eslava em Harvard.

8 nov

"Uma abordagem lingüística da criação e do universo do discurso", Simpósio sobre linguagem, símbolo e realidade na Faculdade de Santa Maria, Notre Dame, Indiana.

10 nov

"Nos laboratórios de Poética geral e Eslava", Universidade de Toronto.

Honrarias e nomeações:

18 dez

Premiado com o Doutorado honorário, Universidade Zagreb.

1970 Professor visitante, Brown University, semestre do inverno, 1970-1971, com um curso sobre o Poder Criativo da Linguagem.

Conferências:

12 mar

"A Linguagem e outros sistemas de signos em suas diferentes funções", Universidade de Chicago.

13 mar

"Poesia russa experimental do nosso século", Northwestern University.

20 abr

"Poesia russa experimental do nosso século", Universidade do Texas.

23 abr

"Trabalhos eslavos originais da missão bizantina em Great Moravia", Dumbarton Oaks, Washington.

24 abr

"Poesia russa experimental: seus frutos e raízes", Universidade George Washington.

30 abr

"Idéias revolucionárias na Idade Média Eslava", Universidade Harvard.

4 ago

"Idéias revolucionárias na Idade Média Eslava", UCLA.

23 set

"La place et le rôle de la symétrie dans les structures linguistiques et leurs changements", Venice, Corzo Internazionale d'Alta Cultura.

24 set

"La faillité des arguments contre la poétique linguistique", Circolo di Linguistics, Universidade di Padova.

"Modules symétriques at antisymétriques dans l'art verbal", Universidade de Veneza.

26 abr

"Homologies dans la structure et dans la fonction des codes verbaux et moleculaires", Universidade de Veneza.

2 out

"Representa, como consultor do Comitê Internacional do Centro de Pesquisa para ciências lingüísticas, a Universidade de Indiana. "Idéias revolucionárias da Idade Média eslava", ibidem.

26 out

"O poder criativo da linguagem", Universidade Estadual de Ohio.

12-13

out nov "A constituição da linguagem" e "Aspectos dinâmicos da linguagem", McGill University, Montreal.

Honrarias e nomeações:

26 out

Premiado com o Doutorado honorário (Doutor em Letras Humanas), Universidade Estadual de Ohio.

Mar

Membro Honorário, projeto MAC.

Prêmio da Associação Americana para os Avanços dos Estudos Eslavos.

Jul

Eleito membro presidente do III Congressus Internationalis Historiae et Philologiae Slavicae Salisburgensis, Salzburg.

Set

Reeleito vice-presidente do Comitê Internacional de Eslavistas.

Dez

Nomeado para o Conselho de Diretores do projeto Ossabaw Island.

1971

Publicação do volume 2 de "Selected Writings", e da segunda edição de "Selected Writings", volume 1.

19-21 abr

Participa do Convegno Internazionale "Premarinismo e pregongorismo", Roma.

2-3 set

Participa do Comitê Internacional de Eslavistas: Discussão preliminar, Varsóvia. Encontro em Paris 4-8 set.

3-7 out

Comitê volante da Associação Internacional para Estudos Semióticos, Parma.

29 out

Centro para lingüística aplicada, Encontro preliminar para o Simpósio Semiótico Americano, Washington.

Conferências:

12 fev

“Poetas futuristas russos, reminiscências e comentários”, Universidade Duke.

15 fev

“O poder criativo da linguagem”, ibidem.

22 fev

“O que o poeta faz com as palavras?”, Faculdade Wellesley.

11 mar

“Invariáveis em Lingüística”, Universidade do Texas.

7 abr

“O poder criativo da linguagem a as novas idéias da Idade Média eslava”, Wellesley College.

10 abr

“A escola lingüística polonesa”, e “A escola lingüística de Moscou”, M.I.T.

20 abr

“Composition et structure de mots chez Joachim du Bellay”, Accademia Nazionale dei Lincei, Roma.

23 abr

“Questions perpetuelles du son et du sens dans l’ensemble structure du langage”, ibidem.

27-28 abr

Duas palestras sobre Teoria lingüística, Scuola Normale Superiore di Pisa.

30 abr

“Débuts et objectifs de la sémiotique”, Universidade de Bolonha.

27 mai

“O que os poetas fazem com as palavras?” Currier House, Universidade de Harvard.

Nov Professor visitante, Universidade de Yale, com três palestras sobre “Questões correntes e perpétuas na análise da estrutura da linguagem e da arte Verbal”.

7-11 nov

“Uma visão lingüística da afasia”, III Simpósio Internacional de Afasiologia, Oaxtepec, México.

12 nov

“Problemas de lingüística e poética”, Faculdade do México.

16-22-30 nov

“Questões correntes e perpétuas na análise da estrutura da linguagem e da arte verbal”.

Honrarias e nomeações:

Accademia delle Scienze dell’Istituto di Bologna.

1972

3-8 fev

Professeur d’état, college de France. Quatro palestras: I. “Les caractères primordiaux du langage: Invariance et Variations”, II “Synchronie dynamique”, III “Les fondaments phonologiques du français”, IV “Structuralism and its critics”.

14 fev

Doctor honoris causa, Universidade Católica de Louvain, semestre da primavera.

14-19 fev

Quatro palestras sobre literatura: I "Introdução à lingüística poética", II "O processo criativo — W.B. Yeats: "Eu mesmo refaço", III "Formalismo, estruturalismo e suas críticas", IV "Composition et structure de mots chez Du Bellay".

21-26 fev

Cinco Palestras sobre lingüística: I "Variáveis, Invariáveis, Universais". II "Características Distintas como constituintes elementares da fonologia e seu sistema", III "Aquisição e desintegração da linguagem", IV "Tradição e inovação na história da lingüística", V "Lingüística e Biologia".

28 fev-4 mar

Quatro Palestras sobre estilos verbais: I "Funções e estilos da linguagem", II "Sincronia dinâmica: Códigos, sub-códigos, recodificar", III "Discurso e escrita", IV "A Linguagem em relação a outros sistemas de signos".

Quatro seminários sobre Lingüística, Estilística, Poética e Semiótica.

3-4 mar

Preside o Colóquio Internacional sobre "Problemas de interdisciplinaridade".
Universidade Católica, Louvain.

11-18 out

Décima quarta Sessão plenária do Comitê Internacional de eslavistas, Roma.

20-27 out

Visita a Hungria como convidado da Academia Húngara de Ciências.

27 out-5 nov

Visita a Bulgária como convidado da Academia Búlgara de Ciências.

6-18 nov

Trabalho de pesquisa em Roma.

20-30 nov

Visita Portugal como convidado do Instituto de Alta Cultura. No dia 23, palestrou sobre "Teoria da linguagem", na Universidade de Coimbra.

Dez Professor Visitante, Collège de France: Dois ciclos de palestras.

7-9 dez

"O lugar da semântica entre a ciência da linguagem", Faculdade da França.

14-16 dez

"Os problemas lingüísticos da poesia", ibidem.

Palestras:

22 fev

Discussão sobre semiótica, lingüística e poesia para a TV, Bruxelas.

28 fev

Discussão sobre o Formalismo Russo e o Estruturalismo de Praga para o rádio, Bruxelas.

1º mar

Discussão sobre fonemologia e lingüística, Husserl Archives, Louvain.

10-17 abr "A escola lingüística polonesa", "A escola lingüística de Moscou", M.I.T.

Honrarias e nomeações:

Membro de honra da Associação italiana de semiótica.

Membro Onorario, Associazione Italiana di Studi di Semiotica..

1973 Publicação de "Questões de Poética" (ver 1973 h).

Professor visitante, Universidade de Nova Iorque, semestre do outono.

21-27 ago

Participa do Sétimo Congresso de eslavistas, Varsóvia. (ver 1973 d).

Palestras:

9 out

Palestra "O que os poetas fazem com palavras?", Universidade de Nova Iorque.

14 nov

"O que os críticos fazem com a poesia?", ibidem.

5 dez

"Os fundamentos lingüísticos da Poética", Universidade de Cornell, Ithaca.

6 dez

Mesa redonda sobre lingüística geral e poética, ibidem.

12 dez

"A interconexão entre observadores, usuários e criadores", Universidade de Nova Iorque.

Honrarias e nomeações:

Jan

Indicado membro do Conselho honorário da Sociedade Fonética do Japão.

Membro do Comité d'Honneur, 2me Colloque International d'Audiophonologie de Besançon, France.

5 mai

Recebe o título de membro de honra do Circolo Semiologico Siciliano, Palermo, Itália.

Dez

Indicado membro para o Conselho de Administração da Fundação Internacional de intercâmbio de Labo, Tóquio.

1974

Palestras:

13 abr

"A Universidade de Moscou dos meus anos de estudante", Clube filológico de Harvard.

18 abr

"Os Lamentos de amor dos poetas ao longo de trinta e cinco anos": Yeats visto por um lingüista", Syracuse University, Nova Iorque.

22 abr

"Problemas correntes de estilística e poética", Universidade de Harvard.

18-31 mai

Visita Madri como convidado da Sociedad de estudios y publicaciones, onde proferiu duas conferências sobre "Les problèmes actuels de la poétique", "Tradition et innovation dans la science du langage".

2-6 jun

Frequentou o Congresso da Associação Internacional para estudos semióticos, Milão. "Un coup d'oeuil sur Le développement de la sémiotique".

3 jun

TV Italiana e rádio belga em palestra sobre semiótica.

9-15 jun

Universidade de Zurique, onde profere palestras.

12 jun

"Der grammatische Aufbau der Kleinkindersprache".

13 jun

Linguistic Colloquium.

- Ago** Quatro palestras para a rádio de Zurique. "Der Lebensweg eines Sprachforschers", irradiadas em outubro.
- 25-26 set**
Participou do Simpósio de Charles Sanders Peirce, John Hopkins University, com uma palestra sobre assunto não especificado.
- 16-17 nov**
Frequentou o Simpósio Púchkin, Universidade de Nova Iorque, ver (1976 á) com uma palestra sobre "A estrutura da Poesia de Amor em Púchkin".
- 27 dez**
Frequentou o Simpósio de jubileu de ouro da Sociedade lingüística da América, com uma palestra sobre "O século vinte na lingüística americana e europeia: Movimentos e continuidades".

Honrarias e nomeações:

- Membro honorário, Sociedade Filológica, Londres.
Membro honorário, Real Instituto antropológico da Grã Bretanha e Irlanda.
Membro correspondente da Academia Britânica.
Doutor honorário, Universidade de Tel-Aviv.
Vice-presidente, Associação Internacional para Estudos Semióticos.

1975 Publicação de "Cartas e notas de N.S. Trubetzkói"

Conferências:

- Mar** "Comunicação para a televisão francesa: "L'art abstrait", Paris.
- 11 mar**
"A Ciência dos sons como sinais", União Memorial de Indiana, Universidade de Indiana.
- 23 mar**
Cerimônia de Inauguração do Instituto de Israel para Poética e semiótica, Universidade de Tel-aviv, sobre "Linguagem, signo e poesia".
- 5 abr**
"N. Trubetzkói: "De vez em quando", ibidem.
- 15 abr**
"Algumas questões de mitologia comparada indo-europeia", Universidade de Harvard.
- 16-17 mar**
Palestra no Wolfson College, Universidade de Oxford.
- 16 mar**
Palestra pública, "Dicção poética".
- 17 mar**
Seminário, "Da infância à linguagem".
- 21-22 mar**
"Autoren Kolloquium Roman Jakobson". Palestras, "System und Geschichte" e "Spracherwerb und Sprachverlust" e discussão, Zentrum fur interdisziplinare Forschung at Bielefeld University.
- 26-27 mar**
Faculdade de Filosofia, Universidade de Colônia.
- 26 mar**
Palestra pública, "Dichtung und Sprachkunst", ibidem.
- 27 mar**

Institut für Sprachwissenschaft. Seminar. A Teoria Linguística de Roman Jakobson.

23 mar

“Der grammatische Aufbau der Kindersprache”, Rheinisch-Westfälische Akademie.
Dusseidorf.

4-5 set

“Os últimos constituintes da linguagem”, “Da infância à Linguagem”, Universidade
de Lund.

3 set

“Os últimos constituintes da linguagem”, Universidade de Estocolmo.

9 set

“Características distintivas”, Real Instituto de Tecnologia, Estocolmo.

11-12 set

“Os últimos constituintes da linguagem”, Discussão sobre linguística e Poética.

25-26 set

Participa do “Simpósio Charles Sanders Peirce sobre semiótica e arte” John
Hopkins University, onde proferiu palestra intitulada “Poucos comentários sobre
estruturalismo”.

Honrarias e nomeações:

18 mar

Doutor honorário em filosofia, Universidade de Tel-Áviv.

12 jun

Doutor honorário em Letras, Universidade de Harvard.

1º out

Associado honorário do Centro de Estudos Bizantinos, Dumbarton Oaks,
Washington D.C.

1976 Palestras:

11 fev

“As seis décadas de linguística que eu testemunhei”, Escola de Direito de Boston.
Boston.

11 mar

“Ciência dos sons como signos”, Universidade de Indiana.

5 abr

“Nikolai Trubetzkói: Na época e agora”, Universidade de Yale.

13 abr

“Comentários sobre Estruturalismo”, SUNY em Búfalo.

14 abr

“A Poética em relação a outras disciplinas”, *ibidem*.

22 abr

“Comentários sobre estruturalismo”, Universidade Católica da América.

4-5 set

Visita a Escandinávia, com palestras na Universidade de Lund.

8 set

Universidade de Estocolmo;

9 set

Real Instituto de Tecnologia, Estocolmo;

11-12 set

Sociedade Norueguesa de Linguística, Oslo.

6-17 set

Três palestras a convite sobre a análise estrutural da linguagem. Seminários sobre: Linguística e poética; linguística e antropologia; linguística e filosofia; a comparação das velhas cartas de cortiça de Novgorod com as novas descobertas arqueológicas em Bergen, Universidade de Bergen.

16 nov

"Problemas conjuntos de antropologia e linguística". Departamento de antropologia, Universidade de Harvard.

Honrarias e nomeações:

12 mai

Condecorado Doutor honorário em Letras, Universidade de Columbia.

1977 Palestras:

6 mar

"Minhas memórias de T.G.M.", Clube Masaryk de Boston.

9 abr

"Aquisição da gramática pelas crianças", Clube filológico de Harvard.

10 mai

"Atuais visões da Ciência Linguística", Instituto de Tecnologia de Massachussetts.

6-9 jun

Simpósio sobre filosofia e gramática, Universidade de Uppsala.

20-21 out

"O desenvolvimento da linguística e da poética desde a primeira guerra Mundial", Discussão sobre Linguística e poética, Universidade de Iowa.

Honrarias e nomeações:

9 mar

Eleito membro estrangeiro, Seção Humanística, Societas Scientarum Fennica.

14 jul

Eleito membro honorário da Sociedade Mark Twain.

1978

8 nov

Participa do Tributo a Claude Lévi-Strauss na Embaixada dos EUA, Paris.

Palestras:

7 mar

"Poetas e linguistas", Wesleyan University.

8 mar

"A escrita dos sons discursivos", Universidade de Yale.

3 mai

"Significância dos sons no discurso e na poesia", Conferência Internacional sobre Semiótica da Arte, Universidade de Michigan.

17 jul

"As atuais visões linguísticas", Universidade de Munique. Instituto de linguística.

18 jul

"Die Eigenart der Sprachlaute". Academia Bavária de Ciências (Werner Heisenberg Vorlesungen.)

Honrarias e nomeações:

21 fev

Convidado para aderir ao Editorial e Quadro de conselheiros de "PATHOLINGUISTICA" (Bonn).

29 mar

Eleito membro honorário do MLA.

Dez

1979 Membro Vitalício Honorário. Academia Nova Iorquina de Ciências.

Publicação de "Selected Writings", volume 5: sobre o verso. Seus mestres e exploradores", e "A forma do som da linguagem" (com Linda R. Waugh).

18 nov

Discursa em "Memorial para Sergius Ossipovich Yakobson", The Cosmos Club, Washington D.C.

Palestras:

9 fev

"Discurso e cérebro", M.I.T., Colóquio do Departamento de Psicologia.

16 mar

"Einstein e a ciência da linguagem".

30 mai

"Quarenta anos de características distintivas", Universidade de Copenhague.

29 set

Palestrou sobre "Algumas urgentes tarefas lingüísticas" na Universidade Estadual de Moscou.

1-5 out

Freqüentou o Simpósio Internacional sobre o problema da atividade mental inconsciente sob os auspícios da Academia Georgiana de Ciências, Tbilisi, onde palestrou.

1º out

"Introdução Elocutoria".

3 out

"Sobre o enfoque lingüístico para o problema da consciência e inconsciência".

4 out

"Discurso em memória do psicologista D.N. Uznadze", Universidade Estadual de Tbilisi.

"A relação entre consciência e inconsciência na linguagem", para a televisão de Moscou.

Honrarias e nomeações:

1º jun

Doutorado honorário em Filosofia, Universidade de Copenhague (jubileu de 500 anos da Universidade).

15 ago

Membro honorário, Ciclo Semiótico de Toronto.

1980 Publicação de "Diálogos" (com Krystyna Pomorska).

Palestras:

12 fev-mar

"Caminhos incomuns do idioma russo. Literatura, e cultura", 4 mar Faculdade Wellesley.

13 mar

"Cérebro e linguagem", Universidade de Minnesota.

19 abr

"Questões sobre neurolinguística", Grupo Filológico de Harvard.

23 abr

"Cérebro e Linguagem", Universidade de Yale.

24 abr

"O papel da linguagem inconsciente", Encontro Anual de Psicanalistas e Psicologistas. Universidade de Yale.

29 abr

"Terapia de choque eletro-convulsivo e estrutura da linguagem", M.I.T. Programa de pesquisa em neurociência.

6 mai

"Cérebro e linguagem", Universidade de Nova Iorque, 6 mai.

Honrarias e nomeações:

23 jan

Doutorado honorário da Ruhr-Universität Bochum.

15 mar

Membro, Comitato Sceintifico, Fondazione Schlesinger.

25 mar

Doutorado honorário da Universidade de Georgetown.

1981 Publicação de "Selected Writings, volume III: Poesia da gramática e gramática da poesia".

Conferências:

23 mar

"Cérebro e linguagem", Universidade do Arizona, Tucson.

Honrarias e nomeações:

16 jan

Prêmio da Academia Nacional de Lincei, Roma, 16 jan.

24 mai

Premiado com o Doutorado Honorário em Letras, Universidade de Brandeis.

24 jun

Premiado Doutorado honorário em Letras, Universidade de Oxford.

1982 Morre em 18 julho em Cambridge, Massachussetts. Enterrado no cemitério Mt. Auburn; em seu túmulo, as palavras "Roman Jakobson — Russki filolog" estão inscritas.

Honrarias e nomeações:

Premiado com Hegel-Preis da Sociedade Internacional Hegel e da cidade de Stuttgart.